

**mulheres periféricas constroem
seus mundos com as próprias mãos**
urbanização e as mulheres militantes do jardim
macedônia, capão redondo, na década de 1980

Ana Cristina da Silva Moraes

ANA CRISTINA DA SILVA MORAIS

**MULHERES PERIFÉRICAS CONSTROEM SEUS MUNDOS
COM AS PRÓPRIAS MÃOS: urbanização e as mulheres
militantes do Jardim Macedônia, Capão Redondo, na
década de 1980**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto das Cidades da
Universidade Federal de São Paulo para a obtenção do título de Especialista em
Cidades, Planejamento Urbano e Participação Popular.

Orientador: **Prof. Dr. Tiaraju Pablo D'Andrea**

São Paulo, junho de 2022

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

E-mail da autora: **anacmoraiss@gmail.com**

Morais, Ana Cristina da Silva.

Mulheres periféricas constroem seus mundos com as próprias mãos: urbanização e as mulheres militantes do Jardim Macedônia, Capão Redondo, na década de 1980 / Ana Cristina da Silva Moraes – 2022. – 120 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Cidades, Planejamento Urbano e Participação Popular). – São Paulo : Universidade Federal de São Paulo. Campus Zona Leste. Instituto das Cidades.

Orientador: Tiaraju Pablo D'Andrea.

Título em inglês: Peripheral women build their worlds with their own hands: urbanization and the militant women of Jardim Macedônia, Capão Redondo, in the 1980s.

1. Movimentos sociais. 2. Mulheres. 3. Periferias. 4. Comunidades Eclesiais de Base. 5. urbanização brasileira. I. D'Andrea, Tiaraju Pablo. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao Tiaraju, pela orientação presente e amiga que ajudou a costurar a trama deste trabalho e a aprofundar minhas reflexões.

Aos colegas da segunda turma da especialização em “Cidades, Planejamento Urbano e Participação Popular” do Instituto das Cidades. Agradeço pelos sábados de 2021 compartilhados em encontros animados ainda que online. Agradeço em especial a Anderson Silva, Cleberson Pereira, Getúlio, Lilian, Maíra Silva, Marcio, Marilene Gerônimo e Marina Lopes.

À Suelen Yoshinaga, por, nas conversas dos almoços ainda em 2018, ter me incentivado a prestar o processo seletivo da especialização do Instituto das Cidades.

À Dêssa Souza, pela escrita da música “Menina que embala” e por ter autorizado o uso de trecho da canção no título deste trabalho.

Às entrevistadas, por aceitarem compartilhar as memórias de vida comigo e se engajarem na construção deste trabalho. Agradeço à minha mãe, Tia Cida, Cleusa, Clotilde, Dona Elizabeth, Dona Geralda e Rosário. À Clotilde agradeço ainda por todo material partilhado e pela disponibilidade de sempre em tirar minhas dúvidas.

Aos atuais e ex-moradores do Macedônia entrevistados em 2020 pela pesquisa PUB-USP *Marcas da história social na consolidação da periferia*. Agradeço também aos pesquisadores que participaram do projeto: as professoras Maria de Lourdes Zuquim e Yvonne Mautner e os bolsistas Bianca Cruz, Christopher Belasco, Daniel Rodrigues, Larissa Fava, Isadora Santos e Kauan Silva.

Este trabalho não existiria sem a Escola Feminista Abya Yala. Os encontros de 2019 me levaram a ler *Calibã e a Bruxa* e várias de nossas conversas embasaram reflexões que coloco aqui. Agradeço a cada uma que conheci nesse bonde. É uma honra ser com vocês a continuidade da história que conto aqui.

Da Abya Yala, agradeço em especial à Silvia Tavares, pelo acolhimento de sempre e por ter aceitado compor a banca de avaliação deste TCC. Pelo aceite em compor a banca, agradeço também à Carolina Freitas.

À Silene Amorim, pelas intermináveis conversas de 2019. Este trabalho também não existiria sem os nossos papos e crises partilhados.

À Heloisa Macena – arquiteta-socióloga –, pela revisão do texto, por toda ajuda nesta reta final e por ter me feito acreditar que não estou sendo leviana com o método e a teoria neste trabalho. Obrigada, amiga!

À toda minha família, por acreditarem sempre na educação e que essa é uma luta coletiva.

Aos meus pais, pelo apoio nestes últimos dois meses que possibilitou a conclusão deste trabalho, mas, principalmente, pelo suporte ao longo de toda vida.

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma intelectual pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. Essa experiência forneceu a base de minha compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade, mas antes pode capacitar-nos a participar mais plenamente da vida da família e da comunidade.

bell hooks, 1995

RESUMO

A década de 1980 configurou um momento de inflexão para as classes populares brasileiras, em que “novos sujeitos coletivos” (SADER, 1988) emergiram dos movimentos de bairro, sindicatos e novos partidos políticos, resultando em transformações para todo o país. Nesse contexto, as mulheres foram fundamentais para o desenvolvimento desse processo, em especial, nos movimentos de bairro. No entanto, de modo geral, suas histórias seguem invisibilizadas, sendo vistas, comumente, como um apoio à atuação masculina. Assim, como forma de dar visibilidade a essas mulheres, este trabalho tem como objetivo discutir os modos de organização comunitária das mulheres militantes no Jardim Macedônia durante a década de 1980. De forma secundária, também pretende discutir: i) as mudanças no papel social das mulheres periféricas durante o processo de urbanização brasileira da segunda metade do século XX; ii) as atuais reminiscências das ações das mulheres militantes no Jardim Macedônia durante a década de 1980; iii) os aprendizados que se pode colher dessas ações. Tem-se como hipótese que as diferenças de gênero na organização política-comunitária dos bairros populares da década de 1980 não eram tão pronunciadas quanto costumam ser no restante da sociedade capitalista. Para alcançar os objetivos colocados, foram realizadas entrevistas com moradores do Jardim Macedônia que durante a década de 1980 participaram da vida política-comunitária do bairro. Além disso, foram levantados e sistematizados materiais e fotografias dos acervos pessoais de famílias do bairro e da antiga Sociedade Amigos do Jardim Macedônia e Adjacências.

Palavras-chave: movimentos sociais; mulheres; periferias; Comunidades Eclesiais de Base; urbanização brasileira.

ABSTRACT

The 1980s were a turning point for the Brazilian popular classes, in which “new collective subjects” (SADER, 1988) emerged from neighborhood movements, unions, and new political parties, resulting in transformations nationwide. In this context, women were fundamental to the development of this process, especially, in the neighborhood movements. However, in general, their stories remain invisible and being seen, commonly, as a support for the male role. Thus, as a way of giving visibility to these women, this work aims to discuss the ways of community organization of the militant women from Jardim Macedônia during the 1980s. Secondly, it also intends to discuss: i) the changes in the social role of peripheral women during the Brazilian urbanization process in the second half of the 20th century; ii) the current reminiscences of the actions of militant women in Jardim Macedônia during the 1980s; iii) the lessons learned from these actions. It is hypothesized that gender inequalities in the political-community organization of popular neighborhoods in the 1980s were not as pronounced as they usually are in the rest of capitalist society. To achieve the objectives established, interviews were carried out with Jardim Macedônia’s residents who during the 1980s participated in the community political life of the neighborhood. Furthermore, materials and photographs were collected and systematized from the personal collections of families in the neighborhood and from the former Sociedade Amigos do Jardim Macedônia e Adjacências.

Keywords: social movements; women; peripheries; Base Ecclesial Communities; Brazilian urbanization.

Lista de figuras

Figura 1 - Localização do Jardim Macedônia no município de São Paulo	20
Figura 2 - Fazenda Nossa Senhora de Fátima	22
Figura 3 - Jardim Macedônia no final da década de 1970 ou início da década de 1980	30
Figura 4: - Igreja Católica do Macedônia em construção	33
Figura 5 - Padre Timóteo com parte da comunidade no início da década de 1980	33
Figura 6 - Cleusa, Padre João, Ivone, Clotilde, Antônia e Claudio	34
Figura 7 - Região Episcopal de Itapecerica da Serra na década de 1980	37
Figura 8 - Inauguração da Paróquia São Sebastião em 1984	37
Figura 9 - Tabuleiro do jogo “Ao encontro dos excluídos”	38
Figura 10 - Páginas da cartilha “Jesus: sua terra, seu povo, sua proposta”	40
Figura 11 - Páginas da cartilha “Jesus: sua terra, seu povo, sua proposta”	41
Figura 12 - Capa e contracapa de uma cartilha organizada pela Região Episcopal de Itapecerica da Serra para a Campanha da Fraternidade de 1985	42
Figura 13 - Antiga sede da Sociedade Amigos do Jardim Macedônia e Adjacências	46
Figura 14 - Dia da eleição de 1992 para a SAB do Jardim Macedônia	46
Figura 15 - Dia da eleição de 1992 para a SAB do Jardim Macedônia	47
Figura 16 - Página do Boletim da SAB Macedônia de junho de 1988	49
Figura 17 - Página do Boletim da SAB Macedônia de junho de 1988	50
Figura 18 - Capa do Boletim da SAB Macedônia de maio de 1989	51
Figura 19 - Texto publicado no Boletim da SAB Macedônia de maio de 1989	52
Figura 20 - Manifestantes no Palácio dos Bandeirantes em abril de 1983	54
Figura 21 - Saqueamento em mercearia no Jardim São Luís em abril de 1983	54
Figura 22 - Dia de organização das cestas no salão da igreja	59
Figura 23 - Luzia com educandas de uma das turmas do corte e costura	61
Figura 24 - Luzia com educandas da turma de 1985 do corte e costura	61
Figura 25 - Foto publicada no Diário Popular de uma manifestação em 1990 no Macedônia	62

Figura 26 - Luiza Erundina em visita ao Macedônia em 1989	63
Figura 27 - Obras de pavimentação na Rua Antônio Lopes Machado, Rua 17	65
Figura 28 - Matéria de jornal de 1990 sobre a inauguração da praça	67
Figura 29 - Cartografia dos locais de sociabilidade e conquistas do Macedônia	69
Figura 30 - Dioceses criadas e separadas da Arquidiocese de São Paulo em 1989	71
Figura 31 - Linha do tempo do Jardim Macedônia. Elaboração própria	72

Lista de gráficos

Gráficos 1 - Vereadores eleitos por gênero no município de São Paulo entre 1982 e 2004	75
Gráficos 2 - Deputados estaduais eleitos por gênero no estado de São Paulo entre 1982 e 2002	75
Gráficos 3 - Deputados federais eleitos por gênero no estado de São Paulo entre 1982 e 2002	76

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
CAPÍTULO 1 DO CAMPO À CIDADE	16
1.1. A vida antes de São Paulo	16
1.2. A chegada à “cidade grande”	19
1.3. Algumas reflexões: a criação de um novo modo de vida	27
CAPÍTULO 2 MULHERES MILITANTES NO JARDIM MACEDÔNIA NA DÉCADA DE 1980	29
2.1. CEB, PT e SAB	31
2.1.1. Comunidade Eclesial de Base e o método <i>ver-julgar-agir</i>	31
2.1.2. Partido dos Trabalhadores	44
2.1.3. Sociedade Amigos do Bairro	45
2.2. Ações e Conquistas	53
2.2.1. Primeiro momento: nós por nós	55
2.2.2. Segundo momento: primeiras respostas do Estado	58
2.2.3. Terceiro momento: Gestão Erundina	63
2.3. A ida para o Estado, a reorganização da Igreja Católica e seus desdobramentos	70
2.4. Algumas reflexões: A vida política-comunitária e as estruturas ocultas de dominação a que as mulheres estão submetidas	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS: APRENDIZADOS PARA O AGORA	79
BIBLIOGRAFIA	81
ANEXOS	84
Fotografias	84
Materiais da Sociedade Amigos de Bairro	104
Matérias de jornais	112

APRESENTAÇÃO

Este trabalho^{1,2}, antes de tudo, é um agradecimento, uma homenagem e uma forma de compartilhar a história daquelas e daqueles que me criaram e possibilitaram que eu estivesse aqui. Tenho como objetivo discutir os modos de organização comunitária das mulheres militantes no Jardim Macedônia durante a década de 1980. De forma secundária, também pretendo discutir: i) as mudanças no papel social das mulheres periféricas durante o processo de urbanização brasileira da segunda metade do século XX; ii) as atuais reminiscências das ações das mulheres militantes no Jardim Macedônia durante a década de 1980; iii) os aprendizados que se pode colher dessas ações.

No Jardim Macedônia, bairro localizado no distrito do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, nasci e vivenciei principalmente na infância a mobilização de meus pais e de toda comunidade na busca por melhores condições de vida. Por conta desse processo emancipatório de formação política e intelectual orgânica, a universidade pública desde o início de minha adolescência se colocou como horizonte, o que é raridade aos nascidos nas periferias. Se me graduei em uma universidade estadual e agora escrevo este Trabalho de Conclusão de Curso em uma universidade federal, é por conta da organização comunitária que apresentarei a seguir dos que vieram antes de mim, em especial das mulheres. Talvez a filosofia Ubuntu resuma bem a essência deste trabalho: *se eu sou, é porque nós somos*. E este texto é o meu agradecimento por ser parte, produto e continuação desta história.

Conto essa história situando meu conhecimento (HARAWAY, 1995): moradora do Jardim Macedônia, que nasceu em 1992 e, portanto, não viveu a década de 1980 e filha da comunidade que agitou politicamente o bairro naquela época. Dessa forma, narro essa história compreendendo que ela pode ser complementada e até mesmo contestada. Entendo que a própria contestação se constitui como prática política e produção coletiva de conhecimento. Ainda mais, considero que este trabalho possa estimular a contação das histórias do Jardim Macedônia. Dessa forma, espero que venham novas produções em diferentes linguagens para complementar as questões que coloco aqui.

Mas por que olhar para o Jardim Macedônia durante a década de 1980? O ideograma *Sankofa* dos povos akan da África Ocidental é traduzido para o português como “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro” (SANTOS, 2020). Isso remonta ao tempo espiralar, definido por Leda Maria Martins (2006, p. 79) como : “(...) percepção cósmica e filosófica [que] entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte”. Nesse sentido, tudo vai e tudo volta e “(...) o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma

¹ O título deste trabalho faz referência à música Menina que Embala de Dêssa Souza: “Mulheres periféricas lutam, amam e cantam. Constroem seus mundos com as próprias mãos e são suas próprias bases”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=27jbCdGmFz0&t=15s>>. Acesso em: 10 mai. 2021.

² É importante destacar que, embora o título deste trabalho se refira às mulheres do Jardim Macedônia na década de 1980 como “periféricas”, naquele momento, esse termo não era utilizado pela militância como autoidentificação. Era mais comum utilizar “povo” ou “trabalhadoras/es”, por exemplo. Conforme demonstra Tiarajú D’Andrea (2013), foi somente a partir da década de 1990 que o termo “periferia” passou a ser apropriado por seus moradores de forma crítica e radical para denunciar para o resto da sociedade a realidade de crise e violência do período.

experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado” (MARTINS, 2006, p. 80). Em um momento de crise política, econômica, ambiental e sanitária como o que vivemos hoje, olhar para o passado compreendendo os acertos e erros de modo a colher aprendizados pode ser um modo para ir adiante, superando o atual contexto caótico.

Nesse sentido, é válido olhar para o Jardim Macedônia durante a década de 1980, porque foi um dos bairros das periferias de São Paulo que naquele momento e em rede eferveceu política e comunitariamente e encadeou o ciclo progressista encerrado em 2016 com o impeachment de Dilma Rousseff. Durante a década de 1980, os moradores do Macedônia organizados na Comunidade Eclesial de Base (CEB), na Sociedade Amigos de Bairro (SAB) e no Partido dos Trabalhadores (PT) agitaram e transformaram a realidade em que viviam. Independente de contradições posteriores da continuação desse processo, o início desse ciclo progressista nasceu encravado no sofrimento e necessidades do povo, literalmente com os pés no barro. Olhar para esse momento hoje, sem idealizá-lo, pode nos ajudar a ir adiante e a criar esperança em tempos melhores.

Posto isso, uma segunda questão se coloca: por que olhar especificamente para as mulheres? Em primeiro lugar, isso não significa que eu esteja negando a presença e importância dos homens na organização política-comunitária daquele momento. Pelo contrário, a hipótese deste trabalho é que as diferenças de gênero nessa organização não eram tão pronunciadas quanto costumam ser no restante da sociedade capitalista. Assim, os homens também compõem e são parte importante da história que conto aqui. No entanto, no dia a dia do bairro e na organização de ações práticas, havia uma forte presença feminina em todas as etapas desses processos. Eram as mulheres, tanto as trabalhadoras quanto as religiosas, que mais conheciam as necessidades, conflitos e demandas do território. Eram elas o coração da comunidade, não em seu sentido sentimental, mas sim por serem vitais à vida coletiva. Contudo, são os homens, religiosos ou lideranças comunitárias, que mais são lembrados quando se fala desse momento e os que mais emergiram como novos quadros políticos. A história dessas mulheres, de modo geral, segue invisibilizada, sendo vistas, comumente, como um apoio à atuação masculina.

Silvia Federici (2017, p. 27) considera que “mulheres” configuram uma forma particular de exploração, estando submetidas a estruturas ocultas de dominação e que, portanto, deve haver “(...) uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas”. Dessa forma, este trabalho, além de dar visibilidade à história dessas mulheres, pretende expor as estruturas ocultas de dominação e exploração a que elas estavam submetidas.

Metodologicamente, para alcançar os objetivos propostos, organizei duas conversas/entrevistas com cinco mulheres que durante a década de 1980 participaram da vida política e comunitária do Jardim Macedônia. Foram elas: Cleusa Garcia, Clotilde Garcia, Geraldina Garcia, Luzia Candida e Maria Aparecida Candido³. Inicialmente, havia a proposta de organizar um almoço-confraternização-entrevista reunindo essas e outras mulheres que agitaram o bairro naquela década. No entanto, isso não foi possível por conta da pandemia de COVID-19 e a ideia precisou ser adaptada a conversas com

³ Em trabalhos acadêmicos, é comum a troca dos nomes dos entrevistados para preservação da identidade. Como um dos meus objetivos é registrar a história dessas mulheres, optei por manter os nomes verdadeiros das entrevistadas.

grupos menores. Além disso, utilizei três entrevistas realizadas no início de 2020 pela pesquisa da qual participei intitulada *Formalidade urbana em áreas de consolidação do espaço periférico*⁴. Essas entrevistas foram realizadas com homens e mulheres que também atuaram politicamente no bairro durante a década de 1980. Destacam-se as entrevistadas Elizabeth Neves e Rosário Porto. Além das entrevistas, consultei materiais e fotografias dos acervos da minha própria família, da família Garcia e da ACAM (antiga Sociedade Amigos do Jardim Macedônia).

Com esse material, montei uma trama costurada em dois capítulos. No primeiro, busquei ilustrar o cotidiano das entrevistadas antes da migração para a “cidade grande” e suas trajetórias de vida até ela. Isso foi necessário para melhor compreender quem eram essas mulheres antes de chegarem ao bairro e antes de começarem a se organizar politicamente. No segundo capítulo, discorro propriamente sobre os modos de organização comunitária das mulheres militantes no Jardim Macedônia durante a década de 1980. Nas considerações finais, listo alguns aprendizados que podemos extrair desse processo. Por fim, há um anexo com fotos e imagens de documentos que levantei ao longo do desenvolvimento deste trabalho, mas que não entraram no texto corrido.

⁴ Pesquisa realizada pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa Produção e Linguagem do Ambiente Construído da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil (NAPPLAC/FAUUSP), coordenada pelas professoras (bolsistas do Programa Unificado de Bolsas da USP). Para saber mais sobre a pesquisa, ver o artigo *Marcas da história social na consolidação da periferia* (MAUTNER; ZUQUIM; MORAIS, 2021) disponível em: < <https://redasentamientos.ar/publicaciones/>>. Acesso em: 06. Jan. 2022.

CAPÍTULO 1 | DO CAMPO À CIDADE

Para discutir os modos de organização comunitária das mulheres militantes no Jardim Macedônia durante a década de 1980, é necessário, antes de tudo, compreender quem eram essas mulheres antes de chegarem ao bairro e antes de começarem a se organizar politicamente. Assim, na primeira parte deste capítulo, busco ilustrar o cotidiano das entrevistadas antes da chegada à “cidade grande” e suas trajetórias de vida até ela. Depois, discorro sobre o início da vida em São Paulo, com foco nos impactos causados pela migração e as alterações no cotidiano.

1.1. A vida antes de São Paulo

Como a maior parte dos moradores das periferias de São Paulo, as entrevistadas têm suas histórias marcadas pela migração, havendo uma vida antes e depois da chegada à cidade. Todas elas saíram do contexto rural e chegaram a São Paulo nas décadas de 1960 ou 1970. Elizabeth Neves, por exemplo, nasceu na Bahia, casou-se, mudou-se para o interior do Paraná, teve 5 filhos e em meados da década de 1960 com toda família migrou para São Paulo, onde teve mais uma filha.

No caso de Geraldina Garcia, conhecida por todos como Geralda⁵, e suas filhas Clotilde e Cleusa, todas nasceram no interior do Paraná, respectivamente, nos municípios de Nova Esperança, Bom Sucesso e Itambé, e chegaram a São Paulo no início da década de 1970 junto com o marido e pai, Mário. De forma semelhante, as irmãs Luzia e Maria Aparecida nasceram na zona rural de Minas Gerais, respectivamente, em Quartel do Sacramento e Bom Jesus do Galho, e chegaram a São Paulo em 1973.

Dessa forma, todas as entrevistadas, antes de chegarem à metrópole paulista, viviam em sociedades rurais, sob a lógica de uma economia manufatureira, com práticas sociais e modos de vida específicos dessa realidade. Maria Aparecida (2021), que chegou a São Paulo com 8 anos de idade, comenta sobre a vida em Minas Gerais:

Eu lembro das roças que meu pai plantava. Lembro muito bem das roças de milho, amendoim, arroz do lado esquerdo. Nós morávamos na beira de uma montanha, uma serra, e do lado direito havia pomares de laranja e mexerica. Ao redor da minha casa, havia a horta da minha mãe, havia o chiqueiro de porcos, havia uma mina, havia galinhas e um quintal bem grande que eu brincava com a minha avó no sábado e com meu irmão, e tinha bananeira, tinha bambus. E a casa para mim era gigante. Eu era muito feliz lá.

A irmã mais velha de Maria Aparecida, Luzia (2021) que chegou a São Paulo com 17 anos, complementa dizendo que, mesmo com a terra não sendo da família, nunca faltou nada a eles e que a vida era compartilhada com a dos vizinhos mais próximos. Quando se matava um porco, por exemplo, dividia-se o alimento com todos. Sobre a vida comunitária, Luzia afirma ainda:

Lá eu participava da comunidade, fazia celebração dominical, porque lá não tinha padre. Padre só ia lá uma vez a cada 6 meses, padre ia na nossa comunidade lá no sítio. E a gente

⁵ A partir daqui, chamarei Geraldina de Geralda.

fazia leilão, fazia festa junina. Eu já participava, montava um grupo de jovens, juntava os jovens lá da fazendinha lá, dos sítios, o pessoal que morava lá em volta, reunia na minha casa. A gente rezava mês de Maria, mês do Rosário que é outubro, fazia leilão. Aí arrecadava leilão, o padre vinha, celebrava a missa e levava o dinheiro para a paróquia, para a comunidade em Vargem Alegre⁶.

Segundo Sylvia Leser de Mello (1988), em um trabalho realizado a partir de relatos de mulheres migrantes moradoras da periferia na década de 1980, na cidade a repetição do ciclo biológico e de manutenção da vida ocorre por meio das semanas, meses e anos. No campo daquele momento, no entanto, esses marcos ocorriam pelo percurso dos astros e pelos eventos religiosos: “(...) os momentos de plantio e de colheita, inverno e verão, o tempo das águas, o tempo da seca” (MELLO, 1988, p. 45). Os eventos religiosos, especificamente, marcavam a vida social com a periodização da visita do padre, as missas, os batizados, casamentos etc. Além disso, as festas religiosas ou não que se repetiam regularmente no decorrer do ano reuniam, “(...) num regozijo de sociabilidade, o povo disperso dos pequenos sítios” (MELLO, 1988, p. 45).

Sobre a vida comunitária relatada por Luzia, Antonio Candido (2010) afirma que na sociedade caipira a manifestação mais importante da sociabilidade era o mutirão:

As várias atividades da lavoura e da indústria doméstica constituem oportunidades de mutirão, que soluciona o problema da mão de obra nos grupos de vizinhança (...), suprimindo as limitações da atividade individual ou familiar. E o aspecto festivo, de que se reveste, constitui um dos pontos importantes da vida cultural caipira (CANDIDO, 2010, p. 81-82).

Além disso, após descrever a organização de um grupo de moradores para a realização de uma festa religiosa, o autor afirma que, na sociedade caipira, havia “(...) formas bem desenvolvidas de cooperação vicinal, divisão do trabalho, consciência de grupo, coordenação de atividades” (CANDIDO, 2010, p. 88).

Sobre a vida cotidiana das mulheres, Luzia (2021) conta que com 13 anos foi trabalhar em uma casa na proximidade do sítio onde a família morava. Nessa época, sua irmã mais velha, Maria Helena, já trabalhava no centro de Acesita, município de Timóteo - MG, na casa do dono das terras onde a família morava. Como era distante, Maria Helena passava longos períodos sem visitar a família. A mãe das duas, Maria Cristina, cuidava dos filhos mais novos, das hortas, das galinhas, dos porcos e costurava, às vezes, também para os vizinhos.

Aos 9 anos de idade, Luzia abandonou a escola, porque a família se mudou e no novo local não havia grupo escolar próximo com turmas para a sua idade. Seu irmão um pouco mais novo, no entanto, continuou estudando na cidadezinha mais próxima ao sítio, fazendo o trajeto para a escola a pé e sozinho. Sobre isso, Luzia (2021) afirma: “a prejudicada fui eu né, porque eu saí da escola... porque para menina era mais difícil né. Tinha que ficar ajudando a mãe na casa e cuidar dos irmãos mais novos. Para mulher, não era tão importante estudar”.

⁶ Vargem Alegre era o povoado mais próximo do sítio onde a família morava. Na época, era um distrito de Caratinga. Hoje, é um município.

Geralda (2021) conta que no Paraná, de modo geral, as mulheres mais novas iam para a roça e as mais velhas cuidavam dos afazeres domésticos: “Eu trabalhava na roça, de colheita, de ponhar café, de rastelar, de colher, de batê feijão, de cambão, de ensacar café, de fazer de tudo na roça. Eu fazia de tudo. A vida era dura.”

Quando perguntada se havia separação entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, Geralda (2021) afirma:

Não tinha separação não de trabalho de homem e de mulher, era tudo misturado, todo mundo ia embora com os homens trabalhar. Não tinha separação não, era de tudo. Era quebrar milho, montoar com balaio, ensacar café até as tantas, era bater feijão com cambão. Não tinha separação de homem com mulher não, era tudo do trampo. Carregar balaio nas costas de milho.

Isso remete ao que Silvia Federici (2017, p. 52-53) afirma referindo-se à sociedade feudal europeia:

(...) dado que o trabalho no feudo estava organizado com base na subsistência, a divisão sexual do trabalho era menos pronunciada e exigente que nos estabelecimentos agrícolas capitalistas. Na aldeia feudal não existia uma separação social entre a produção de bens e a reprodução da força de trabalho: todo o trabalho contribuía para o sustento familiar. As mulheres trabalhavam nos campos, além de criar os filhos, cozinhar, lavar, fiar e manter a horta; suas atividades domésticas não eram desvalorizadas e não supunham relações sociais diferentes das dos homens, tal como ocorreria em breve na economia monetária, quando o trabalho doméstico deixou de ser visto como um verdadeiro trabalho.

Compreendendo os limites da comparação entre o Brasil rural de meados do século XX e a sociedade medieval europeia, o exposto por Geralda (2021) e a reflexão de Silvia Federici (2017) demonstram que, nas duas realidades organizadas com base na subsistência, as diferenças entre as responsabilidades das mulheres e dos homens e a separação entre produção e reprodução da vida eram menos acentuadas do que na sociedade industrial. Ainda assim e fugindo de idealizações, as mulheres eram mais prejudicadas e obrigadas a fazer concessões: além de irem para a roça, eram as principais responsáveis pelo trabalho doméstico.

No caso de Luzia, por exemplo, o trabalho doméstico e a escola distante inviabilizaram a continuação de seus estudos. Além da responsabilidade com a casa e com o cuidado dos irmãos mais novos, havia o medo de sofrer alguma violência caso fizesse o longo percurso até a escola a pé e sozinha. Seu irmão mais novo, no entanto, não estava submetido a essas situações e pôde continuar estudando.

Luzia (2021) conta que sua avó era parteira e benzedeira. Conhecia as ervas e chás para qualquer problema, fazia emplastro e, às sextas-feiras, abria a casa a toda comunidade para tirar quebrante, espinhela caída, cobreiro etc. Tanto para os partos quanto para as benzeções não cobrava nada. A mãe de Luzia não fazia partos e não benzia, mas conhecia as ervas e plantas. Essas eram sabedorias essencialmente femininas compartilhadas organicamente entre as mulheres de diferentes gerações.

Sobre essas práticas, Sylvia Leser de Mello (1988, p. 81-82) afirma:

As práticas da medicina popular espelham a concepção da doença como fazendo parte de um outro mundo (...). A doença compartilha com a morte uma certa dose de mistério e exige habilidades especiais, sabedoria diferente das outras. A ambiguidade dos tratamentos,

que abrangem desde matos e raízes até as artes da benzedura e da feitiçaria, mostra que a concepção popular da ciência e da morte oscila entre o natural e o sobrenatural.

Segundo Silvia Federici (2017), as bruxas na transição do feudalismo para o capitalismo eram, no geral, mulheres pobres, parteiras, feiticeiras e curandeiras, perseguidas porque seus saberes mágicos constituíam uma ameaça à racionalização capitalista do trabalho, ao estabelecimento do princípio da responsabilidade individual e ao poder das autoridades e do Estado. Ou seja, a caça às bruxas foi fundamental para a consolidação do sistema capitalista.

A mesma autora (FEDERICI, 2017) afirma que na América a caça às bruxas se desenvolveu até metade do século XVII e acabou no momento em que elas deixaram de constituir uma ameaça ao domínio colonial. “A perseguição deu lugar a uma perspectiva paternalista que considerava a idolatria e as práticas mágicas como debilidades de pessoas ignorantes” (FEDERICI, 2017, p. 413). Assim, diferentemente da Europa, aqui essa sabedoria essencialmente feminina com influências de tradições indígenas, afrodiáspóricas e católicas não foi extinta. De certa forma, nossas benzedoras e parteiras se assemelham às bruxas europeias da Idade Média.

1.2. A chegada à “cidade grande”

Como dito anteriormente, as entrevistadas chegaram a São Paulo nas décadas de 1960 ou 1970, momento brasileiro de intensa industrialização e urbanização⁷. Assim que chegou à cidade, em meados da década de 1960, Elizabeth Neves – que nasceu na Bahia, casou-se e viveu um período no interior do Paraná – morou com seu esposo, Joaquim, e seus filhos na região da Vila Sônia, Butantã. No início da década de 1970, toda família se mudou para o Macedônia depois que Joaquim comprou um lote no bairro por indicação de conhecidos: “Aí ele arrumou conhecimento aqui que tava vendendo esses lotes aqui, aí os amigos dele falava: ‘vai lá comprar um lote pra você fazer uma casa lá, lá é lugar bom’” (ELIZABETH NEVES, 2020).

No caso de Geralda e sua família, que migraram do interior do Paraná para São Paulo no início da década de 1970, logo que chegaram à cidade, moraram por um período na casa de familiares em Cangaíba, zona leste. Em 1971 ou 1972, mudaram-se para o Macedônia depois que Mário Garcia, esposo de Geralda, comprou um lote no bairro por meio de um corretor de imóveis que encontrou no centro da cidade. Sobre esse momento, Cleusa Garcia (2021), filha mais nova de Geralda e que chegou a São Paulo ainda criança, afirma: “Durante o período de construção da casa, era assim, nós continuamos morando lá na zona leste por algum tempo e aos finais de semana o meu pai e a gente ia pro Macedônia para ir construindo a nossa casa com as nossas próprias mãos”.

As irmãs Luzia e Maria Aparecida, que nasceram em Minas Gerais, assim que chegaram a São Paulo em 1973, foram morar direto no Jardim Macedônia. Para isso, o irmão mais velho, José, chegou à cidade antes, trabalhou na construção civil e juntou dinheiro. Com essa quantia, deu entrada em um

⁷ Segundo Ermínia Maricato (MARICATO, 1996), de 1940 a 1980, a população urbana brasileira passou de 26,35% para 68,86% do total.

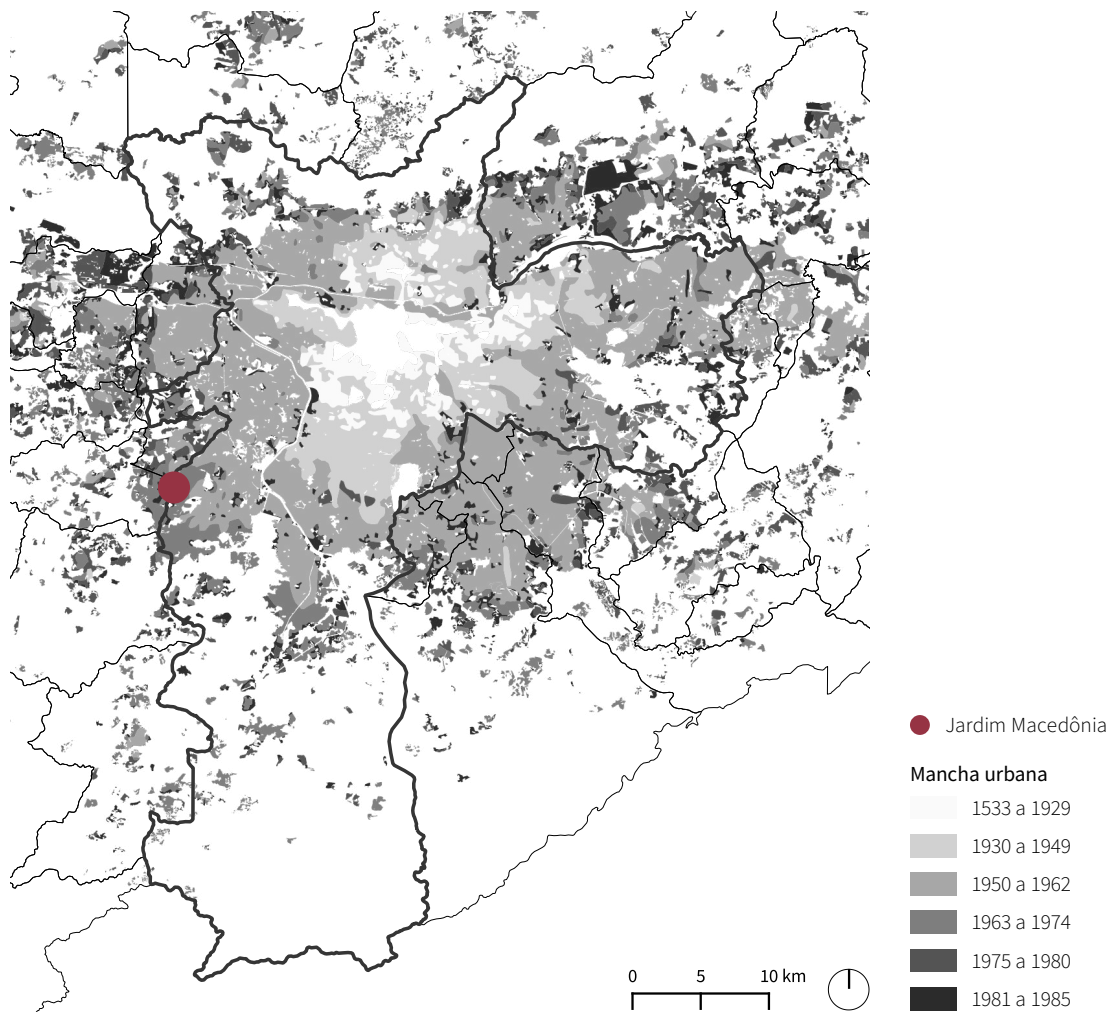


Figura 1: Localização do Jardim Macedônia no município de São Paulo e expansão da mancha urbana entre 1533 e 1985. O Jardim Macedônia é um bairro do distrito do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, localizado a 22 km do centro do município. O bairro faz fronteira com o distrito do Campo Limpo e com os municípios de Embu das Artes e Taboão da Serra. Foi loteado em 1969 depois que Helena Costa de Macedo, proprietária da Fazenda Nossa Senhora de Fátima, resolveu vender as terras após a morte de seu marido. O nome do bairro é uma homenagem à família. Fonte dos dados do mapa: Emplasa e Geosampa. Elaboração própria.

lote no bairro, construiu um cômodo e trouxe o restante da família de 10 pessoas (mãe, pai, 7 filhos e avó).

A partir desses relatos, é interessante notar como a decisão de migrar para a cidade, a articulação de todo esse processo e a compra do lote eram, no geral, responsabilidades do homem, seja o pai da família ou o irmão mais velho. À mulher, cabia aceitar essas decisões e acompanhar a família. Além disso, em uma sociedade em que a única forma de acesso aos bens necessários para a reprodução da vida se dá de forma mercantilizada, a compra de um lote na periferia, mesmo que sem infraestrutura urbana como será visto a seguir, possibilitou que essas famílias cessassem a condição de “transitoriedade permanente” (ROLNIK, 2016) que viviam até então no mundo rural.

Cleusa (2021) compartilha como era o bairro quando chegaram no início da década de 1970:

O Macedônia era aberto, dava para a gente contar no dedo quantas casas tinham. Tinha muito pouca casa, tinha muito mato ainda, não tava completamente tomado por pessoas. O Rio Pirajuçara, o córrego Pirajuçara corria limpinho, as águas batendo nas pedras, a gente até podia brincar lá no Pirajuçara. As pessoas lavavam roupa no Pirajuçara. Era um lugar completamente novo, começando. Não tinha nada de infraestrutura urbana, não tinha água, água encanada, não tinha luz elétrica, não tinha asfalto, não tinha escola, não tinha posto de saúde, não tinha nada, não tinha igreja. E aos poucos foram chegando mais pessoas, mas, quando nós chegamos lá, não tinha nada.

A falta de infraestrutura urbana e as poucas casas remetiam à vida no campo, fazendo com que o bairro, naquele momento, estivesse mais próximo do mundo rural do que da imagem de “progresso” da cidade grande. Sobre isso, Luzia (2021) afirma: “Para nós era tudo igual lá na roça mesmo, né, porque não tinha muro, não tinha nada”. O relato de Clotilde (2021) reforça a afirmação de Luzia: “Era tudo de chão, tudo mato, não tinha casa, não tinha ônibus. Ali, era como se fosse morar no interior, morar em um sítio, num lugar que tem as casas e tem o sítio, né, porque era muito poucas casas né”.

Além das condições territoriais semelhantes ao mundo rural, Luzia (2021) afirma que o choque cultural e mudança no modo de vida causados pela migração não foram maiores, porque “(...) o pessoal que a gente encontrou aqui era do nosso nível”. Maria Aparecida (2021) complementa:

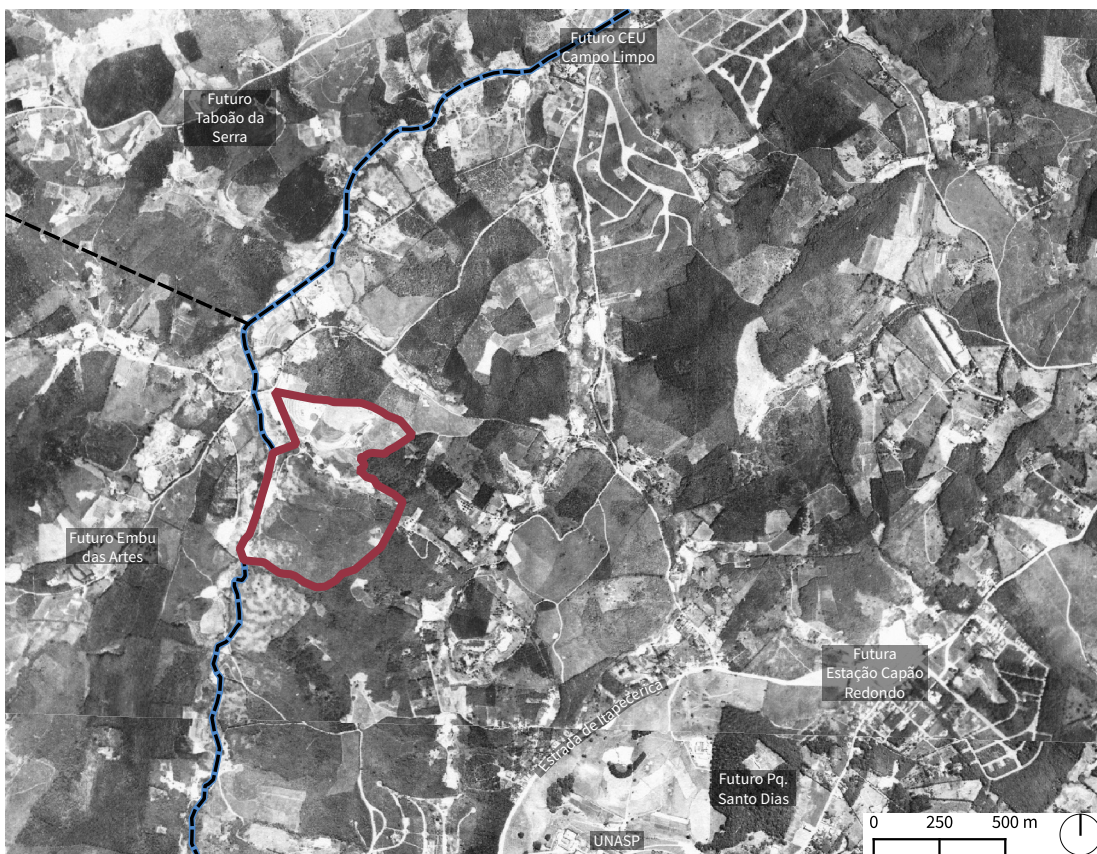
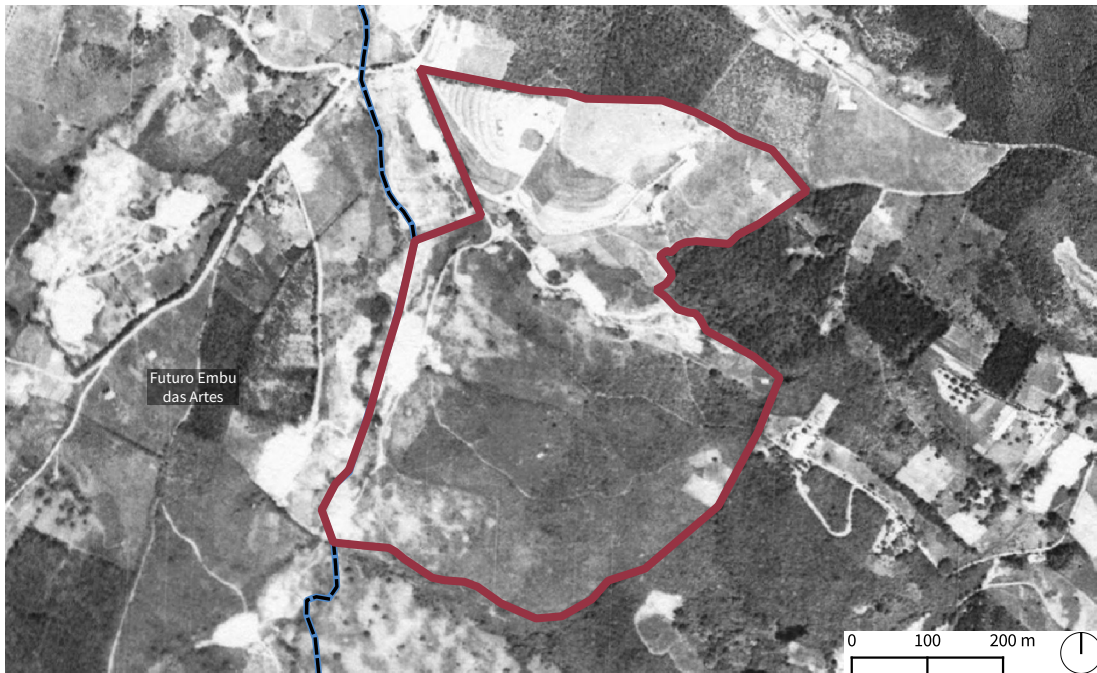
Tudo igual. Pessoas vindas das mesmas regiões, mesma cultura e todo mundo muito simples e a gente se unia (...). E os meus amiguinhos lá também, não havia ninguém nascido em São Paulo (...). Todos eram... os pais dos meus amiguinhos todos eram retirantes, talvez todos os meus amiguinhos tivessem vindo com a minha idade da Bahia, Minas, nordeste.

Mesmo assim, a chegada à cidade impôs novos hábitos cotidianos desconhecidos até então. Maria Aparecida (1950) relembra o momento em que José, o irmão mais velho e responsável por trazer a família, ensinou a todos a usar o vaso sanitário:

Quando nós chegamos em 73, lá em Minas não havia banheiro, não havia. Você fazia tudo lá no mato a noite, lá fora. Eu ia com a minha vó, minha vó tinha muito medo e chamava a gente para ir com ela. Aí chegando aqui, ele [José] sabendo, todo mundo caipira né, ele chegou e levou todo mundo, lembro que foi um tour: “vamo lá que eu vou ensinar todo mundo a usar o banheiro”. Mas isso eu tenho muito claro: “ohh usa aqui, faz aqui e puxa esse negocinho aqui”, que era a descarga.

Sylvia Leser de Mello (1988, p. 60) afirma que, “em maior ou menor grau, a partida e a chegada são, sempre, uma violência, e o mundo urbano, onde [as mulheres] são atiradas, vem só confirmar a violência da ruptura com o seu modo original de viver”. Isso é observado no relato de Geralda (2021), que chegou em São Paulo casada e com duas filhas e que, por esses motivos, deve ter sentido de modo mais forte a violência da ruptura:

Ahh eu senti diferença, bastante, porque era muito complicado. Lá, morava no Paraná, pelo menos a gente trabalhava, era um sacrifício, mas tinha casa, tinha poço, tinha mina, tinha tudo perto. Ali [no Macedônia] a gente pegava a vasilhinha para buscar água lá



- Antiga Fazenda Nossa Senhora de Fátima e futuro Jardim Macedônia em 1954
- - - Limite municipal
- Rio Pirajuçara

Figura 2: Fazenda Nossa Senhora de Fátima, futuro Jardim Macedônia em 1954. Fonte da imagem: Prefeitura de São Paulo. Elaboração própria.

embaixo [no Rio Pirajuçara], não tinha. Aí tinha que voltar porque as mulher tava brigando por causa de lugar para lavar roupa e tudo. Foi muita diferença. Eu saía e não conhecia ninguém. Para trabalhar eu falava: “Meu Deus, o que eu vim fazer aqui?”. Aí Deus ajudou, porque aí eu fui lá para essa Vila Beatriz [bairro de elite no Alto de Pinheiros], que nós fiquemo lá [trabalhando em casa de família]. Mas foi muita diferença. Por mim, eu queria até voltar para o Paraná. Mas o Mário falou “ahh não, porque agora a gente já veio e não sei o que”, mas foi muito complicado. Mas aí a gente foi indo, com a luta né.

A rotina na cidade trouxe novas relações sociais e, conseqüentemente, a unidade entre produção e reprodução típica de sociedades de subsistência chegou ao fim (FEDERICI, 2017). Com isso, o trabalho produtivo passou a ser atribuído ao homem e o reprodutivo à mulher, ampliando a divisão sexual do trabalho. Se para Geralda (2021) no campo não havia distinção entre “trabalho de homem” e “trabalho de mulher”, como visto anteriormente, em São Paulo isso se alterou:

Aqui trabalho em casa de família era só com mulher que a gente trabalhava, só lá com a patroa. Com homem a gente trabalhava no final de semana para construir a casa nossa. Aí era tudo misturado, com homem, mulher e tudo, mas para construir a casa. Mas no meu trabalho, lá dentro do trabalho era só com mulher, porque era na casa da família. Mas com tudo esses detalhes eu gostava mais do meu trabalho lá no Paraná. Eu achava que era bem mais divertido, porque eu ia para a roça tudo junto, leva comida de casa e a gente não precisava ficar tomando ônibus e nem nada. Mas daí acostumei depois.

Na São Paulo da década de 1970, o serviço doméstico em casas de família de classes média e alta era quase que exclusivamente feminino, enquanto o trabalho do homem era, principalmente, na construção civil e na indústria. No Jardim Macedônia, no entanto, como afirma Geralda (2021) e semelhante à vida no campo, essa divisão era menos pronunciada, com mulheres e homens se organizando em mutirão para construir a casa.

Segundo Silvia Federici (2017, p. 145), na transição europeia da lógica manufatureira para a capitalista, a separação entre trabalho produtivo e reprodutivo e a ampliação da divisão sexual do trabalho resultou na desvalorização das funções de reprodução da vida, atribuídas às mulheres:

No novo regime monetário, somente a produção-para-o-mercado estava definida como atividade criadora de valor, enquanto a reprodução do trabalhador começou a ser considerada como algo sem valor do ponto de vista econômico e, inclusive, deixou de ser considerada um trabalho. O trabalho reprodutivo continuou sendo pago — embora em valores inferiores — quando era realizado para os senhores ou fora do lar. No entanto, a importância econômica da reprodução da força de trabalho realizada no âmbito doméstico e sua função na acumulação do capital se tornaram invisíveis, sendo mistificadas como uma vocação natural e designadas como “trabalho de mulheres”. Além disso, as mulheres foram excluídas de muitas ocupações assalariadas e, quando trabalhavam em troca de pagamento, ganhavam uma miséria em comparação com o salário masculino médio (FEDERICI, 2017, p. 145).

Na industrialização brasileira da segunda metade do século XX, as mulheres pobres, de modo geral, passaram a acumular funções, sendo responsáveis pelo trabalho reprodutivo de suas casas e das casas de seus patrões. Ou seja, eram duplamente responsáveis por um trabalho desvalorizado e invisibilizado. Essa desvalorização do trabalho reprodutivo é notada nesta fala de Geralda (2021):

Eu falava assim para a mulher que eu trabalhava lá, porque toda vida você sabe que eu fui sempre muito bocuda para falar, né? As coisas, quando eu quero, eu falo! Aí eu falava assim: “Eu peço a Deus todo dia para mim não morrer e ter que ver minhas filhas, eu sei que eu não quero que minhas filhas trabalhem em casa de família. Casa de família é uma escravidão!”. “Mas por quê? Elas têm tudo” [imitando a voz da patroa]. “Ahhh vai se danar”. Aí eu quebrava o pau.

São Paulo, além de instituir a separação entre “trabalho” e “vida”, espacializou-a. Assim, as mulheres pobres tiveram que começar a gerir no cotidiano o trajeto de mais de 15 km entre o local do trabalho e a moradia. Sobre isso, Luzia (2021) afirma:

Eu cheguei aqui com 17 anos, em outubro, aí no ano seguinte fui trabalhar em casa de família. Não tinha muita perspectiva de vida. Meu sonho era trabalhar numa fábrica de costura, mas o Zé, meu irmão mais velho, achou que devia ir para casa de família, porque era mais seguro, para não ter que ir e voltar. Aí trabalhei quatro anos em casa de família.

Silvia Federici (2017, p. 200) afirma que, na transição da economia de subsistência para a capitalista, surgiu uma nova diferenciação sexual do espaço, quando as mulheres foram expulsas das ruas, “(...) onde uma mulher desacompanhada corria o risco de ser ridicularizada ou atacada sexualmente”. No campo brasileiro sob uma lógica manufatureira, o espaço público já não era compreendido como “lugar de mulher”. Exemplo disso é o fato de Luzia, diferentemente de seu irmão, parar de frequentar a escola por conta da distância entre o novo local de moradia da família e o grupo escolar.

Em São Paulo, diferentemente, a necessidade de contribuir com as despesas de casa, a separação espacial entre trabalho reprodutivo e produtivo e a localização mais central das casas das famílias de alta renda obrigaram as mulheres pobres a circularem pelos espaços públicos da cidade. Dessa forma, a maneira era encontrar modos de diminuir os riscos do trajeto casa-trabalho.

Considerando isso, José, irmão mais velho de Luzia e responsável por organizar inicialmente a vida de toda família em São Paulo, decidiu que o melhor para ela seria trabalhar como empregada doméstica uma vez que, dessa forma, poderia dormir no serviço. Assim, Luzia ia para casa somente aos sábados à tarde e retornava ao trabalho nas segundas pela manhã.

Para Geralda, no entanto, dormir no serviço não era uma opção por conta do cuidado das filhas. Dessa forma, ela fazia o trajeto entre Macedônia e Vila Beatriz, onde era empregada doméstica, todos os dias. Sobre essa rotina, comparando com o dia a dia no campo, Geralda (2021) afirma:

Ahh eu achava que aqui era mais difícil, mais difícil porque a gente tomava ônibus, aquele ônibus nem tinha. Quando a gente ficava na fila, era uma guerra. Saía, chegava de noite, quando era 5h tinha que sair. Era uma tristeza, era muito mais cansativo. Lá [no Paraná], com todo trabalho, era bem mais melhor do que aqui, de trabalhar em casa de família. Eu achava que era muito mais melhor lá no Paraná do que aqui. Eu achava que aqui era muito mais cansativo (...). Eu gostava mais do serviço de lá de roça de que de trabalhar aqui em São Paulo em casa de família. Casa de família não é boa coisa não. Agora tá bom, mas era muito ruim.

Na cidade, assim como no campo, o medo de circular pelo espaço público também dificultavam o acesso das mulheres à educação. Luzia (2021) relata sobre o período em que trabalhava em casa de família:

Eu trabalhava lá na Alameda Casa Branca, na Nove de Julho. Eu cheguei a fazer matrícula no Colégio Santa Inês em Pinheiros, paguei a matrícula, ia fazer Madureza. Aí como eu ia chegar tarde lá no trabalho, passar por cima do túnel Nove de Julho 10h30, 11h da noite, aí meu irmão e minha mãe achou que era muito perigoso. Eu fiquei com medo e acabei não indo, perdendo e não estudei.

Seus irmãos homens, no entanto, conseguiram conciliar estudo com trabalho:

Mané estudou depois, fez supletivo. Vicente como ele trabalhava perto, trabalhava lá no Sé Supermercado lá na Rua dos Pinheiros, aí para ele ficava mais fácil né. Apesar de chegar em casa tarde também né. Mas era homem, era mais fácil né. Não era que não era perigoso, foi assaltado várias vezes chegando em casa né, aí esforço dele também porque não era fácil né, trabalhar e estudar, chegar em casa tarde, aí foi (LUZIA CANDIDA, 2021).

Ou seja, além de ser atribuído às mulheres uma função desvalorizada (o trabalho doméstico), o acesso ao ensino formal, que representa a possibilidade de alcançar empregos menos precarizados, é ainda mais difícil para elas. O exemplo de Luzia demonstra que, tanto no campo quanto na cidade, as mulheres pobres sempre tiveram ainda menos oportunidades do que os homens pobres.

Se a “cidade”, ou seja, os bairros de classe média e alta, era o local de trabalho, o bairro periférico era onde transcorria a “vida” (CALDEIRA, 1984). A paisagem do Jardim Macedônia no início da década de 1970 com poucas casas relatada por Luzia e Clotilde mudou rapidamente, como afirma Maria Aparecida (2021): “(...) de repente houve uma explosão de casa”. O distrito do Capão Redondo, onde está localizado o Macedônia, passou de 57.259 moradores em 1970 para 128.194 em 1980, crescendo 124% em uma década (IBGE, 1970; 1980)⁸. A infraestrutura urbana, no entanto, chegou em um processo moroso e que, de certa forma, arrasta-se até os dias de hoje. A energia elétrica chegou em 1973, a água encanada em 1979 (até então os moradores usavam poços). Na década de 1970, havia uma única linha de ônibus que saía da entrada do bairro e ia até Pinheiros. Não havia escolas e as crianças e adolescentes estudavam em bairros vizinhos, ou, no caso dos adolescentes que já trabalhavam, em bairros mais centrais, como Pinheiros.

A falta de infraestrutura urbana, as casas sem muros e sem portões e os costumes trazidos do mundo rural conformavam um contexto específico das periferias daquele momento, com intensa coletividade e sociabilidade. Segundo Teresa Caldeira (1984), essa sociabilidade estava assentada nas redes de parentesco, vizinhança e coleguismo. Olhando para o Jardim das Camélias, na zona leste, essa autora (CALDEIRA, 1984) afirma que o estilo de vida e a rotina existentes no bairro eram em boa medida singulares, distintos do que ocorriam na “cidade”.

⁸ Disponível em: <http://smul.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/tabelas/pop_dist.php>. Acesso em: 14 mai. 2022.

Essa singularidade é notada neste relato de Geralda (2021):

(...) aquele tempo era um tempo de pobreza e tudo, mas era todo mundo unido. Um ia para a casa do outro, era todo mundo unido. Não tinha, como é que fala? Não tinha rua, não tinha nada. Todo mundo unido. Se um precisava de alguma coisa... aí foi mudando e a coisa mudou. Mas naquele tempo era difícil, mas era bem bom. Fazia aqueles casamento, juntava todo mundo com aquela panelona de coisa. Casamento tudo com as festinhas na casa. Era tão legal, né? Era bem coisa, não tinha nada de... era complicado, mas era... não sei se a gente que era acostumado com a coisa mais simples, era legal né.

A fala de Geralda remete ao que Sylvia Leser de Mello (1988, p. 73) afirma sobre a Vila Helena, bairro periférico na zona oeste onde realizou sua pesquisa: “é um bairro cheio de vida, buliçoso, ruidoso. É um bairro cheio de crianças, que brincam soltas nas ruas, nos quintais sem limites muito definidos”. A autora ainda afirma:

(...) há um forte sentimento de família, há a amizade e o interesse pelos amigos e conhecidos e a solidariedade surge quando é necessária. A troca de favores é uma constante (...). A sua face humana é densa, calorosa. O grande número de crianças, uma constante nas casas, as conversas de quintal para quintal e a contiguidade dos barracos impedem qualquer sentimento de solidão. Os problemas domésticos graves, como o desemprego, o alcoolismo, são, em pouco tempo, do conhecimento de todos. A pobreza é comum a todos (MELLO, 1988, p. 73).

Teresa Caldeira (1984) afirma que a rua na periferia daquele momento era quase um espaço doméstico, tomada pelas crianças e onde se podia, por exemplo, colocar algumas cadeiras na frente do lote para papear com os vizinhos. Dessa forma, diferentemente dos bairros das classes médias e altas, na periferia, formada pela mistura de modos de vida rurais e urbanos, não havia claramente a cisão entre espaço público e espaço privado. Naquele momento, a maior parte dos lotes dos bairros periféricos não era cercado e fechado com muros e portões, as ruas de terra se misturavam com os quintais das casas e as próprias casas eram, no geral, abertas ao convívio da vizinhança.

Essa singularidade dos bairros periféricos daquele momento talvez seja bem exemplificada pela atuação das benzedadeiras, que com a migração para a cidade passaram a coexistir com os cuidados médicos tradicionais. Eliana Aparecida Francisco (2019), em sua tese de doutorado sobre o Jardim Irene, bairro vizinho ao Macedônia, mapeou oito mulheres benzedadeiras entre o início da ocupação do bairro na década de 1970 e 2019. De forma semelhante como atuavam no mundo rural, na periferia, essas mulheres “(...) estabeleceram uma prática do cuidado, pautado na afetividade, e no comprometimento com o outro e com a vida do bairro” (FRANCISCO, 2019, p. 116). Na cidade, a casa da benzedadeira também é lugar “(...) do aconchego, do lazer, da parada para um cafezinho, é o lugar da conversa solta, é o espaço dos bons encontros (...), que permitem a composição dos indivíduos com os outros, gerando uma potência de ação pautada nos afetos” (FRANCISCO, 2019, p. 117). Além disso, na ausência do serviço de saúde, as benzedadeiras são a “atenção básica” disponível (FRANCISCO, 2019).

No entanto, a vinda para a cidade iniciou um processo de expropriação desse saber feminino empírico de conhecimento de ervas e chás curativos passado de geração em geração. Como visto anteriormente, na América, essas mulheres pararam de serem perseguidas a partir do momento

em que não representavam mais uma ameaça ao domínio colonial (FEDERICI, 2017). O mundo urbano, contudo, consolida a concepção que rotula essa sabedoria como atrasada em detrimento da medicina tradicional e da racionalidade científica. Logo quando chegam à cidade, por exemplo, essas mulheres param de atuar como parteiras, perdendo uma função que no mundo rural era exclusivamente feminina. Segundo Silvia Federici (2017, p. 364), “(...) o surgimento da medicina profissional, (...) apesar de suas pretensões curativas, erigiu uma muralha de conhecimento científico indisputável, inacessível e estranho para as ‘classes baixas’”.

Na singularidade da periferia em seu início de ocupação, quando havia um problema de saúde, os moradores buscavam tanto o saber das benzedadeiras quanto a medicina convencional. Isso pode ser observado neste depoimento de uma antiga moradora do Jardim Irene à Eliana Aparecida Francisco (2019, p. 117):

Lembro de uma vez que eu levei o Edson (...). Um dia passou a manhã inteira chorando. Chegou o final da tarde, esse menino só chorava, ele não comia, não tomava água, ele mamava no peito e não queria nada, aí eu pensei em levar ao médico, mas minha mãe falou assim: Por que você não leva primeiro lá na comadre, de repente benzer, vamos ver se ele não melhora! Levei na Dona Maria. Eu lembro que ela sentava lá no quintal e aí sentei lá no quintal, fiquei com ele no colo e ela começou a benzer. Aí ele foi colocando a mão, procurando o peito e pegou o peito e começou a mamar. Ela estava ainda benzendo e ele já estava mamando. Eu trouxe ele pra casa, ele já estava bom, assim! Então eu mesma, eu tinha às vezes aquele mal-estar, aquela coisa, aquela sonolência, eu não conseguia ficar bem e antes de ir ao médico, geralmente a gente ia lá. A gente sempre ia, senão desse certo, a triagem por lá. Fazia a triagem lá. Ela primeiro benzia e geralmente funcionava.

1.3. Algumas reflexões: a criação de um novo modo de vida

A chegada à São Paulo, com a migração de uma economia manufatureira para a sociedade de domínio industrial, alterou completamente a vida e cotidiano das famílias que fizeram essa travessia. Nesse processo, os bairros periféricos no início de sua ocupação se constituíam como um lugar singular formado pela mescla de costumes rurais e urbanos. Sylvia Leser de Mello (1988, p. 121, grifo da autora) afirma que ali foi:

(...) nascendo e se consolidando padrões estáveis de relacionamento com os valores urbanos sem, no entanto, ocorrer a assimilação absoluta desses valores. A regra básica da sobrevivência estabelece[u] uma combinação especial de compromissos e de seleção com os valores novos, com os costumes novos, produzindo uma amálgama que se poderia caracterizar como sendo um modo muito próprio (...) de viver *a cidade* e *na cidade*.

São exemplos dessa amálgama os mutirões para construir a casa, a coexistência das benzedadeiras com a medicina convencional, a sociabilidade e a coletividade. Essa amálgama de diferentes costumes foi, aos poucos, formando um modo de vida e uma espacialidade específicos das periferias de São Paulo.

Particularmente para as mulheres, a cidade grande, ao separar reprodução da produção, acentuou a divisão sexual do trabalho e do espaço, desvalorizando ainda mais o trabalho doméstico atribuído historicamente às mulheres. Carolina Freitas (2018, p. 17) afirma que a “espoliação urbana”

(KOWARICK, 1979) parece que também se constituiu como “espoliação doméstica” uma vez que “as relações entre a industrialização e a urbanização repercutem não apenas no modo de produção do ambiente doméstico, na construção imediata da casa, mas também na reprodução dela”. Apoiando-se na leitura de Franciso de Oliveira (2013) sobre o papel da superexploração e de formas arcaicas nas relações sociais de produção, como a autoconstrução, para a modernização e acumulação capitalista, essa autora afirma que:

(...) a separação das mulheres dos espaços produtivos manteve o custo rebaixado do capital variável na produção, aproveitando-se em larga escala do trabalho não pago feminino na reprodução simples da casa e da família, não contabilizada na cesta básica que forma o preço do salário (FREITAS, 2018, p. 101).

No entanto, ao mesmo tempo e nas especificidades das periferias de São Paulo, foi no meio urbano que as mulheres tiveram maiores condições para romper com estigmas de gênero e ocupar espaços até então compreendidos como masculinos. Nesse contexto, foi fundamental a experiência dos movimentos sociais populares, construindo processos coletivos de emancipação feminina. No próximo capítulo, aprofundo essa questão, abordando a experiência das mulheres que passaram a se organizar politicamente no Jardim Macedônia.

CAPÍTULO 2 | MULHERES MILITANTES NO JARDIM MACEDÔNIA NA DÉCADA DE 1980

*Vem, vamos embora, que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer*

Geraldo Vandré

A partir da década de 1980, o Jardim Macedônia, assim como outros bairros periféricos, começou a passar por um processo de consolidação e adensamento. Em 1979, foi aprovada a Lei Federal nº 6.766 que definiu padrões mínimos para o parcelamento do solo urbano e, conseqüentemente, diminuiu a lucratividade dos loteamentos populares. Com isso, o estoque de lotes populares diminuiu e o que ainda não havia sido ocupado aumentou de valor, tornando-se praticamente inacessível à população mais pobre. Com o processo de migração urbana ainda intenso, as novas famílias que chegavam a São Paulo tinham como uma das únicas opções de moradia acessível a ocupação de áreas vazias nos loteamentos periféricos, ou seja, das áreas não edificantes principalmente ao longo de rios e córregos ou das áreas destinadas a equipamentos públicos e que seguiam sem uso. Assim, explodiu a quantidade de favelas. Em 1973, havia 14.650 domicílios em favelas no município de São Paulo e, em 1987, esse número passou para 142.674 (PASTERNAK, 2006).

No Jardim Macedônia, entre o final da década de 1970 e início da década de 1980, a área ao longo do Rio Pirajuçara e de um de seus afluentes começou a ser ocupada, complexificando as relações sociais do bairro. Sylvia Leser de Mello (1988) afirma que, em escala reduzida, nos bairros periféricos eram reproduzidas as desigualdades da sociedade mais ampla. Se antes “todo mundo era igual”, a ocupação da área ao longo do Pirajuçara trouxe um marcador que diferenciava os moradores dos lotes dos moradores da favela.

Independentemente dessa diferença, o adensamento do bairro não foi acompanhado pela melhoria da infraestrutura e dos serviços urbanos e moradores dos lotes e da favela estavam submetidos a situações semelhantes de precariedade. No início da década de 1980 no Macedônia, ainda não havia nenhum equipamento público, rua asfaltada e sistema de esgoto; a única linha de ônibus, que ia para Pinheiros, era insuficiente para a demanda diária, e a água encanada havia chegado fazia pouco tempo em 1979. Além disso, a fome e a carestia assolavam o cotidiano de todas as famílias.

Na escala nacional, o país passava pelo início do processo de abertura política após quase duas décadas de ditadura civil-militar. Eder Sader (1988) afirma que essa transição para um novo sistema político foi marcada por diversas rupturas, sendo a mais significativa a mudança no comportamento das classes populares na vida política do país, especialmente em São Paulo:

Era o “novo sindicalismo”, que se pretendeu independente do Estado e dos partidos; eram os “novos movimentos de bairro”, que se constituíram num processo de auto-organização, reivindicando direitos e não trocando favores como os do passado; era o surgimento de uma “nova sociabilidade” em associações comunitárias onde a solidariedade e a auto-ajuda se contrapunham aos valores da sociedade inclusiva; eram os “novos movimentos sociais”, que politizavam espaços antes silenciados na esfera privada. De onde ninguém



Figura 3: Jardim Macedônia no final da década de 1970 ou início da década de 1980. Foto: Acervo Família Garcia, sem data.

esperava, pareciam emergir novos sujeitos coletivos, que criavam seu próprio espaço e requeriam novas categorias para sua inteligibilidade (SADER, 1988, p. 35-36).

Essa movimentação efervesceu no Jardim Macedônia a partir de meados da década de 1980, momento em que os moradores do bairro começaram um processo de formação política e reivindicação para a transformação da realidade em que viviam. É esse processo de agitação comunitária que relato neste capítulo, partindo, principalmente, das entrevistas realizadas para este trabalho. Para isso, primeiramente, apresento as formas de organização coletiva pautadas na metodologia “ver-julgar-agir” e que eram desenvolvidas a partir da Comunidade Eclesial de Base, da Sociedade Amigos de Bairro e do Partido dos Trabalhadores. Em seguida, apresento algumas ações e conquistas alcançadas, organizando-as em três diferentes momentos: i) nós por nós; ii) primeiras respostas do Estado; iii) Gestão Erundina. Depois, discorro sobre o contexto do final da década de 1980 com o início da ida petista para dentro do Estado, a reestruturação da Arquidiocese de São Paulo e seus desdobramentos. Por fim, discuto o papel da mulher na organização política-comunitária do bairro durante a década de 1980 e as estruturas ocultas de dominação a que elas estavam submetidas.

2.1. CEB, PT e SAB

2.1.1. Comunidade Eclesial de Base e o método *ver-julgar-agir*

O despertar para ação política no Macedônia começou na Igreja Católica embasado nas condições de precariedade do bairro. Sobre isso, Cleusa (2021) conta:

A nossa organização política partiu através da comunidade católica, porque na época tava naquela efervescência muito grande das Comunidades Eclesiais de Base né, a Teologia da Libertação e tudo isso. Lá na nossa paróquia, na nossa igreja a gente tinha os padres que eram os padres da Sociedade de São Patrício né, missionários, que eu acho que a gente teve a sorte que eram padres que sempre olhavam para uma religião que olhasse a pessoa como um todo. E também porque faltava tudo. Era um bairro que não tinha o mínimo necessário. Então a gente organizado na comunidade de base da igreja, a gente começou a formar comunidade. Não só comunidade religiosa, mas uma comunidade que eram pessoas que se encontravam, pessoas do bairro que começaram a se encontrar, conversar, discutir seus problemas, criar relação de amizade e tudo isso. E começamos a ver que era importante a gente se mobilizar, se organizar para trazer melhores condições para o bairro. Então acho que foi assim que nasceu a nossa organização política. Vem da necessidade que a gente sofria e buscando formas de resolver essas necessidades.

Cleusa (2021) afirma ainda que “naquela época, a gente ainda não tava na democracia, mas a gente nem tinha muito essa reflexão do que tava acontecendo no país, da ditadura militar e tal. Mas a gente sofria na pele o problema da pobreza, da miséria, das faltas de condições”.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) começaram a ser constituídas após a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em 1968 na cidade de Medellín, na Colômbia. Esse evento foi responsável por atualizar para a realidade da América Latina as anúncios do Concílio Vaticano II ocorrido entre 1962 e 1965 (PANASIEWICZ, 2018). Nesse contexto, a Conferência de Medellín fez um chamamento à presença mais intensa da Igreja Católica na transformação desse continente, denunciando as estruturas sociais que geram profundas desigualdades, exploração e miséria (SADER, 1988). Além disso, um aspecto decisivo dos encaminhamentos desse encontro foi o que se referia às condições da “salvação”, que não se daria individualmente, mas por meio da constituição de comunidades, congregadas pelo anúncio da palavra de Deus (SADER, 1988). Nesse contexto, a Igreja Católica “(...) passou a incentivar a maior participação dos leigos em suas atividades, ampliando sua prática pastoral através das CEBs e outros organismos que deveriam promover a ‘justiça social’” (MONTEIRO, 2015, p. 46)

Segundo Frei Betto (1981, p. 7, grifo nosso), as CEBs:

São **comunidades**, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comunidade em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São **eclesiais**, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São **de base**, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana.

Sobre as CEBs e essa linha “progressista” da Igreja Católica, Thiago Monteiro (2015, p. 46-47) faz uma ressalva importante para não cair em idealizações:

Este processo, que resultou na tentativa de construção de uma Igreja “progressista” e importante força de oposição ao regime-militar nos anos 1970, não deve ser compreendido como homogêneo, isento de contradições e divisões internas – a própria divisão entre Igreja “progressista” e “conservadora” deve ser matizada por se tratar de uma instituição hierárquica e que, inclusive, havia apoiado o golpe de 1964”.

Na periferia da zona sul de São Paulo, em meados da década de 1970, já havia algumas CEBs consolidadas, como a da Vila Remo próximo à Estrada do M’Boi Mirim. Mas foi a partir da década de 1980, com o início da consolidação dos próprios loteamentos populares, que as CEBs se difundiram de fato por esse território, formando uma rede de comunidades organizadas e em ação. Segundo Frei Betto (1981), em 1981, havia 80 mil CEBs em áreas urbanas e rurais de todo país, congregando cerca de 2 milhões de pessoas imbuídas “(...) de fé numa luta terrena pela justiça social” (SADER, 1988, p. 167).

Segundo Luzia (2021), as primeiras atividades da Igreja Católica no Jardim Macedônia aconteceram em meados da década de 1970 quando padres de comunidades vizinhas começaram a celebrar missas na casa da família da Dona Maria e do Senhor Silvio. Em 1976, chegou o primeiro padre da comunidade, o irlandês Timóteo da Sociedade de São Patrício. Segundo Cleusa (2021), Timóteo foi responsável por organizar inicialmente a comunidade, comprar um terreno e começar a construção da sede da igreja, a princípio com um cômodo. No terreno onde foi construída, havia uma grande rocha e, por esse motivo, passou a ser chamada de “Igreja da Pedra”, nome que também expressava a força da comunidade.

Sobre o início da igreja no bairro, Cleusa (2021) afirma:

Eu lembro uma vez que a minha mãe chegou em casa e falou o seguinte “o padre falou que tá indo pouca gente na missa: ‘se não for gente na missa, eu vou parar de vim rezar missa nessa comunidade’”. Então todo mundo vai para a missa, né. Isso eu tinha 14 anos, então a partir dali eu comecei a ir para a missa, porque o padre ia parar de vim rezar na nossa igreja né. Foi assim. No primeiro dia que fui para a missa, o padre Timóteo já me catou para eu poder ler alguma coisa, falou que eu ia ser catequista. Falei: “pô, como é que eu vou ser catequista? Eu não sei ser catequista, né”. “Você sabe ler?”. “Sei”. “Então você pega um livro, você lê, você é inteligente, você aprende”.

Segundo Luzia (2021), “o padre Timóteo era aquele né: ‘se vire’. ‘Vai dar curso de batismo! Se vire’. Ele empurrava e a gente conseguia, né. Da nossa forma, mas conseguimos né”.



Figura 4: Igreja Católica do Macedônia em construção. Fonte: Acervo Família Garcia, sem data.



Figura 5: Padre Timóteo com parte da comunidade no início da década de 1980. Fonte: Acervo Família Garcia, sem data.



Figura 6: Da esquerda para a direita em pé Cleusa, Padre João, Ivone, Clotilde, Antônia e Claudio. Foto: Acervo Família Garcia, 1984.

Padre Timóteo ficou no Macedônia entre 1976 e 1981, sendo sucedido pelo Padre João, também irlandês e da Sociedade de São Patrício. Com a comunidade católica já previamente organizada, a chegada de João deu início ao período mais vibrante na vida comunitária e política do bairro. Foi a partir daí que parte dos moradores do Macedônia começou de fato a discutir as problemáticas sociais e a traçar ações para transformá-las. Sobre João, Luzia (2021) afirma:

Padre João, se ele não fosse padre, ele seria um político, né, porque ele corria atrás. Era demais. Lembro muito bem que ele começava a fazer a homilia⁹, era no tempo do Figueiredo né, ele começava no evangelho e acabava largando o pau no Figueiredo né. Ele era demais. Organizava os panelaços né, padaria comunitária...

Vicente (2020) compartilha:

Acho que nós tivemos muita sorte de ter tido aqui os padres irlandeses, que eram todos doidos, corintianos. E esse padre João era o mais louco dos loucos. Padre João era do IRA, grupo revolucionário da Irlanda, e ele era jogador de futebol americano. Ele tinha um dedo que era todo desguedelhado assim, que era de jogar futebol americano, meio quebrado assim. Era troncudo e era louco! E ele era o único padre que ia com a gente nas passeatas.

⁹ Momento da missa católica em que o padre compartilha uma reflexão a partir das leituras de trechos da bíblia realizadas durante a celebração.

Eu não tava aqui durante o dia, porque eu trabalhava muito, mas ele pegava as mulheres e ia lá para a Regional¹⁰. Chegava lá e, se não respondesse, ele ia lá e invadia.

Além dos padres, havia as freiras que, segundo Aparecida (2021), “faziam o trabalho mais social, de saúde... fazer visita aos doentes, de ver quem precisa de comida, tem necessidade de buscar ajuda. Elas faziam esse trabalho na periferia durante a semana”. Ou seja, de modo geral, as freiras faziam o trabalho mais cotidiano, de mapeamento e acompanhamento das necessidades mais urgentes. Nas entrevistas realizadas para este trabalho, foram lembradas as irmãs Ana, Filis, Sheila e Zélia, quase todas, ou todas, irlandesas.

As ações da comunidade se pautavam no método “Ver-julgar-agir” – desenvolvido pelo cardeal belga Joseph Léon Cadijn, fundador da Juventude Operária Católica (JOC), e sistematizado no Brasil no livro “O senso crítico e o método Ver-julgar-agir” do Padre Jorge Boran. A partir dessa metodologia, realizava-se em três tempos uma reflexão crítica e voltada para a prática, de modo que as privações vividas deixassem de ser consideradas como fatalidades (SADER, 1988).

Segundo esse método, o “**ver**” consiste na observação de algum problema da realidade, que poderia ser “(...) o menor abandonado, os conflitos matrimoniais, o custo de vida, as drogas, as eleições ou qualquer outro que interesse os presentes” (SADER, 1988, p. 159). O objetivo é, a partir do confronto das observações, “(...) caminhar das impressões superficiais para uma compreensão mais objetiva e que relacione o fato com suas causas” (SADER, 1988, p. 159).

O momento do “**julgar**” é o exame da situação em questão à luz de princípios e critérios cristãos (PEDRINI, 2021a), “frequentemente através da questão ‘como é que Jesus agiria diante disso?’” (SADER, 1988, p. 159).

O “**agir**” é “(...) a determinação do que se pode e se deve fazer face à realidade conhecida (ver) e analisada criticamente (julgar)” (PEDRINI, 2021a, p. 188). É o momento em que ocorre o “(...) planejamento concreto de como resolver o problema, estabelece-se o plano, as estratégias e táticas de ação” (PEDRINI, 2021a, p. 188).

Segundo Dalila Pedrini (2021a, p. 188), “após executada, essa ação planejada se constitui em fato a ser revisado. É um processo contínuo, que vai sempre aprofundando a ação do grupo, seu conhecimento da realidade e dos conteúdos da fé”.

O método “Ver-julgar-agir” trouxe para o povo das CEBs a possibilidade de reflexão e transformação da realidade substituindo a ação cega trivial e cotidiana imposta à população mais pobre. Nesse contexto, passagens da bíblia eram utilizadas para estimular essa reflexão. Sobre isso, Jonas (2020) compartilha:

A gente usava muita leitura do êxodo, dá um sentido a essa nossa luta. Era praticamente a mesma coisa, você tinha uma história, uma mudança. Você foi arrancado de um lugar e levado pra um outro completamente diferente, sem estrutura nenhuma.

¹⁰ As regionais são equivalentes às atuais Subprefeituras.

A homilia durante a missa católica também era um momento importante para estimular a reflexão sobre a realidade:

Nas homilias o padre saía do altar e deixava a gente fazendo a homilia. Eu era um dos responsáveis por trazer os filmes, então eu fiquei sócio lá da filmoteca da USP. Eu ia lá pegar os filmes, ele [Padre João] comprou um projetor de Super 8. Na hora da homilia, a gente passava o filme no meio da igreja assim. Eu me lembro que passava “A luta do Povo” ali no altar, colocava o projetor lá no altar e projetava na parede dos fundos. Aí na hora da homilia virava todo mundo e tinha o filme “Luta do povo” num momento do filme que mostrava a morte de Santo Dias. E tinha um momento que o Lula, num comício “o governo fez da nossa luta uma guerra e nós vamos vencer essa guerra”, aí eu punha no último volume e o povo até tremia. Isso casa muito, essa luta e as conquistas, com a Igreja Católica. Se na área Central ela pautava a luta pela democracia, pelos direitos humanos, aqui na periferia na luta pela cidadania concreta direta. Você precisava ter creche, escola, ponto de ônibus, precisa de asfalto... (VICENTE, 2020).

Sobre a utilização do método “Ver-julgar-agir” no Macedônia, Vicente (2020) afirma:

A gente aplicava muito aqui no Grupo de Jovens que reunia em casa à noite. A gente fazia estudo de texto de Plínio de Arruda Sampaio na revista Família Cristã que era da editora Paulinas. A gente pegava textos dos companheiros do PT que indicavam, a gente ia lá e fazia a reunião. Depois ia pra casa, fazia os estudos. No outro dia, “e agora? Vamos pra prática!”. Era ajudar a construir barraco nas favelas que tinham famílias desabrigadas, arrumar comida pras famílias, pra igreja. Então a gente usava muito essa prática e a gente se orientava muito pelos textos do Plínio de Arruda Sampaio, na Revista Família Cristã, que tinha essa dinâmica.

Todas essas ações e grupos estavam diretamente ligadas às estruturas organizativas da Igreja Católica. Até 1989, a coordenação da igreja em São Paulo estava centralizada na Arquidiocese de São Paulo com sede na Sé e que, desde 1970, tinha como Arcebispo Evaristo Arns, religioso fortemente comprometido com as causas populares. A arquidiocese se dividia em Regiões Episcopais e o Jardim Macedônia pertencia a de Itapecerica da Serra, que abarcava os distritos do Jardim Ângela, Jardim São Luís, Capão Redondo, Campo Limpo, Vila Andrade, Vila Sônia e Morumbi, e os municípios de Taboão da Serra, Embu das Artes, Itapecerica da Serra, Embu-Guaçu, São Lourenço da Serra e Juquitiba (Figura 7).

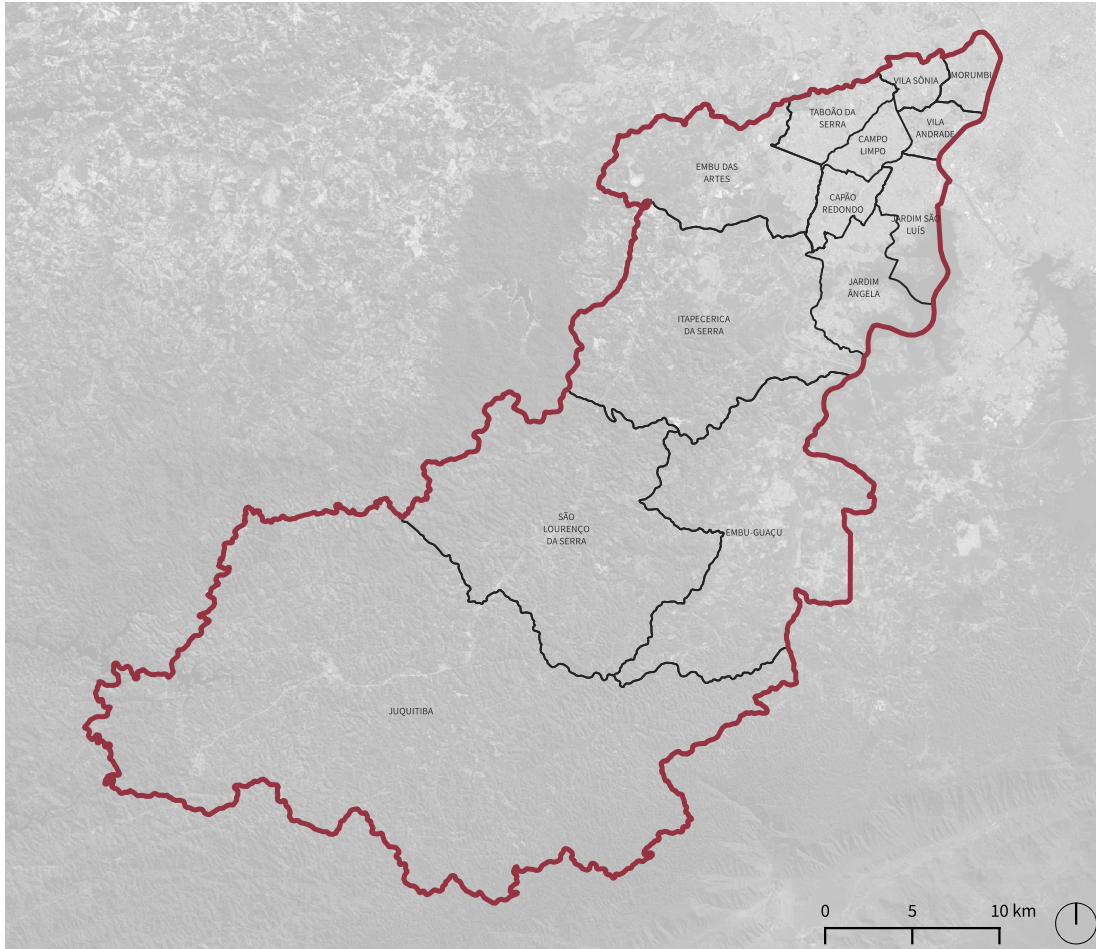


Figura 7: Região Episcopal de Itapecerica da Serra na década de 1980. Base da imagem: Bing Satélite. Elaboração própria



Figura 8: Inauguração da Paróquia São Sebastião em 1984. Foto: Acervo Família Garcia, 1984.

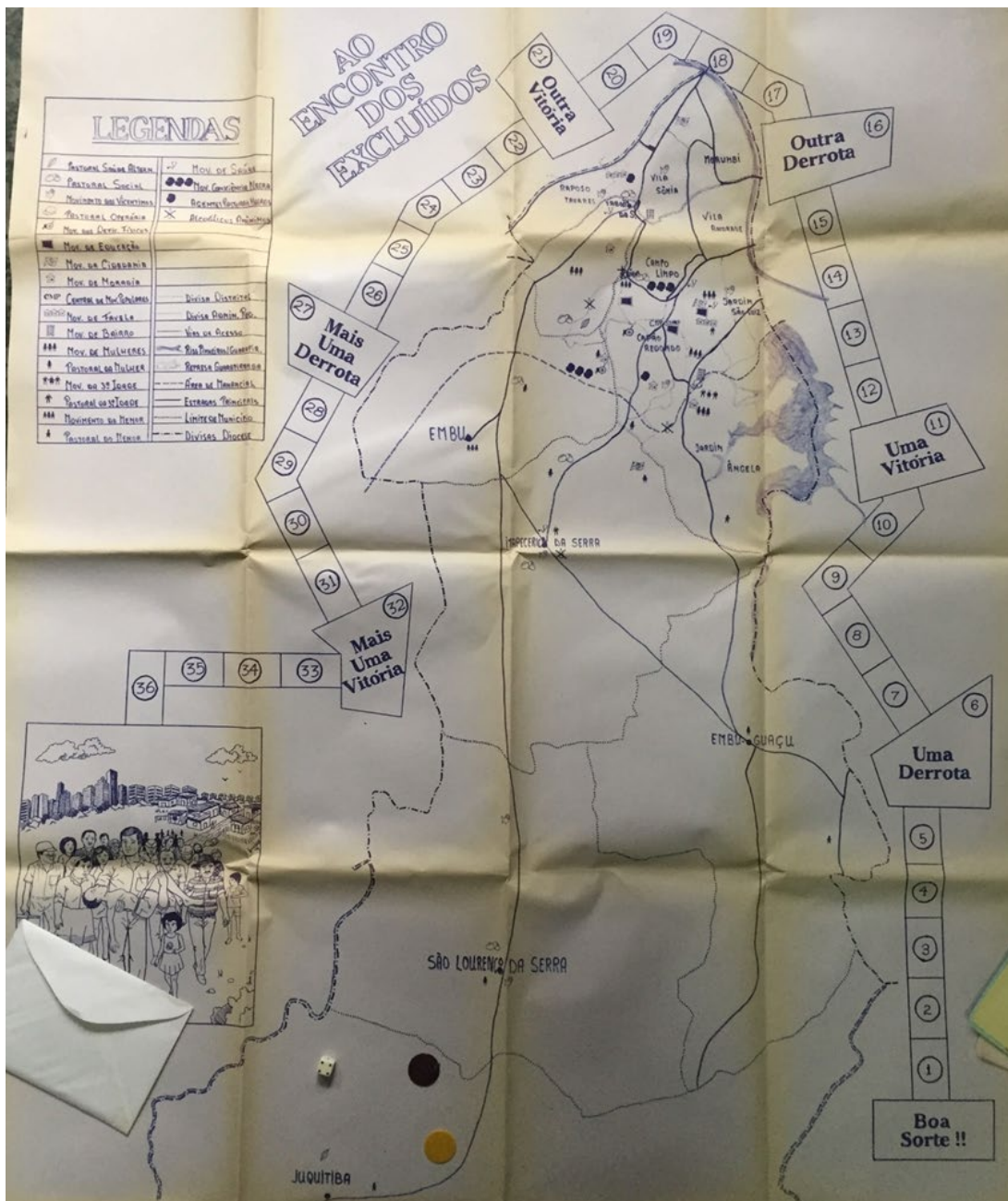


Figura 9: Tabuleiro do jogo “Ao encontro dos excluídos” montado em meados da década de 1980 com a cartografia da Região Episcopal de Itapeceira da Serra, Arquidiocese de São Paulo. Fonte: Acervo Centro de Direitos Humanos e Educação Popular de Campo Limpo (CDHEP)

A região episcopal se dividia em paróquias, formadas por cerca de três igrejas/comunidades e coordenadas por um padre. O Macedônia, Comunidade São Francisco de Assis¹¹, compunha a Paróquia São Sebastião, com sede no Jardim Mitsutani, inaugurada em 1984 e formada também

¹¹ O nome da comunidade foi decidido coletivamente no início da década de 1980. Francisco de Assis foi escolhido como padroeiro da comunidade por conta de sua história de comprometimento com a causa da população mais pobre.

pelas comunidades Nossa Senhora de Fátima, no Jardim das Rosas, Nossa Senhora Aparecida, no Jardim Maria Sampaio, e Santa Isabel, no Parque Sônia¹².

A partir dessa estrutura, diferentes grupos se articulavam nas diferentes escalas e as ações aconteciam. No Tabuleiro do jogo “Ao encontro dos excluídos” (Figura 9), montado em meados da década de 1980 como material a ser usado em atividades formativas, foram mapeados alguns movimentos e pastorais que atuavam na Região Episcopal de Itapeverica da Serra. Nesse material, são cartografadas as pastorais de Saúde Alternativa, Social, Operária, da Mulher, da Terceira Idade, do Menor, os movimentos dos Vicentinos, dos Deficientes Físicos, de Educação, da Cidadania, de Moradia, de Favela, de Bairro, de Mulheres, da Terceira Idade, do Menor, de Saúde, da Consciência Negra, a Central de Movimentos Populares, Agentes Pastorais Negros e Alcoólicos Anônimos.

Nota-se uma diversidade de grupos e pautas espalhados pelo território e articulados entre si, formando uma rede sólida de organização comunitária que partia do micro para compreender as questões estruturais. Segundo Eder Sader (1988, p. 160):

A Igreja ofereceu agentes pastorais cujos conhecimentos e dedicação foram indispensáveis para o funcionamento das comunidades, sua continuidade e a capacitação de seus membros; ofereceu uma estrutura organizativa que permitiu trocas de experiências, deliberações mais amplas, acesso a meios de comunicação e autoridades administrativas.

Uma ferramenta importante para a capacitação dos membros das CEBs e possibilitada a partir dessa estrutura organizativa da igreja eram as cartilhas de formação produzidas, principalmente, pelas regiões episcopais, Arquidiocese e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Escritas em linguagem popular e acessível, com muitos desenhos e figuras, essas cartilhas eram distribuídas pelas comunidades e utilizadas em encontros organizados pelos próprios membros da CEB. Essas cartilhas, pautadas pelo método “ver-julgar-agir”, utilizavam passagens bíblicas e a imagem de um Jesus Cristo revolucionário para embasar discussões sobre a realidade do momento (Figuras 10 e 11).

Algumas dessas cartilhas eram criadas para embasar as discussões das Campanhas da Fraternidade, momento importante de reflexão e ação nas CEBs. Essa ação é organizada anualmente desde a década de 1960 pela CNBB no período que antecede a Páscoa e tem como objetivo estimular a reflexão sobre algum problema concreto da sociedade brasileira.

¹² Antes de 1984, a Comunidade do Macedônia pertencia à Paróquia São João Batista, formada por comunidades de São Paulo e Taboão da Serra.

O LADO SOCIAL **2. COM QUEM**
JESUS SE RELACIONAVA


A FAMÍLIA A família era PATRIARCAL
 Na Palestina o PAI era o centro da família: Tinha autoridade sobre a casa.

A MULHER

ELA NÃO PARTICIPAVA DA VIDA DA SOCIEDADE

- Era inferior ao homem em todas as coisas.
- Devia obedecer e ser dirigida por ele.
- Normalmente ficava sã em casa.
- Aparecia em público com o rosto coberto com véu.
- No campo, a mulher do meio popular trabalhava fora, mas runca sozinha.
- As filhas não tinham os mesmos direitos que os seus irmãos.

Eu Te Louvo, ó Deus, por não ter nascido mulher.



todos os dias o Judeu rezava


- No templo, os direitos e deveres religiosos da mulher eram limitados, por exemplo:

- Havia uma parte reservada para as mulheres, que era separada por uma barreira do lugar dos homens.
- Ela não podia ler no culto, só escutava.
- Não podia estudar e ser discípula.

- no tribunal, a mulher não podia ser testemunha: é como se, hoje, a mulher não tivesse o direito de votar.

24

Jesus QUESTIONA os homens do seu tempo e nós, hoje:



JESUS E A FAMÍLIA

- Ele se distancia de sua família. Lucas, Cap. 2, Vers. 41 a 51
Cap. 8, Vers. 19 a 21
- A atitude de resistência da família de Jesus constitui para Ele um obstáculo à sua Missão: Ele se sente mais perto do Povo. Marcos, Cap. 3, Vers. 31 a 35

JESUS E A MULHER

- Ele quebra os tabus: fala a sãs com uma Mulher Samaritana. João, Cap. 4, Vers. 2
- Jesus se faz acompanhar por um grupo de mulheres junto com os discípulos. Lucas, Cap. 8, Vers. 1 a 3
Elas, sozinhas, estão presentes no Calvário. Marcos, Cap. 15, Vers. 40 a 41
- Elas vão ser as primeiras testemunhas da Ressurreição. Lucas, Cap. 24, Vers. 1 a 11
Marcos, Cap. 16, Vers. 1 a 8
- A Mulher pode testemunhar a FÉ. Mateus, Cap. 15, Vers. 28
- Tem direito de sentar aos pés de Jesus, isto é, aprender a ser discípula. Lucas, Cap. 10, Vers. 38 a 42
- Ela deve ser respeitada como gente, ter igualdade com o homem e não ser tratada como objeto. Lucas, Cap. 7, Vers. 36 a 50
Mateus, Cap. 5, Vers. 26

JESUS DÁ À MULHER UM LUGAR NA VIDA SOCIAL

27

Figura 10: Páginas da cartilha “Jesus: sua terra, seu povo, sua proposta”, publicado em meados da década de 1980 pela Ação Católica Operária. Nesse trecho, discute-se o papel da mulher na sociedade. Fonte: Acervo Família Morais.

JESUS E O CASAMENTO

Jesus QUESTIONA

Em relação ao casamento Jesus fala pouco, e é sempre para responder perguntas que Lhe foram feitas.

- Jesus se posiciona contra o divórcio. Matheus, Cap. 19, Vers. 1 a 9
- Defende a monogamia: um homem só com uma só mulher. Marcos, Cap. 10, Vers. 11

Esse posicionamento constituía uma grande novidade libertadora.


OLHA SÓ...

A mulher era posse do marido... Matheus, Cap. 21, Vers. 31 a 32
Galatas, Cap. 3, Vers. 28

... para Jesus, Mulher e Homem são iguais, com os mesmos direitos.

Só o homem podia repudiar a sua mulher e escolher outras... Matheus, Cap. 19, Vers. 1 a 9

... o divórcio é um mal para o homem como para a mulher. Assim Jesus dá à mulher sua plena dignidade e faz do casamento vivido na igualdade de direitos e no amor, um sinal do Reino já presente.



A mulher abandonada voltava para a casa do pai ou entrava na prostituição... Matheus, Cap. 9, Vers. 31 a 32

... Jesus questionava a Lei machista que levava a tais consequências.


Na prática, divórcio e poligamia eram privilégios de ricos; o pobre não tinha condição de sustentar várias mulheres... Lucas, Cap. 20, Vers. 35

... o casamento cristão cria um novo relacionamento entre homem e mulher, dentro duma sociedade nova, livre.


A Virgindade era sinal de independência a serviço do Reino

28

JESUS E AS CRIANÇAS



Jesus manifesta seu afeto para com as crianças: "Deixem elas vir a mim..." Marcos, Cap. 10, Vers. 14



Ele reconhece que as crianças têm seus defeitos, mas elas têm seu lugar na sociedade; Matheus, Cap. 11, Vers. 16 a 17

A vida das crianças é feita de brincadeiras, divertimentos, com agressividade, mas a espontaneidade e simplicidade fazem delas um modelo para entrar no Reino de Deus. Marcos, Cap. 10, Vers. 13 a 16

Jesus QUESTIONA os homens do seu tempo e nós, hoje.

"... há quem deixa casa, mulher irmãos, pais ou filhos por causa do Reino de Deus..." Lucas, Cap. 18, Vers. 29

REFLETINDO JUNTOS

6

Será que, para Jesus, o mais importante não é a família? Como você explica isso?

REFLETINDO JUNTOS

7

Como você vê o papel da mulher na sociedade, hoje?

REFLETINDO JUNTOS

8

Como seriam os critérios para um casamento cristão, hoje?

29

Figura 11: Páginas da cartilha "Jesus: sua terra, seu povo, sua proposta", publicado em meados da década de 1980 pela Ação Católica Operária. Nesse trecho, discute-se o papel da mulher na sociedade e é interessante notar que, ao mesmo tempo que afirma que "Jesus questionava a lei machista", também afirma que "Jesus se posiciona contra o divórcio". Fonte: Acervo Família Morais.

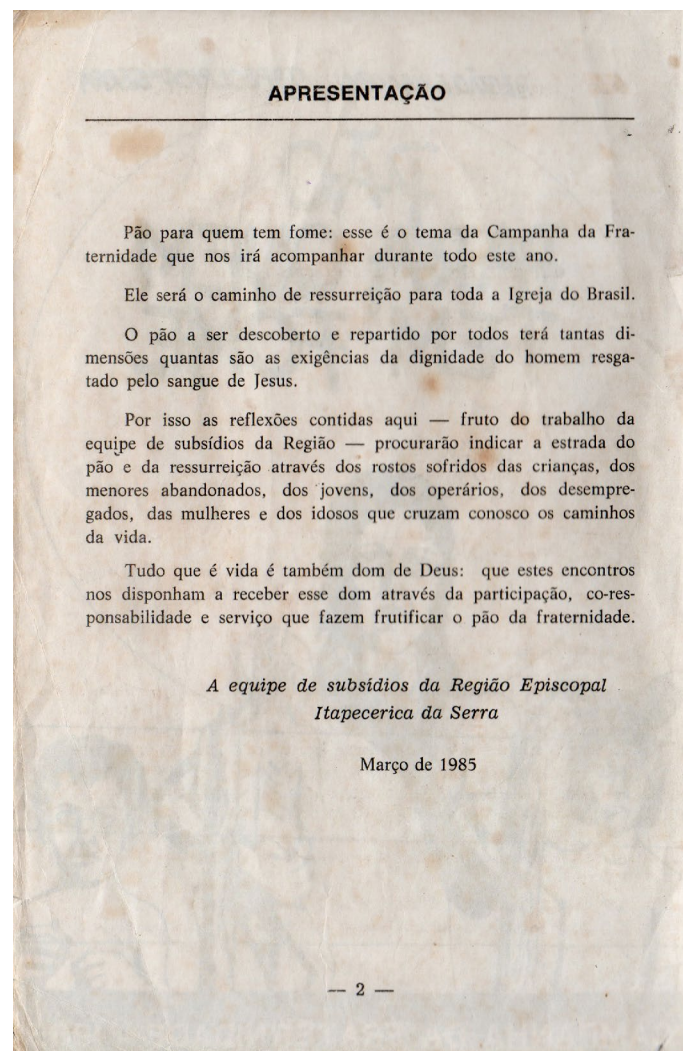
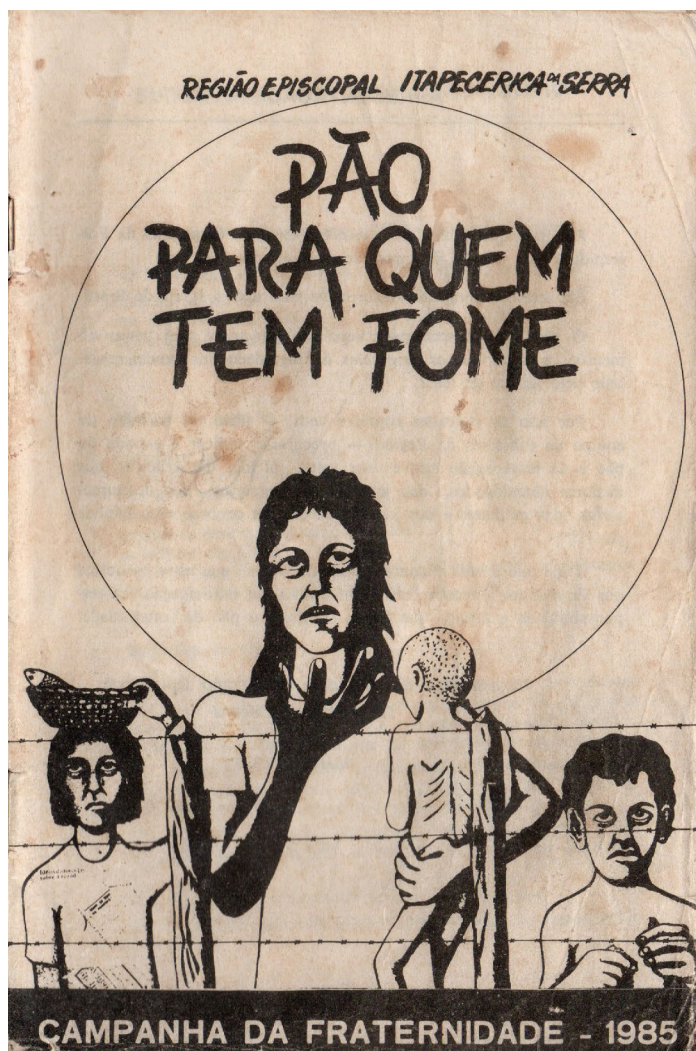


Figura 12: Capa e contracapa de uma cartilha organizada pela Região Episcopal de Itapecerica da Serra para a Campanha da Fraternidade de 1985, que tinha como tema “Pão para quem tem fome”. Fonte: Acervo Família Morais.

Na CEB do Macedônia, os grupos mais ativos durante a década de 1980 eram o Grupo dos Jovens e a Pastoral da Saúde¹³. De modo geral, esses grupos se reuniam semanalmente e definiam as ações e atividades a serem organizadas. Além disso, uma vez por mês, ocorria a Reunião de Comunidade, que congregava todos os membros da CEB, onde se compartilhavam as atividades realizadas por cada grupo e definiam-se os próximos passos de atuação:

A gente tinha uma reunião de comunidade que era uma vez por mês e nessa reunião com a comunidade que juntava as pessoas das diversas pastorais e quem queria participar também, era aberto, a gente fazia questão de avisar e convidar, a gente tomava as decisões ali né, o que a gente vai fazer, se vamos fazer a passeata, se vamos fazer uma abaixo-assinado, se vamos fazer isso ou aquilo. Era assim, um processo bem democrático que a gente tinha lá na comunidade né (CLEUSA, 2021).

Também havia uma vez por mês reuniões com os grupos temáticos das outras comunidades da paróquia, além de outras reuniões em nível paroquial e regional importantes para a articulação entre diferentes bairros.

Especificamente sobre a Pastoral da Saúde, era um grupo formado quase que completamente por mulheres mais velhas, animadas por irmãs missionárias. Segundo Cleusa (2022), “tinham as irmãs missionárias também, que eram as Missionárias Médicas de Maria, que também eram irlandesas, a Irmã Sheila, a Irmã Ana. Elas eram médicas de Maria, porque eram mais dedicadas à saúde”. De modo geral, a Pastoral da Saúde desenvolvia ações em apoio aos doentes e de combate à fome.

Especificamente sobre o Grupo dos Jovens, foi criado em 1979 e se chamava CAJAM (Comunidade Amiga de Jovens Amor Maior). O grupo se reunia aos sábados à noite para estudos e planejamento das ações, que eram colocadas em prática principalmente aos finais de semana durante o dia e contavam com o apoio de toda estrutura da igreja. Segundo Aparecida (2021), “no CAJAM, quem podia ia durante a semana lá levar um ofício... a gente pegava muito ofício do padre e do bispo. Quem ajudava muito a gente era Dom Fernando, que era um bispo muito dá hora, ele partilhava das nossas lutas”¹⁴.

Uma das ações do CAJAM lembrada por Maria Aparecida (2021) foi uma enchente no Rio Pirajuçara que deixou várias famílias desalojadas. Os jovens acolheram essas famílias no salão da igreja: “nós cozinávamos, nós nos organizamos, pedimos doação, a gente dividia roupa, a gente trouxe esse povo todo e acolheu esse povo na igreja. Foi uma ação social muito grande que envolveu muita gente” (MARIA APARECIDA, 2021).

Além do apoio às necessidades urgentes e busca por melhorias das condições de vida, o Grupo de Jovens realizava atividades para a sociabilidade e diversão da juventude: “a gente procurava interpretar um pouco o sentimento da juventude que não é só rezar, fazia um monte de atividades” (VICENTE, 2020). Dessa forma, o grupo organizava para o bairro ou/e em articulação com grupos da

¹³ De forma resumida, os grupos são organizados por membros da mesma comunidade enquanto as pastorais congregam pessoas de diferentes comunidades e paróquias.

¹⁴ Dom Fernando José Penteadó foi o bispo da Região Episcopal de Itapeçerica da Serra a partir de 1979.

região, entre outras ações, competições, gincanas, festivais e peças de teatro, torneios de futebol etc. Aparecida e Vicente (2020) lembram que uma das provas dentro de uma das gincanas realizadas tinha como objetivo pegar a maior quantidade de ratos vivos no córrego do bairro. Outro ponto destacado nas entrevistas foi o Festival de Teatro do Rosana, “o maior festival de teatro da região” segundo Aparecida (2020).

2.1.2. Partido dos Trabalhadores

As ações da CEB do Jardim Macedônia logo se articularam ao Partido dos Trabalhadores (PT), fundado em 1980 e que fortaleceu a organização política-comunitária do bairro¹⁵. Sobre esse momento, Cleusa (2021) afirma:

Dentro disso tudo, a gente começou a entrar na questão do movimento sindical e do partido político. Já não bastava ficar fazendo as bondades com as nossas pernas, foi tendo essa compreensão de que precisava ter uma mudança de política na cidade para a gente ter melhores condições de vida também. Lembro que aí a gente tinha a Pastoral Operária também, que a gente tinha na região episcopal lá do Macedônia, principalmente o Geraldo que era mais ativo na Pastoral Operária, porque ele era um trabalhador de fábrica e tudo isso. E depois a gente começou a se organizar no PT. O PT tava nascendo ali nos anos 80, então em 82 tava a gente lá já se organizando no PT, montamos um núcleo de base que a gente reunia lá na casa da Dona Maria e Seu Antônio. Teve um período que a gente alugou uma salinha lá no Jardim das Rosas para poder fazer nossas reuniões lá.

De forma semelhante à Igreja Católica, o partido político incluiu o Macedônia em uma rede estruturada por universidades e outras organizações de base, como os sindicatos. O contato com esses agentes possibilitou a realização de diversas ações de formação no bairro com lideranças políticas e intelectuais.

Além disso, com o PT, militantes das CEBs começaram a se tornar quadros da política institucional, fazendo com que as reivindicações populares extrapolassem mais facilmente os bairros e chegassem às estruturas de poder. O primeiro parlamentar da região foi João Carlos Alves, membro da Pastoral Operária, morador do Campo Limpo e eleito vereador em 1982:

A gente sempre teve quadros que tiveram importância na política, na nossa caminhada. Pessoas com quem a gente se relacionava e que tinha uma relação com a comunidade quando a gente começou com o PT. O João Carlos Alves que era da Pastoral Operária inicialmente e depois a gente... com o nosso envolvimento político, a gente elegeu o João Carlos Alves vereador pelo Partido dos Trabalhadores (CLEUSA GARCIA, 2021).

Além de João Carlos Alves, em 1982, foram eleitos Paulo Diniz para Assembleia Legislativa de São Paulo e Irma Passoni para Câmara dos Deputados, que também atuavam nas CEBs da zona sul.

Essa relação com a política institucional trazendo melhorias para o bairro teve seu ápice com a eleição de Luiza Erundina prefeita de São Paulo em 1988. Discorrerei sobre isso no item 2.2.3. *Terceiro momento: Gestão Erundina* deste trabalho.

¹⁵ Algumas CEBs se articularam ao PCdoB.

2.1.3. Sociedade Amigos do Bairro

Um desdobramento das ações iniciadas na Igreja Católica foi a conquista da Sociedade Amigos do Jardim Macedônia e Adjacências¹⁶ em 1988. A entidade foi fundada em 1976 por moradores do bairro ligados ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Após a consolidação da CEB, o grupo ligado à Igreja Católica e ao Partido dos Trabalhadores passou a criticar a atuação da Sociedade Amigos do Bairro (SAB), apontando-a como clientelista e desvinculada das necessidades do bairro. Com isso, esse grupo criou uma chapa de oposição para concorrer à diretoria da entidade. Sobre esse momento, Cleusa (2021) comenta:

Lembro uma vez que a gente resolveu colocar uma chapa e disputar a associação, porque a gente fazia as ações na igreja enquanto gente católica que queria uma vida melhor. Então a gente resolveu que a gente queria fazer ações a partir de uma entidade que não fosse simplesmente a igreja, que fosse um espaço mais plural que não era só com católico, que podia ter outras pessoas ali. E nós tentamos montar uma chapa para concorrer e o pessoal não deixou a gente concorrer nessa primeira eleição que a gente fez. Eles não aceitaram a nossa inscrição, porque aí já tinha a disputa (...). Nós, então, decidimos fundar uma associação por um tempo: “já que a gente não pode se inscrever, vamos fundar uma outra”. Nós fundamos uma outra associação, eu esqueço o nome agora, mas eu lembro que o endereço era da casa da Lu [Luzia Candida] aí.

A criação dessa associação alternativa deve ter acontecido, provavelmente, em 1986. Na eleição seguinte da SAB, em 1988, o grupo voltou a se organizar e venceu pela primeira vez a disputa:

Depois de passados dois anos, a gente voltou para se inscrever de novo para participar da eleição na Sociedade Amigos do Bairro. Acho que foi a Clô [Clotilde Garcia] que era a nossa candidata. Eu lembro que a gente tinha uma candidata contra o Zé Gaúcho e foi uma eleição grandiosa, porque a gente fez uma mobilização grande no bairro. A gente tinha faixa, tinha tudo. Quiseram fraudar a apuração. Eu lembro que na hora das apurações das urnas eles fizeram acabar a luz. Alguém desligou a chave, era assim, foi jogo pesado para a gente não ter o resultado. Mas aí no fim a gente garantiu a contagem dos votos e lembro, assim, que a gente teve 800 votos. Foi uma eleição grande, como nunca vista na história do bairro. Então mobilizou muito né (CLEUSA GARCIA, 2021).

Para Cleusa (2021), a conquista da SAB foi um divisor de águas:

A gente era o povo da igreja e o povo da igreja que era católico também e que era petista também né. Então teve um movimento muito grande e daí a gente passou a atuar mais para as questões mais sociais, ainda junto com a igreja, mas também via Sociedade Amigos de Bairro.

Teresa Caldeira (1984, p. 49) afirma que a partir da década de 1970 teve início um movimento visando transformar as SABs “(...) em entidades verdadeiramente associativas e comunitárias, organizadas com o objetivo principal de conseguir melhorias para os bairros”, distanciando-as do clientelismo até então vigente. Esse processo estava diretamente relacionado à consolidação das CEBs e sua

¹⁶ Atualmente, a entidade se chama Associação Cidadania Ativa do Jardim Macedônia (ACAM) e permanece no mesmo endereço desenvolvendo, principalmente, ações com crianças e adolescentes no contraturno escolar.



Figura 13: Antiga sede da Sociedade Amigos do Jardim Macedônia e Adjacências provavelmente durante a década de 1990. Foto: Acervo ACAM.



Figura 14: Dia da eleição de 1992 para a SAB do Jardim Macedônia. Fonte: Acervo Família Garcia.



Figura 15: Dia da eleição de 1992 para a SAB do Jardim Macedônia. Fonte: Acervo Família Garcia.

articulação com as SABs e novos partidos políticos. Esses três braços, apoiados no método “ver-julgar-agir”, formaram o terreno necessário para o desenvolvimento de diversas ações nas periferias de São Paulo durante, principalmente, a década de 1980.

No Jardim Macedônia, a partir da vitória de 1988, o grupo ligado à Igreja Católica e ao PT permaneceu na direção da SAB até o momento em que a entidade deixou de atuar como Sociedade Amigos de Bairro em meados da década de 2010¹⁷, sendo o auge de mobilização as décadas de 1980 e 1990. A cada dois anos, ocorriam eleições para uma nova diretoria e esse era um momento de grande agitação no bairro, mobilizando boa parte dos moradores na disputa entre as diferentes chapas (Figuras 14 e 15).

Organizacionalmente, o grupo realizava uma vez por mês a Reunião da Sociedade, que congregava os membros da diretoria e outros moradores e era o principal meio de debate e decisões coletivas. Além disso, havia as comissões temáticas de Educação, Transportes, Saúde, Lazer, Cultura, Finanças, Bairro e Limpeza, que se reuniam mensalmente e se organizavam sobre essas questões (Figura 16). Por um período, também havia os representantes de ruas, moradores responsáveis por encaminhar as reivindicações sobre as ruas e vielas (Figura 17).

Além disso, a SAB organizava festas, oficinas e, aproveitando a rede de relações formada pelas CEBs e PT, rodas de conversa com quadros políticos de relevância da época. Para compartilhar com os outros moradores as ações que ocorriam, eram organizados os “Boletins da SAB”, folhetos datilografados e distribuídos mensalmente pelo bairro com um resumo das atividades desenvolvidas (Figuras 18 e 19).

Na SAB, as ações também se embasavam no método “ver-julgar-agir” e, de modo geral, aconteciam em três tempos: 1) Levantamento da situação a partir da aplicação de questionários ou conversas com moradores; 2) Reflexão coletiva sobre a questão e definição das ações a serem tomadas; 3) Realização da ação, que poderia ser o encaminhamento de um ofício, a criação de uma abaixo-assinado, uma manifestação, agendamento de reuniões com representantes do poder público etc. Essas ações eram diversas, aconteciam simultaneamente e envolviam diferentes grupos e moradores.

¹⁷ De certa forma, parte das pessoas que compunham esse grupo continua ligada à direção da atual ACAM, não estando no dia a dia da entidade, mas apoiando-a com ações pontuais.

OS TRABALHOS DAS COMISSÕES

- EDUCAÇÃO: os membros desta comissão estão levantando dados estatísticos para o encaminhamento da reivindicação de 2º turno no colegial noturno.
- TRANSPORTES: Uma comissão de moradores foi até a secretaria de transportes reivindicar a criação de uma linha CENTRO- via Santo Amaro.
- SAÚDE: Esta comissão fez uma reunião com a Dra. Sônia - responsável pelos Postos de Saúde da região - onde foram encaminhadas as seguintes reivindicações:
- Mais medicamentos e ambulância e conservação do Posto
Esta comissão se reunirá todas as 2as. Quintas Feiras de cada mês às 9 horas na sede da sociedade
- LASER: Capoeira: participe do grupo de capoeira da Sociedade Amigos aos fins de semana. Participe do grupo Irmãos Unidos.
- CULTURA: O Colégio João Martins do Jd. Independência estará sendo inaugurando dia 25 de junho a BIBLIOTECA COMUNITÁRIA que estará a disposição de todos os moradores da região. Neste dia estarão sendo apresentados vários eventos culturais. PARTICIPE !
- FINANÇAS: O Caixa da Sociedade está com um débito de Cz\$1300,00 A festa do dia 14 de maio, festa da posse, arrecadou Cz\$ 14.300,00, porém, mesmo ganhando o vinho que até sobrou, o gasto foi de Cz\$ 15.600,00.
Colabore com a Sociedade e participe da Festa Junina e das atividades que vamos programar.
- BAIRRO: Já conseguimos limpeza e cascalhamento em quase todas as ruas e estão sendo encaminhadas as seguintes reivindicações:
- Asfalto , canalização do córrego, canalização e escadarias nas vielas, etc...
- LIMPEZA: Nosso bairro precisa de muitas melhorias, algumas delas só depende de cada um de nós e de nossa educação.
A sujeira que se encontra nas ruas , vielas e terrenos baldios é muito prejudicial a nossa saúde, por isso coloque o lixo em saco plástico e deixe fácil para o lixeiro coletar, em lugares altos não permitindo cachorros e gatos possam espalhar pela rua toda.

CONTAMOS COM A COLABORAÇÃO DE TODOS OS MORADORES
NOSSO BAIRRO SERÁ MAIS BONITO !

Figura 16: Página do Boletim da SAB Macedônia de junho de 1988 com um resumo sobre as ações das comissões temáticas.
Fonte: Acervo Família Garcia.

A D I R E T O R I A

EXECUTIVA:

Presidente Carlito
Vice-Pres. Geraldo
1ª Secretária Zita
2ª Secretária Clotilde
1º Tesoureiro Joaquim
2º Tesoureiro Mário

CONSELHO FISCAL

Pres. Jose Rodrigues
Vice Toninho
MEMBROS: José dos Santos, Miguel Ferreira
Antonio Carvalho, Jonas e Antonio Augusto
SUPLENTEs: Elizabete, Olinto e João Luiz
trabalhando junto às comissões.

Para organizar as reivindicações sobre ruas, vielas, asfalto e outros, foi tirada uma comissão composta por membros da diretoria e representantes de ruas, que são:

Rua Antonio L. Machado - Inalda e Sr. Nascimento
Rua Manoel da Conceição- José Mota e Da. Maria
Rua José Botelho de Carvalho - Da. Amélia e José Rodrigues
Rua Serra do Pilar - Nair e Francisco
Rua Soriano de Albuquerque - Sr. Aristides e Sr. Delfino
Rua Teixeira de Pascoais - Luzia
Rua André Soares - Da. Aparecida e Miguel
Rua Agostinho de Paiva - Olinda do Vale e Jose Pedro Ferreira
Rua Presciliiana de Almeida - João Luiz Sla e Antonio Augusto
Rua Olimpio R de Araujo - Maria Rosa de Oliveira e Celina
Rua Alexandre Golovine - Aurea e Roseane
Rua Luiz Carrand - Neuza, Jucelino e Patricio Lourenço

Participe das reuniões conosco elejam os representantes das ruas que ainda não estão aqui: A reunião se realizará todo 4º domingo de cada mês - às 10 horas na sede da sociedade.

FESTA - FESTA - AFINAL NINGUÉM É DE FERRO !

No dia 14 de maio foi realizada a festa da posse desta diretoria onde contamos com a participação de muitas pessoas, muita música e um clima de muita amizade,

Agora você não pode perder A GRANDE FESTA JUNINA DESTA SOCIEDADE que se realizará DIAS 25 e 26 de junho de 1988 a partir das 16 h.

Figura 17: Página do Boletim da SAB Macedônia de junho de 1988 com os nomes dos representantes das ruas. Fonte: Acervo Família Garcia.

BOLETIM DA SAB

MAIO/89



SAB DO JD. MACEDÔNIA

NA LUTA POR UM BAIRRO MELHOR !!!

LEIA NESTA EDIÇÃO:

Calendário da SAB

Saúde Pública

DIA DO TRABALHADOR
Luta por Transportes

SAB, A ADMINISTRAÇÃO REGIONAL
E VISITA DA PREFEITA

Figura 18: Capa do Boletim da SAB Macedônia de maio de 1989. Fonte: Acervo Família Garcia.

1º DE MAIO - DIA DO TRABALHADOR

A FINALIDADE DE NOSSA LUTA

Ninguém luta pelo prazer de lutar. Os trabalhadores lutam para acabar com a realidade desumana que pesa sobre eles: A fome, o desemprego, as doenças, o salário injusto, a carestia, os assassinatos, os baixos preços dos produtos agrícolas, a falta de terra para merar e trabalhar, falta de ensino. Nessa luta é contra a concentração das riquezas na mão de uma mineria. Nessa luta é contra as pessoas e os órgãos que estão à serviço dos patrões. Porém, todo e nesse esforço é para construir uma Sociedade Nova. Uma Sociedade onde haja fartura, alegria, Saúde, Conforto, Diversão, Beleza, Paz e Fraternidade entre os homens.

Nessa luta é para que as riquezas produzidas pelos trabalhadores sejam distribuídas conforme o trabalho e a necessidade de cada um.

Nessa vitória é certa. Outros povos já conseguiram e vários estão a caminho. Mas, isto só acontece, quando o trabalhador decide colocar todos os seus talentos, suas energias e a sua vida dentro de uma AÇÃO ORGANIZADA. A realidade vai mudando à medida em que os trabalhadores, no campo e na cidade vão se comprometendo no MOVIMENTO POPULAR, no MOVIMENTO SINDICAL e em um PARTIDO DE TRABALHADORES.

" OPERÁRIOS DE TODO O MUNDO

UNÍ - V O S "

Figura 19: Texto publicado no Boletim da SAB Macedônia de maio de 1989 com claras inspirações no Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels. Fonte: Acervo Família Garcia.

2.2. Ações e Conquistas

As ações e conquistas do povo da CEB, SAB e PT do Macedônia mais citadas nas entrevistas realizadas por este trabalho serão descritas neste item. Clotilde (2021) destaca que em todas essas ações “estava presente a preocupação de formação para os participantes”, discutindo-se as necessidades e questões latentes do momento, como saúde, meio ambiente, transporte, escola etc.

De certa forma, há uma periodização dessas ações em três diferentes fases: i) a primeira, durante o início da década de 1980 e ainda durante a ditadura civil-militar, corresponde às ações organizadas pelos moradores sem nenhum tipo de apoio do Estado; ii) a segunda, em meados da década de 1980 e início da abertura política, corresponde às primeiras ações que contaram com apoio do Estado; iii) a terceira corresponde ao período da gestão municipal de Luiza Erundina (1989-1992) quando as ações começam a ser tomadas também a partir do Estado, trazendo novas complexidades e contradições¹⁸.

Vale ressaltar que as ações descritas aqui foram organizadas por moradores do Macedônia, mas não estavam isoladas em si. Pelo contrário, como afirmado anteriormente, as CEBs, em especial, constituíam uma rede sólida de comunidades populares organizadas localmente e que também traçavam ações conjuntas, como passeatas. Dessa forma, os três diferentes momentos definidos por este trabalho estão relacionados não só às dinâmicas do bairro, mas também ao contexto político, econômico e social da cidade e do país.

Colocado isso, vale destacar que as ações do primeiro momento, que visavam principalmente o combate à fome, ocorreram no seio do Movimento Contra a Carestia (MCC)¹⁹. A partir de 1978, o MCC, que teve origem no Clube de Mães da CEB da Vila Remo²⁰, organizou uma série de passeatas contra os altos preços dos alimentos e artigos de primeira necessidade que tornavam as condições de vida da população mais pobre insustentáveis e eram resultado da política econômica da ditadura civil-militar.

Essas passeatas contavam com o apoio de diversas CEBs de toda metrópole que, assim como no Macedônia, também organizavam em seus bairros ações de combate à fome. Moradores do Macedônia participaram dessas passeatas, provavelmente, das que ocorreram na década de 1980 quando a CEB do bairro já estava mais consolidada.

¹⁸ Como a gestão Erundina termina em 1992, o que chamo de década de 1980 neste trabalho se estende, na verdade, até o início da década de 1990.

¹⁹ Para mais informações sobre o MCC ver a dissertação de mestrado de Thiago Monteiro intitulada “*Como pode um povo viver nesta carestia*”: O Movimento do Custo de Vida em São Paulo (1973-1982).

²⁰ Para saber mais sobre o Clube de Mães da Vila Remo, ver a entrevista de Ana Dias e Neide Abati na revista Sampa Mundi - Quebrada Sul, Ano 2, Número 4, 2021. Disponível em: <<https://www.sampamundi.com.br/revistas>>. Acesso em: 15 mai. 2022.



Figura 20: Manifestantes no Palácio dos Bandeirantes em abril de 1983. Foto: J.C. Brasil/CPDoc JB. Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/caestia-provoca-atos-de-rebeliao>>. Acesso em: 17 abr. 2022.



Figura 21: Saqueamento em mercearia no Jardim São Luís em abril de 1983. Foto: Luiz Novaes. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/banco-de-dados/2018/04/1983-protesto-de-desempregados-em-sao-paulo-deixa-1-morto-e-566-detidos.shtml>>. Acesso em 17 abr. 2022.

Destaco aqui os atos que ocorreram durante três dias em abril de 1983, com concentração no Largo Treze em Santo Amaro e com destino à Assembleia Legislativa e ao Palácio dos Bandeirantes (Figura 20). Esses protestos desencadearam uma série de saqueamentos em comércios por toda zona sul (Figura 21). Nota-se assim, o contexto explosivo daquele momento.

A partir dessas manifestações, o Estado começou a apoiar as ações desenvolvidas nos bairros pelas Comunidades Eclesiais de Base, período que corresponde ao segundo momento definido por este trabalho e que abarca, aproximadamente, os anos de 1985 a 1988. Nessa época, também estava acontecendo a Assembleia Nacional Constituinte, que contou com a mobilização do povo das CEBs, incluindo a comunidade do Macedônia que se organizou para ir à Brasília.

Por fim, o terceiro momento – a Gestão Luiza Erundina – foi resultado de toda essa organização em rede desse “novo sujeito” (SADER, 1988) iniciada em meados da década de 1970 e consolidada durante a década de 1980. Dessa forma, além dos três períodos definidos por este trabalho estarem relacionados ao contexto político, econômico e social da cidade e do país, estão interrelacionados entre si, sendo decorrência um do outro. A seguir, apresento as ações e conquistas mais citadas nas entrevistas realizadas por este trabalho organizadas nos três diferentes momentos.

2.2.1. Primeiro momento: nós por nós²¹

Censo do Macedônia

Em meados da década de 1980, provavelmente em 1984, o Grupo de Jovens organizou um censo para levantar as condições e necessidades do bairro. Segundo Maria Aparecida (2021), foram divididos subgrupos responsáveis por uma ou algumas ruas do Macedônia. Ao longo de alguns finais de semana, com pranchetas nas mãos, os jovens passaram de casa em casa fazendo perguntas como: quantidade de adultos, crianças e idosos na família; local de trabalho, meios de locomoção e quais linhas de transporte público utilizavam; quantidade de crianças dentro ou fora da escola etc. Vicente (2020) afirma que com o Censo o grupo descobriu, entre outras coisas, que no bairro moravam 1287 famílias, que 27% da população queria uma linha de ônibus para Santo Amaro²² e que tinham 180 crianças fora da escola.

Com esses dados sistematizados, o grupo foi “atrás da luta concreta”. Segundo Vicente (2020), foram à Secretaria de Educação:

Fomos lá e, quando você leva a prova concreta, se não tem argumento contrário ao que levamos, então era vergonha! Tem 180 crianças fora da escola! Em dois meses, a gente

²¹ É importante ressaltar que “nós por nós” é uma expressão que passou a ser utilizada para ações autônomas nos territórios populares somente a partir de meados dos anos 2000. Ou seja, não era um termo utilizado pela militância durante a década de 1980.

²² Em algumas conversas realizadas ao longo do desenvolvimento deste trabalho, algumas pessoas afirmaram que esta linha de ônibus, na verdade, teria como destino a Estação da Luz.

conseguiu a escola em cima do campo de futebol, em dois meses fizeram a escola de emergência.²³

Quanto às linhas de ônibus, Maria Aparecida (2021) afirma que a partir do censo que fizeram conquistaram a linha de ônibus para a Estação da Luz:

Pegamos esse Censo e fomos lá na Secretaria Municipal de Transportes pra justificar a necessidade de ônibus e conseguimos a linha. Só tinha linha pra Pinheiros e a gente queria mais linhas, Estação da Luz. Aí com esse trabalho... Depois nós ficávamos fiscalizando, levantava 5 horas da manhã para ver se tava certo, se tava saindo, tipo fiscal mesmo de empresa.

Pão Comunitário

Em meados dos anos 1980, provavelmente na primeira metade da década, algumas mulheres do bairro, em especial as que participavam da Pastoral da Saúde, orientadas pelo Padre João e pela Irmã Zélia, organizaram o Pão Comunitário:

O padre comprou um barraco lá na favela da Agostinho de Paiva e montou lá com forno e equipamento pra fazer pão. Comprava farinha e tal, e tinha um grupo de mulheres organizadas que moravam lá. Aí, assim, com o apoio muito grande da Dona Elizabeth, que coordenava aquilo lá, então se fazia pão e elas vendiam pão. Com a venda dos pães, elas tinham... sabe economia solidária? Elas tinham uma grana para poder alimentar sua família, manter sua casa, melhorar as condições da casa (CLEUSA, 2022).

Segundo Elizabeth (2020), o Pão Comunitária era coordenado, na verdade, pela sua filha Aninha e o dinheiro para a compra do barraco na favela e do maquinário foi arrumado pelo Padre João, “(...) com os parentes dele, de longe”²⁴. Além disso, a sede da igreja do bairro era usada como apoio: “E aí na igreja tinha um salãozinho cheio de coisa lá, e elas, as mulher, trazia pra cá pra padaria, pra fazer pão. Vendia baratinho pra criança da favela não ficar sem pão” (ELIZABETH, 2020).

No processo para manter a padaria comunitária em pé, as mulheres se fortaleciam e se emancipavam:

A gente tinha mulheres que ajudaram na coordenação e que fizeram muito, como a Dona Lora que já morreu, a Estela, todas pessoas que eram lá da favela, que participavam do projeto, que estavam, assim, vamos dizer, sendo “beneficiadas” pelo projeto, mas que não eram beneficiárias passivas né, porque elas, assim, contribuía muito, a Ana também. Então elas ali dentro do processo, elas cresceram muito na consciência da política, do participar na luta e de ajudar a coordenar também o projeto (CLEUSA, 2022).

²³ Escola Estadual Cesar Yasigi, conhecida como Amarelinha.

²⁴ São comuns as histórias de que o Padre João apoiava famílias e projetos com dinheiro que recebia “de fora”. Segundo Rosário (2020), “o Padre João, quando ele chegou, ele comprou alguns terrenos e doou para algumas pessoas. Ele ganhava... vinha umas doações dos Estados Unidos pra ele, e ele comprou alguns pedaços de terra para famílias muito carentes na época”.

Cestas do Ceasa

Como desdobramento do Pão Comunitário, também provavelmente durante a primeira metade da década de 1980, a Pastoral de Saúde, animadas pela Irmã Zélia e pelo Padre João, passou a organizar um grupo para compra de alimentos no CEASA e distribuição na comunidade. Segundo Clotilde (2021):

Eu lembro que esse grupo, essa comida que o Padre João recebia do Ceasa, foi mais um trabalho das equipes de saúde, porque o atendimento era mais pra um grupo de saúde do Jardim Maria Sampaio e das mulheres da favela do Jardim Macedônia, onde acontecia o Pão Comunitário, que era muita pobreza ali. Então, assim, a irmã Zélia trabalhava muito ali com aquelas crianças, tinha muita desnutrição, tal e surgiu muito por conta disso (...). Era uma época de muita carestia, uma época que as condições eram gravíssimas, né, tava como agora.

A ação, no entanto, exigia uma certa estrutura logística:

(...) era um negócio mais complicado, porque exigia um carro. Aí o Wilson, marido da Ivone do Maria Sampaio era uma pessoa muito boa. Ivone e Wilson doaram muito a vida pela comunidade né. Wilson ia buscar quando o Padre João não podia ir. Wilson ia até o Ceasa, tinha uma doação e eles traziam aquela comida. O Wilson trabalhava por conta e por conta disso era mais fácil ele sair também né. Ele ia, buscava no Ceasa, aí ficava um pouco de comida no Maria Sampaio e um pouco de comida eles traziam para o Macedônia, a maioria era legumes, essas coisas. Aí as vezes eles levavam lá para o Pão Comunitário, Irmã Zélia ajudava e eles distribuía. Tinha um grupo de famílias, eu não sei, mas eram mais de 15 famílias parece no Macedônia que eles ajudavam (CLOTILDE, 2022).

Para facilitar a entrega dessas cestas, Padre João comprou uma kombi:

Depois teve uma Kombi que o padre João acabou comprando. E o Wilson consertou, quebrava sempre, quebrava na Marginal. Eu sei que era uma loucura. Às vezes Wilson ia cedo para poder voltar para o trabalho, a kombi quebrava e o Wilson acabava não indo trabalhar, porque a kombi tinha quebrado. Era uma novela, toda semana Padre João contando essa história (CLOTILDE, 2021).

Sobre essa ação, Elizabeth (2020) relembra:

Naquela época, teve um tempo muito ruim assim de fome mesmo. Aí o Padre João veio aí, e viu que tava necessitando fazer alguma coisa pra esse povão comer. Aí combinou com os santos lá²⁵... conseguiu uma verba para comprar coisa, para alimento no Ceasa. Primeiro lugar, comprou logo uma Kombi para ir buscar as coisas no Ceasa. Chegou lá no Ceasa comprou, comprava aquelas coisas mais baratas. O povo facilitava também, não é como hoje, que hoje em dia é meio difícil né? Mas era muita coisa. Ele trazia aquela Kombi que chegava de pneus aberta, despejava lá naquele salão e nós fechava lá para fazer sacola surpresa. Fazia primeiro a inscrição das pessoas que ia levar, tem quantos filhos tinha, era um negócio muito bem feito.

²⁵ Os “santos”, provavelmente, é a Sociedade de São Patrício, da qual Padre João era integrante.

Clotilde (2021) compartilha que a entrega dos alimentos do CEASA acabou por conta das dificuldades logísticas que a ação exigia:

Era uma coisa difícil, porque tinha que ter carro, tinha que ir buscar no Ceasa, era longe. Mas, mesmo assim, eles ficaram um bom tempo nesse grupo, trazendo essa alimentação.

Farmácia Comunitária e Saúde

Em meados da década de 1980, as irmãs Sheila e Ana, Missionárias Médicas de Maria, organizaram junto à Pastoral da Saúde uma espécie de Farmácia Comunitária, arrecadando remédios e distribuindo aos moradores dos bairros da Paróquia São Sebastião. Segundo Cleusa (2021):

Elas montaram, eu lembro porque eu trabalhei lá numa época voluntariamente, uma farmácia comunitária. Elas iam atrás de ganhar remédios dos laboratórios e tal, amostra grátis e tudo isso. E a gente tinha uma farmácia comunitária no Maria Sampaio que as pessoas iam lá, tinham que ir com receita e, se a gente tivesse o remédio, a gente dava o remédio de graça para a pessoa. Era uma forma também de ajudar as pessoas na falta de dinheiro e política para cuidar da saúde.

2.2.2. Segundo momento: primeiras respostas do Estado

Sacolão Comunitário

Pouco após à organização do Pão Comunitário e das Cestas do Ceasa e, de certa forma, como expansão dessas ações realizadas sem apoio do Estado, foi criado o Sacolão Comunitário. Segundo Clotilde (2021), o Sacolão foi uma resposta da Prefeitura de São Paulo às passeatas organizadas pelo Movimento Contra a Carestia, em especial, após um ato organizado até a sede da prefeitura:

A gente teve um contato com o pessoal da... depois dessa passeata que foi feita até a Prefeitura, até o Bem-estar Social, as assistentes sociais de lá, a Secretaria continuou fazendo contato com o Padre João na nossa paróquia e aí surgiu esse grupo do sacolão que era uma época, parece que a prefeitura doava algumas cestas, tinha um trabalho assim.

A prefeitura doava alimentos para o grupo responsável por organizar o Sacolão Comunitário e o responsável pelos trâmites burocráticos com a prefeitura era Izaque, filho de Elizabeth. O grupo envolvido nessa ação reunia entidades de vários bairros:

O pessoal da igreja que puxou, aí tínhamos nós que éramos da associação [SAB Macedônia], tinha um pessoal que era do Irapiranga, tinha o pessoal do Posto de Saúde, que era a assistente social, que era a Dona Elza. A gente montou uma coordenação para organizar esse grupo (...). Sei que era Macedônia, Eledy, Irapiranga, Jardim das Rosas, Fátima do Jardim das Rosas participava, tinha uma parte ali em cima do Mitsutani tinha um pessoal que participava (CLOTILDE, 2021).

Essa coordenação levantou as famílias desses bairros que mais precisavam de apoio. A prefeitura entregava os alimentos na igreja e esse grupo era responsável por fazer a separação das cestas:

E aí nós mapeamos, nós fizemos um mapeamento. Esse grupo do sacolão fez um mapeamento (...). Eu não lembro agora, mas eu lembro que era, assim, 150 sacolas, não



Figura 22: Dia de organização das cestas no salão da igreja. Foto: Acervo Família Garcia, sem data.

sei, 200. Era muita sacola, 200 sacolas naquela época era muita sacola. A gente montava a sacola e vinha a alimentação que a gente ganhava da prefeitura e a gente montava as sacolas lá no salão da igreja. Era por volta de 150, 200 (CLOTILDE, 2021).

Para o cadastramento das famílias, a coordenação se dividia territorialmente em subgrupos e cada subgrupo era responsável por visitar regularmente uma quantidade de famílias:

E aí a gente cadastrava as famílias, então, assim, cada um de nós dos participantes tinha responsabilidade de dividirmos os bairros em setores. E aí tinha um grupo de pessoas para cada setor e que tinha a responsabilidade de visitar tantas famílias. A gente visitava, sempre tinha a mais de famílias, então a gente tinha que fazer uma avaliação. Aí a gente sentava o grupo, fazia a avaliação das famílias. Depois marcava o dia e eles vinham pegar a sacola na igreja. Isso foi acho que uns dois anos. Era um trabalho bem difícil, porque a gente tinha que visitar as famílias e aí, quando você tinha que tirar uma família ou diminuir as sacolas e você tinha que tirar alguém, e aí as pessoas ficavam bravas, porque era uma necessidade e não tinha para todo mundo. Mas foi uma coisa boa, que exigiu organização nossa né (CLOTILDE, 2021).

Curso de Corte e Costura

Como desdobramento do Sacolão Comunitário e, segundo Clotilde (2021) para apoiar as mulheres que recebiam as cestas desse projeto, a prefeitura passou a custear também um curso de corte e costura a partir de 1985 ou 1986. Segundo Luzia (2021), uma das monitoras do projeto:

O corte e costura foi um convênio com a prefeitura, a prefeitura pagava a monitora, que eu era uma das monitoras, dava verba para comprar tecido. As máquinas a igreja conseguiu doação, mas vinha verba, vinha uma administradora da prefeitura para acompanhar, ver se tava certinho. Ia, no dia de fazer compra de tecido, ia junto alguém da prefeitura acompanhando e alguém da igreja. A gente fazia agasalhos, bastante agasalhos e elas vendiam e pegavam o dinheiro para elas, dividia entre elas. Aí teve dois anos desse curso.

Essa ação se assemelhava, em certa medida, aos encontros do Clube de Mães, que já aconteciam anteriormente na comunidade. De acordo com Luzia (2021), “o Clube de Mães era mais voluntárias que iam lá para aprender alguma coisa, eu mesma dei aula voluntária no Clube de Mães e aí alguém que sabia bordar ou pintar ia lá ensinar”²⁶.

²⁶ No Macedônia, diferentemente da Vila Remo por exemplo, o Clube de Mães não era tão ativo politicamente quanto o Grupo de Jovens ou a Pastoral de Saúde da comunidade. No entanto, segundo Luzia (2021), nos encontros também se discutiam algumas questões da igreja e, às vezes, problemáticas do bairro.



Figura 23: Luzia com educandas de uma das turmas do corte e costura no salão da Igreja Católica mostrando os agasalhos que produziram. Foto: Acervo Família Garcia, sem data.



Figura 24: Luzia com educandas da turma de 1985 do corte e costura no salão da Igreja Católica. Foto: Acervo Família Morais, 1985.

Creche

A creche também contava com o apoio da prefeitura, funcionava no salão da igreja e, provavelmente, foi inaugurada em 1985 ou 1986. Segundo Clotilde (2021), foi pensada a partir de um levantamento realizado com as famílias que recebiam as cestas do Sacolão Comunitário. Nessa pesquisa, descobriu-se que havia uma “porcentagem muito grande delas [das crianças] ficando em casa sozinha ou mães que não poderiam trabalhar fora para cuidar de seus filhos” (CLOTILDE, 2021). Após esse levantamento, a prefeitura passou a subsidiar o atendimento de 35 crianças entre 3 e 6 anos em período integral.

Vale destacar a relação entre esse apoio da Prefeitura e a luta coletiva por creches. Uma das principais reivindicações das mulheres organizadas nos Clubes de Mães das diversas CEBs era a criação de creches públicas. Algumas comunidades, pela urgência da demanda, já organizavam pré-escolas e creches de forma voluntária. No entanto, Dalila Pedrini (2021b, p. 63), discorrendo sobre a realidade da pré-escola da Paróquia Todos os Santos da periferia de Embu das Artes, afirma que “nas reflexões e análises da equipe de coordenação, entendia-se que somente reunindo as famílias e reivindicando creches diretamente criadas, financiadas e geridas pelo poder público é que o direito das crianças seria concretizado, por meio de política pública permanente e de Estado”. Esse movimento social por creches, que também ocorria no seio do Movimento Contra a Carestia, conquistou o atendimento de crianças em diversas comunidades, incluindo o Macedônia.



Figura 25: Foto publicada no Diário Popular de uma manifestação em 1990 reivindicando a melhoria das instalações de esgoto no Macedônia pela SABESP e organizada junto às mães e às crianças da creche. Segundo Clotilde (2021), “(...) nós chamamos as mulheres, as mães, as crianças da creche e nós fizemos uma mini passeata ali com cartazes com as crianças da creche, tinham as mulheres. As mulheres sempre era a maioria no nosso movimento né”. Foto: Ovídio Vieira, 1990. Fonte: Acervo Família Garcia.

2.2.3. Terceiro momento: Gestão Erundina

Em 1988, Luiza Erundina, candidata do PT, foi eleita prefeita da cidade de São Paulo. Para o povo das CEBs, isso significou a chegada ao poder municipal de uma mulher nordestina migrante, como boa parte da periferia, que conhecia e representava os anseios populares. Sobre isso, Cleusa (2021) afirma:

A gente teve uma participação muito grande na eleição da Luiza Erundina. E to dizendo isso porque foi muito importante para a gente a eleição da Luiza Erundina naquele período do PT, porque a gente mudou a cara também do nosso bairro. Foi naquele período que a gente teve muita conquista.

Erundina carregou com ela não só os anseios como parte dos membros das CEBs para dentro dos gabinetes. No caso do Macedônia, Vicente Cândido, morador do bairro e membro do Grupo de Jovens, foi nomeado administrador regional de Campo Limpo:

O Vicente que era cria também da nossa comunidade de base se tornou o administrador regional da Luiza Erundina, então também teve um olhar voltado para o bairro, porque ele era do bairro. Então acho que isso era muito importante, porque a gente através da nossa organização, uma organização primeiramente pastoral, a gente se organizou politicamente dentro do bairro e a gente se organizou politicamente também para além do bairro (CLEUSA, 2021).

As primeiras gestões municipais petistas da década de 1980 inauguraram o “modo petista de governar”, que a partir da participação popular priorizou as necessidades dos bairros periféricos,



Figura 26: Luiza Erundina em visita ao Macedônia em 1989. Foto: Acervo Família Garcia, 1989.

criando, assim, uma série de políticas públicas inovadoras. Sobre o início da gestão Luiza Erundina, Vicente (2020), nomeado administrador regional, compartilha:

O que que acontece quando a gente entra na regional, aquela expectativa do povo que o PT era popular e ia resolver tudo. Eu apavorado precisava responder aquela expectativa aqui no meu pedaço, que era quase 1 milhão de habitantes. Nós criamos um núcleo de atendimento ao público, “então vem cá e registre sua demanda”. Em dois meses, janeiro e fevereiro, os dois primeiros meses de governo, entraram 10 mil pedidos. Peguei a assessoria do gabinete: “vamos tabular os pedidos, vamos ver o que o povo quer!”. 80% queria melhoria na rua, por asfalto que era o mais significativo, ou era passar o cascalho para diminuir o barro, ou era tapar buraco de uma avenida que tava toda esburacada. Eu pus a mão na cabeça não sabia se chorava ou se começava a rezar. E fui atrás de um processo mais barato e fui em uma usina de asfalto a frio. Consegui baixar o preço do asfalto em 40%, consegui fazer 120 km de asfalto, que foi o maior programa aqui da cidade de São Paulo.

Pavimentação viária

A conquista mais simbólica para o Macedônia durante a gestão Erundina foi a pavimentação viária. Até então, somente as ruas principais eram asfaltadas:

Covas fez as ruas principais, a Povia de Varzim a Rua Agostinho de Paiva até a padaria ali, o resto foi Luiza. Isso até Mário Covas, que entra em 83, o Montoro indica ele prefeito em 83 aí só tinha asfalto até o Sampaio, e tinha até... não sei se até o ponto final do Rosas aqui. Até o ponto final do Rosas tinha asfalto. O Covas como engenheiro inventa o mutirão de guias e sarjetas, consegue trazer o asfalto até o Largo do Macedônia e mais a Agostinho de Paiva ligando o Rosas, é isso? Depois entrou Jânio não faz, não nada faz na periferia, daquilo que o Covas tinha feito (VICENTE, 2020).

Morar em rua de barro talvez fosse/seja uma das marcas mais fortes do não pertencimento à “cidade”²⁷. Falas sobre a falta de asfalto foram constantes nas entrevistas realizadas por este trabalho. Compartilho aqui os relatos, respectivamente, de Maria Aparecida (2021) e Luzia (2021):

(...) quando não tinha asfalto aqui, a gente chegava nos nossos trabalhos com os pés sujos e isso era motivo de humilhação. A gente lutou por asfalto também para a gente não chegar lá na cidade com os pés sujos. Quando chovia muito, a gente colocava uma sacola para não chegar toda cheia de barro lá na cidade. A gente trabalhava, a gente tinha que tá bem, a gente tinha que tá apresentável. Então era muita humilhação (MARIA APARECIDA, 2021).

A gente com o pé de barro mesmo, na lama. Pegava um paninho punha na bolsa, para chegar no final lá em Pinheiros limpar o pezinho, o sapatinho para ir trabalhar. Lá ainda pegava outro ônibus pra ir trabalhar, porque era difícil quem trabalhava só em Pinheiros, então pegava outro ônibus pra ir pros outros bairros. Então foi essa luta aí (LUZIA, 2021).

²⁷ Vale ressaltar que ainda hoje uma parte da população da Região Metropolitana de São Paulo mora em ruas de barro em ocupações e favelas.



Figura 27: Obras de pavimentação na Rua Antônio Lopes Machado, Rua 17. Foto: Acervo Família Garcia, início da década de 1990.

Vicente (2021) compartilha como foi o processo de decisão em uma plenária popular na Vila Remo de destinar boa parte do orçamento municipal para o asfaltamento de ruas. É interessante notar nesta fala o embate entre diferentes pontos de vista e o processo de construção de uma gestão municipal participativa:

Ermínia Maricato vira secretária de habitação e desenvolvimento urbano, que é a secretaria clássica na prefeitura, e na cabeça da Ermínia o povo só queria habitação (...). Logo depois, lá pelo terceiro ano, a gente instalou o chamado processo de orçamento participativo, que não tinha esse nome, mas eram as plenárias de consulta da população, que fizemos uma grande plenária na Vila Remo, com mil pessoas. Chega a Ermínia Maricato com discurso professor da USP, urbanista, tá lá o discurso defendendo mais verba para habitação, que era ali onde decidia pra onde ia o dinheiro. Chega o velho Olímpio, que era um líder de moradia aqui, chega lá faz o discurso o povo querendo moradia não sei o que, precisava de moradia. Aí chega o maluco lá, defendendo asfalto nos bairros aqui. Agora votação, 80% do povo queria asfalto, por quê? Porque é questão da saúde, da Cidadania, é uma das coisas mais deprimentes que tinha nas nossas vidas naquela época era chegar, entrar no ônibus chegar no emprego com o pé cheio de barro. Eu descia lá em Pinheiros, quando não tinha aquela estação, às vezes você nem tinha saco plástico para forrar o sapato, para preservar, para não sujar, mas o povo descia em Pinheiros e pegava aquela água de esgoto passando no canto da guia e começava a lavar o sapato. Era porque era muito constrangedor você entrar no teu ambiente de trabalho: “olha, tá vendo? mora...”, olhava para o pé do indivíduo, “olha, mora em periferia, não sei o que...”. Ou seja, além da discriminação que tinha social, racial, ainda tinha essa discriminação e esse preconceito com quem morava na periferia. E

isso foi refletir nessa... a partir desta plenária nós mudamos toda a lógica do orçamento da cidade. O Paulo Azevedo, que era o chefe... que era o secretário de infraestrutura, passou a ter a maior verba a partir dali né. Porque o povo morava na favela, ele tá morando, tá morando. Agora o duro é você sair da favela e pisar no barro, e chegar lá no teu emprego com o pé cheio de barro e ainda sujar todo mundo né.

Nesse contexto, segundo Vicente (2020), 17 ruas do Macedônia foram asfaltadas:

Macedônia tem 28 ruas, na numeração vai até a Rua 28 que é uma ruazinha pequena que vai até lá do outro lado. O Macedônia tem 28 ruas, o governo da Luiza asfaltou 17 ruas do Macedônia. O maior programa de urbanização que teve aqui na história do Macedônia, aqui na periferia também. Eu era administrador na época, e eu asfaltei 120 km de asfalto aqui no Campo Limpo (...). Campo Limpo tinha 920 km de rua e tinha 400 e pouco asfaltado, e o resto tudo rua de terra. Eu tive que na criatividade ali asfaltar 120 km de rua, e o Macedônia foi um dos bairros mais beneficiados até pela minha origem, pelo vínculo aqui com o bairro.

Praça Irmãs Nilza e Rosilene

Outro projeto importante para o Macedônia foi a construção da praça principal do bairro: “Ali, para quem não conhece a história, onde tem a praça hoje das Irmãs Nilza e Rosilene na frente da igreja, aquilo ali era um córrego aberto” (CLEUSA, 2021). Na gestão Erundina, esse córrego foi canalizado, tamponado e construída uma praça em cima.

Aos olhos de urbanistas e paisagistas progressistas, canalizar e tamponar um córrego, mesmo que para a construção de uma praça, não é o melhor modo de intervenção em fundos de vale. No entanto, naquele momento, para os moradores do bairro, o tamponamento do córrego significou a transformação do esgoto a céu aberto, criadouro de doenças e pragas, em uma praça arborizada no ponto central do bairro.

A praça foi inaugurada em junho de 1990 e o nome “Irmãs Nilza e Rosilene” foi uma homenagem da comunidade a duas moradoras do bairro que faleceram em um acidente de trânsito em 1984. Nilza e Rosilene eram filhas de Dona Maria e do Senhor Silvio, membros ativos da comunidade e que, como visto, abrigaram em sua casa as primeiras celebrações católicas no bairro antes da construção da igreja.



Figura 28: Matéria de jornal de 1990 sobre a inauguração da praça. Fonte: Acervo Família Garcia, 1990.

Mutirão Monet

Em 1991, tem início a construção do Conjunto Monet via Funaps-Comunitário em uma gleba ao lado do Macedônia. O Funaps-Comunitário foi um programa municipal que instituiu os mutirões como principal forma de produção habitacional da cidade e transferia toda gestão dos recursos para os mutirantes como forma de resguardar a autonomia dos construtores em relação ao Estado (ARANTES, 2011). Para o desenvolvimento dos projetos, os mutirantes contavam com a assessoria técnica de escritórios de arquitetura que, a partir de então, passaram a se constituir como ONGs para serem regulamentados dentro do programa.

A assessoria técnica responsável pelo Monet foi a URBI e seus mutirantes advinham de quatro diferentes movimentos ou associações de moradia que se organizavam em vários bairros da zona sul: Associação de Moradia do Jardim Casa Branca, Movimento Santo e Mendes, Movimento Terra Nossa e Movimento União Força e Terra (MARTINS, 2019). Como o Monet estava ao lado do Macedônia e os mutirantes não tinham uma sede comunitária próxima, era comum o uso do salão da igreja para realização de reuniões do grupo²⁸. De certa forma, o mutirão trouxe para o bairro novos agentes organizados²⁹.

²⁸ Os mutirantes também utilizavam a sede do OSEM, atual Centro Comunitário e Recreativo do Jardim Macedônia.

²⁹ Uma das lembranças que tenho da infância é da luta do pessoal do Monet nas gestões Maluf-Pitta para concluir as obras do mutirão.

Organização contra o fechamento do pronto-socorro

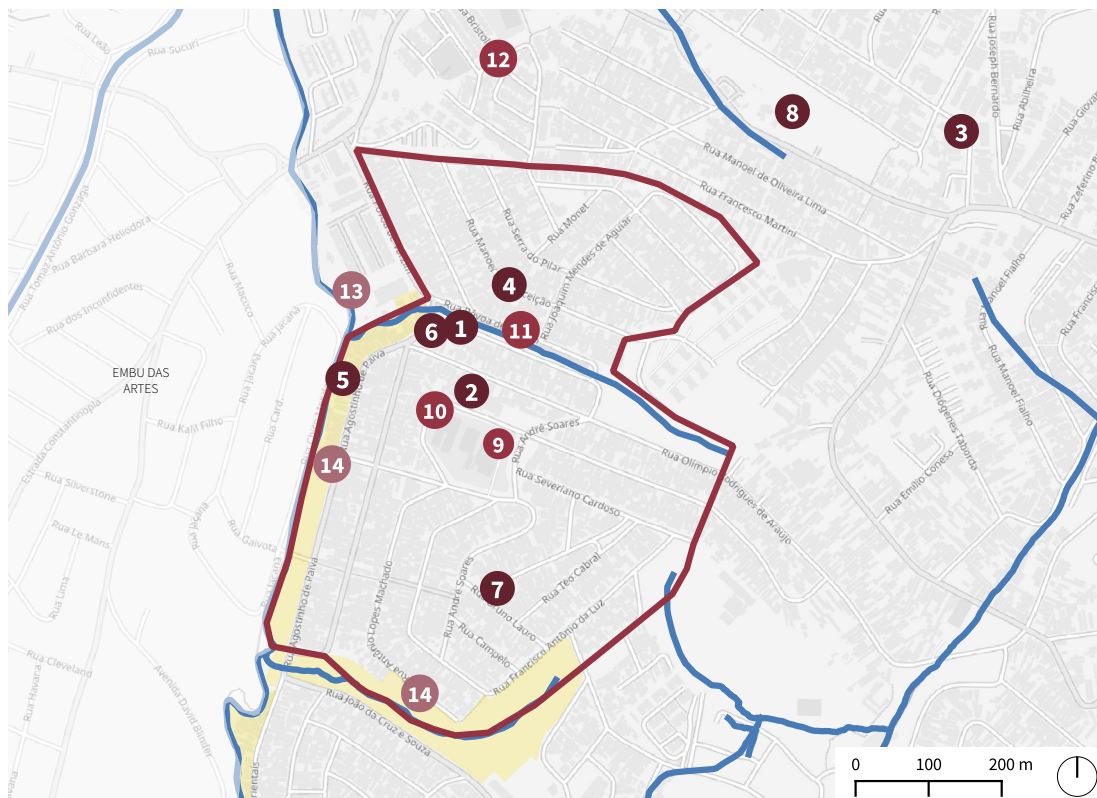
O posto de saúde do Macedônia foi construído no início da década de 1980 a partir de uma mobilização com bastante protagonismo das mulheres do bairro. O equipamento foi implantado onde antes havia um campo de futebol e a cessão do local para o posto não ocorreu de forma tranquila:

Quantas brigas a gente teve com o pessoal que queria defender um campo de futebol no lugar do posto de saúde, né? E foi a mulherada que foi para cima dos caras: “nós queremos o posto, porque é o posto que a gente precisa! Vocês vão jogar bola em outro lugar!”. Essa foi uma disputa inclusive perigosa né, vamos dizer assim (CLEUSA, 2021).

Durante a gestão Erundina, a prefeitura quis fechar o pronto-socorro do posto. Sobre isso, Luzia (2021) compartilha:

Na época da Erundina, queriam fechar os prontos-socorros dos postos de saúde, minha mãe até entrou no meio. Abriu um mini hospital no Mitsutani e como abriu esse mini hospital lá e o único lugar que tinha pronto-socorro era aqui, em nenhum lugar tinha pronto-socorro, porque a gente tinha conquistado pronto-socorro, uma luta nossa, não era todo lugar que tinha, porque não era comum ter pronto-socorro em posto de saúde, então foi uma conquista nossa. Como abriu esse mini hospital lá, acharam que devia fechar aqui, porque o pessoal ia para lá. Aí fomos lá na Secretaria de Saúde que era aqui perto do Hospital Campo Limpo, aí veio o secretário aqui, aí numa reunião lá eu levantei a mão, pedi minha vez e falei “ótimo que abriu um posto de saúde lá, muito bom, graças a Deus, mas aqui já temos um posto de saúde e quem não tem carro e precisar de um pronto-socorro vai ter que ir lá para o Mitsutani?”. Porque naquele tempo ninguém tinha carro. Aí falamos, falamos e o posto tá até hoje. Você vê, uma luta nossa mesmo.

Essa também foi uma disputa encabeçada pelas mulheres, em especial as da Pastoral de Saúde. É interessante notar a cobrança da população organizada mesmo durante uma gestão municipal de base popular.



Locais de sociabilidade

- 1 Comunidade São Francisco de Assis
- 2 Sociedade Amigos do Jardim Macedônia e Adjacências
- 3 Paróquia São Sebastião
- 4 Casa Maria e Sílvia - primeiras missas do bairro
- 5 Padaria Comunitária
- 6 Casa Elizabeth e Joaquim - apoio às ações da igreja
- 7 Casa Luzia e Jonas - sede da SAB alternativa
- 8 Campo de futebol Cafuringa - local onde eram realizados eventos comunitários da região

Conquistas

- 9 Posto de Saúde
- 10 Escola Estadual Cesar Yasigi
- 11 Praça Irmãs Nilza e Rosilene
- 12 Mutirão Monet

Outros locais

- 13 Rio Pirajuçara
- 14 Favela - área ocupada a partir do final da década de 1970/início da década de 1980

— Loteamento Jardim Macedônia

— Rio Pirajuçara

● Favela

Figura 29: Cartografia dos locais de sociabilidade e conquistas do Macedônia. Base da imagem: Wikimedia Map. Elaboração própria.

2.3. A ida para o Estado, a reorganização da Igreja Católica e seus desdobramentos

No final da década de 1980, aconteceram alguns eventos que começaram a transformar a organização comunitária no Macedônia e em toda periferia de São Paulo. Tiarajú D'Andrea (2013, p. 50) afirma que o ano de 1989 "(...) representou o começo do fim de uma era de protagonismo para as classes populares baseada em organizações coletivas clássicas como os movimentos sociais, os partidos políticos de esquerda e os sindicatos". Segundo esse autor (D'ANDREA, 2013, p. 50), há três fatores decisivos para esse refluxo:

(...) a queda do Muro de Berlim e a crise do ideário socialista em escala mundial; a derrota de Lula para Collor de Melo na eleição presidencial de 1989, que teve por decorrência uma série de medidas internas ao Partido dos Trabalhadores, dentre as quais o fim do trabalho de base e; o paulatino cerceamento ao trabalho da Teologia da Libertação nas periferias paulistanas.

A derrota de Lula nas eleições presidenciais de 1989 após uma campanha radicalizada à esquerda resultou com que o PT, paulatinamente, "(...) iniciasse um processo visando o pragmatismo eleitoral, que teve por consequência o aumento da abrangência de seu arco de alianças (...) e a perda de profundidade, caracterizada pela sua relação com a base" (D'ANDREA, 2013, p. 50). Paralelo a isso, com as conquistas de gestões municipais e mais parlamentares petistas eleitos, parte da militância das CEBs passou a atuar a partir da institucionalidade dos gabinetes, distanciando-se do dia a dia dos bairros populares.

Quanto ao cerceamento aos trabalhos da Teologia da Libertação, após diversas disputas internas, em 1989, a Igreja Católica reorganizou a Arquidiocese de São Paulo, diminuindo sua área de abrangência com a criação de quatro novas dioceses – Campo Limpo, Osasco, Santo Amaro e São Miguel Paulista. Dessa forma, cada diocese passou a estar vinculada diretamente ao Vaticano e não mais à Arquidiocese de São Paulo coordenada por Evaristo Arns. Segundo Pedro Ribeiro de Oliveira (apud CORREIA; MARQUES, [s.d.]), isso foi parte de "uma ampla estratégia de setores da Cúria Romana para diminuir a colegialidade episcopal e destruir a proposta da Igreja como comunidade".

Com essa reestruturação, os antigos bispos indicados por Arns foram transferidos para outras regiões do Brasil e, aos poucos, ocorreu o mesmo com os padres progressistas. Na nova Diocese de Campo Limpo, Dom Fernando – "um bispo muito dá hora, ele partilhava das nossas lutas" conforme colocado por Maria Aparecida (2021) – foi substituído por Dom Emílio Pignoli. Ao longo da década de 1990, Dom Emílio foi substituindo os padres alinhados com a Teologia da Libertação por padres

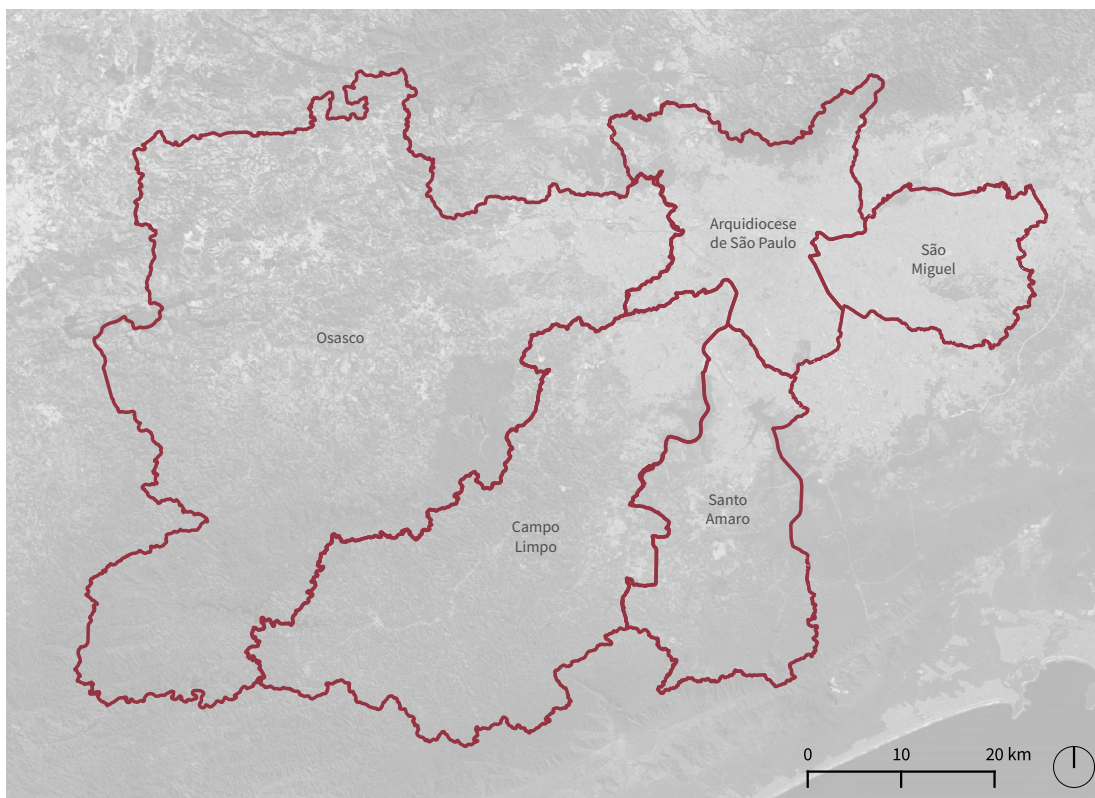


Figura 30: Dioceses criadas e separadas da Arquidiocese de São Paulo na reestruturação de 1989. Correia e Marques ([s.d.]) destacam que, de modo geral, a Arquidiocese de São Paulo, sob comando de Evaristo Arns, passou a abranger “(...) áreas privilegiadas da capital, nas quais, segundo observadores, restavam poucas possibilidades para a expansão da linha pastoral progressista. As antigas regiões, agora transformadas em dioceses, ao contrário, reuniam o maior contingente de população de baixa renda da Grande São Paulo, em grande parte morando em favelas e conjuntos habitacionais, e com graves problemas sociais”. É interessante notar que a zona norte foi a única região periférica que permaneceu sob o comando de Arns. Curiosa e diferentemente das zonas sul e leste, as CEBs na zona norte não eram tão fortes. Fonte imagem: Arquidiocese de São Paulo.

ligados à Renovação Carismática orientados a acabar com qualquer atividade política dentro da igreja³⁰. Era o fim das Comunidades Eclesiais de Base nas periferias de São Paulo³¹.

³⁰ Uma das lembranças mais fortes da minha infância durante a década de 1990 na Igreja Católica do Macedônia são os conflitos entre os antigos membros da CEB e os padres brasileiros carismáticos recém-chegados ao bairro. Lembro dos embates em reuniões no salão da igreja com minha mãe reclamando em voz alta do padre que só “queria rezar” e que não entendia que o bairro tinha problemas graves que exigiam a atuação da igreja. Esses padres tinham um entendimento completamente diferente da “oração = orar + ação” das CEBs. O conflito era tão grande que em uma festa do padroeiro da comunidade, São Francisco de Assis, um padre se revoltou, encerrou a celebração no meio e começou a jogar o bolo feito em homenagem ao padroeiro em antigos membros da CEB.

³¹ Na Diocese de Campo Limpo, uma das únicas paróquias que não foram diretamente afetadas pela reestruturação da igreja foi a Santos Mártires, no Jardim Sônia Regina, distrito Jardim Ângela, coordenada até 2021 pelos padres irlandeses Jaime Crowe e Eduardo McGettrick. Uma das hipóteses para isso é o fato da Santos Mártires, desde a década de 1990, ser bem articulada com universidades e intelectuais. Portanto, a retirada de Jaime e Eduardo poderia causar uma repercussão midiática prejudicial à Igreja Católica.

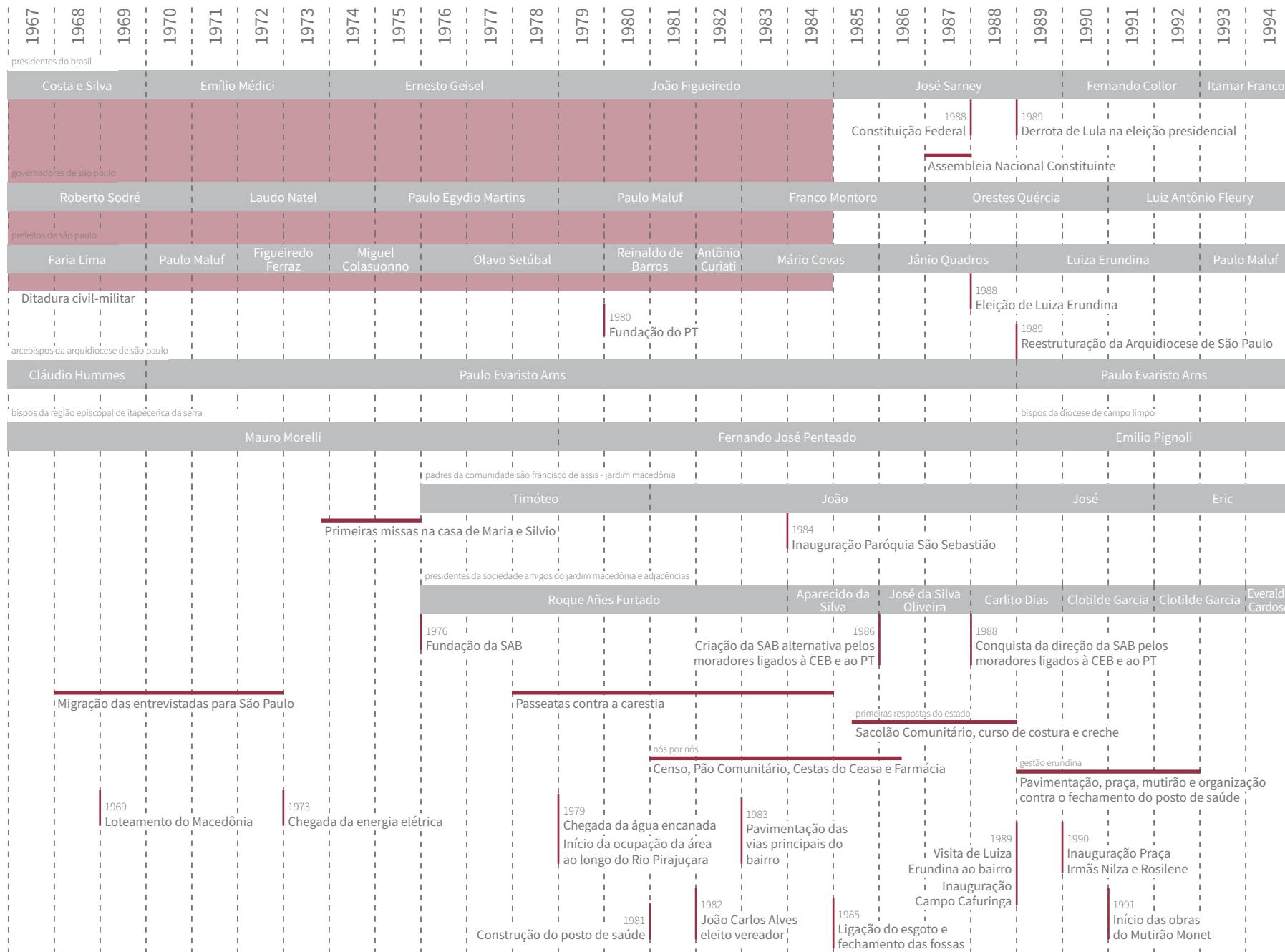


Figura 31: Linha do tempo do Jardim Macedônia. Elaboração própria.

O distanciamento do PT do cotidiano dos bairros e o fim do processo de politização popular organizado pelas CEBs tiveram como consequências a não renovação da militância e o progressivo abandono das SABs. Além disso, Tiarajú D'Andrea (2013, p. 51) afirma que esses dois fatores foram “(...) fundamentais para a falta de representatividade política que passou a assolar os bairros populares à época”, questão sentida até hoje. Desde então, “nunca mais as periferias urbanas voltaram a fervilhar politicamente com a mesma intensidade como ocorreu nos 1980 e em grande parte devido à ação destes dois agentes” (D'ANDREA, 2013, p. 51). Isso não significa, no entanto, que não emergiram outras formas do fazer político, mas essas formas ainda não alcançaram a intensidade como a vivenciada naqueles anos (D'ANDREA, 2013).

2.4. Algumas reflexões: A vida política-comunitária e as estruturas ocultas de dominação a que as mulheres estão submetidas

Este trabalho, como afirmado na introdução, mesmo tendo como objetivo discutir os modos de organização comunitária das mulheres, nunca se propôs a negar a presença e importância dos homens nesses processos. Dessa forma, a descrição das ações realizada neste capítulo englobou homens e mulheres, buscando compreender as diferenças de atuação relacionadas ao gênero.

No entanto, como este capítulo foi desenvolvido, principalmente, a partir das entrevistas realizadas, foi difícil compreender essas diferenças. Isso porque, de forma geral, as entrevistadas tinham um entendimento de que não havia disparidades relevantes entre homens e mulheres: “Era tudo igual. A gente tinha que sobreviver igual, todo mundo tinha que sair e ajudar os pais, e sobreviver, e ajudar a si mesmo (...). Aqui na igreja, a gente fazia tudo igual, tudo era tarefa pra homem e pra mulher” (APARECIDA, 2021).

Eder Sader (1988), discorrendo sobre os diversos níveis de participação no interior das CEBs, afirma que seus agentes tinham dificuldades em reconhecer diferenças entre a atuação de seus membros, pois tratava-se de “comunidades de iguais”. Na prática, no entanto, segundo esse autor, as diferenças hierárquicas existiam. De forma semelhante, essa narrativa de “comunidades de iguais” também encobria as diferenças existentes entre a atuação das mulheres e dos homens.

Como afirmado por Silvia Federici (2017), “mulheres” configuram uma forma particular de exploração, estando submetidas a estruturas ocultas de dominação. Olhando para a organização comunitária no Macedônia durante a década de 1980, farei aqui um exercício de buscar expor essas estruturas ocultas de dominação e exploração a que as mulheres militantes estavam submetidas³².

Em primeiro lugar, é necessário destacar a importância dos movimentos populares das décadas de 1970 e 1980 ligados às CEBs, para que mulheres pobres passassem a se organizar politicamente, discutindo e atuando sobre as problemáticas sociais e econômicas do país. Esse processo, talvez inconscientemente, rompia com estigmas de gênero que dificultavam o acesso das mulheres à vida

³² Vale destacar que este trabalho foca nas questões de gênero, mas, com certeza, mesmo dentro da militância dos bairros populares da década de 1980, também havia estruturas ocultas de dominação e exploração ligadas a raça, classe, orientação sexual e território.

pública e possibilitou a construção de autonomia e emancipação feminina de diversas amarras patriarcais. Isso é notado na fala de Ana Dias (2021, p. 14)³³, importante liderança do MCC e do Clube de Mães da Vila Remo:

“(...) conseguir tirar uma dona de casa de dentro de casa era muito difícil porque a nossa educação era que a mulher tinha que ficar dentro de casa, tomar conta do marido e dos filhos. E a partir dos nossos trabalhos, muita mulher conseguiu conciliar a panela, o marido, os filhos e aprendeu a dividir; era um trabalho pequeno iniciando com as mulheres mais simples: a dona Isabel, a Maria Saraiva, a Conceição, tinha inúmeras mulheres, Odete, a dona Pedrina... o importante é que essas mulheres não participavam, elas se doavam, elas esqueciam da casa, dos filhos, dos problemas. E o problema não era delas, tudo era comum, tudo era vivido junto. O que a gente mais aprendia de tudo aquilo é que cada dia, cada passo, cada reunião, a gente conseguia enxergar que quem ia fazer a mudança não era só aquela que estava lá; a nossa preocupação eram aquelas que ficavam ainda dentro de casa. Como a gente ia fazer para que elas também comessem a ter uma atuação? Isso, para mim, é uma coisa que eu nunca vou esquecer. Eu aprendi muito e nunca vou esquecer”.

Em quase todas entrevistas realizadas por este trabalho, foi afirmado que as mulheres eram maioria nas ações realizadas:

As mulheres sempre era a maioria no nosso movimento né (...). Tinha um grupo de homens que participavam sempre, mas uma grande maioria era mulheres (...). A maioria era mulheres, porque, assim, a gente mais que organizava né. A gente que “ahh vamo fazer”. (CLOTILDE, 2021).

Cleusa (2021) expõe alguns motivos para isso:

Então acho que as mulheres, por estarem mais presentes, talvez, como sempre né... que sentia mais o calo apertar, faltar comida, faltar escola do filho, ter dificuldade com água, ter dificuldade com escola e tal, então sempre se mobilizaram mais e também porque tinham as mulheres que acabavam estando mais presente no bairro né, ficando em casa, algumas que não tavam trabalhando fora ou tinham o seu trabalho que dava para fazer de casa e tal, então a mobilização acontecia muito a partir delas.

Como as ações aconteciam no seio da Igreja Católica, onde a autoridade maior é masculina, nas entrevistas, a atuação das mulheres apareceu quase sempre relacionada à figura do Padre João. Isso é observado, respectivamente, nas falas de Luzia (2020) e Cleusa (2021):

Ele [Padre João] foi a luta, ele juntava a mulherada e vamos para a rua... vamos, panelaço! Vamos, vamos fazer barulho! (LUZIA, 2020).

O pessoal até falava “o Padre João e suas mulheres”, porque ele tava sempre cercado. Tinha lá Dona Elizabeth, tinha a Ivone, tinha a Fátima do Sampaio, tinha a gente, tinha a Zita, tinha ali a mulherada de luta que organizava e fazia as coisas acontecer. Então,

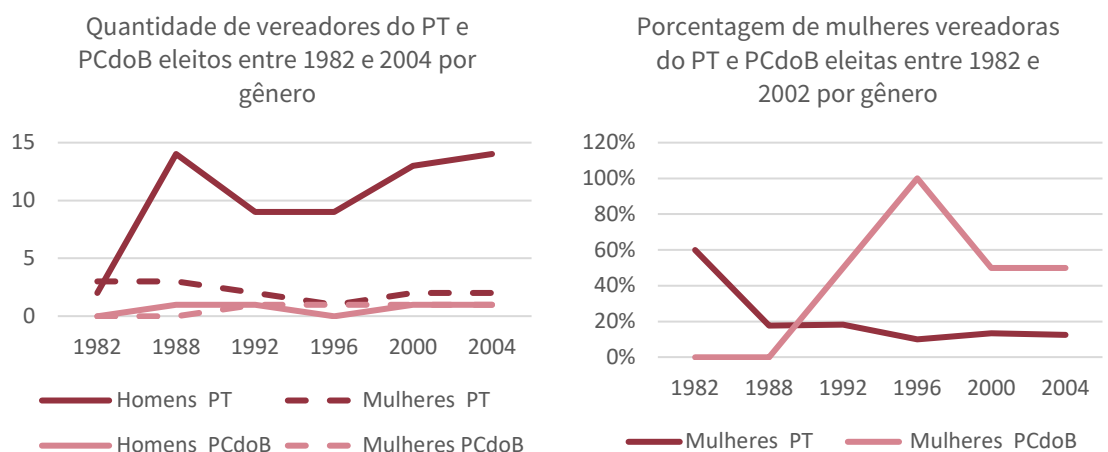
³³ Depoimento dado à revista Sampa Mundi - Quebrada Sul, Ano 2, Número 4, 2021. Disponível em: <<https://www.sampamundi.com.br/revistas>>. Acesso em: 15 mai. 2022.

nesse sentido, acho que as mulheres foram uma mola muito importante para as coisas acontecerem né (CLEUSA, 2021).

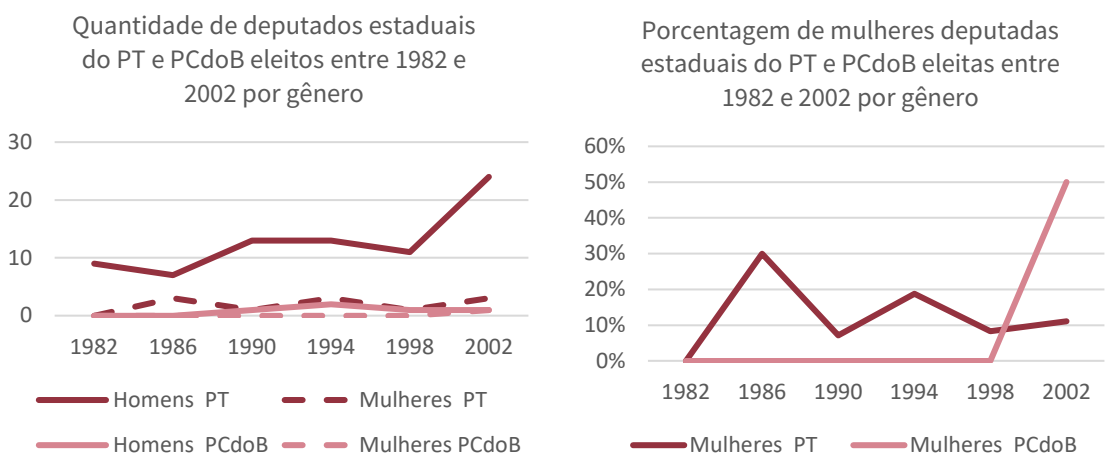
Essas falas evidenciam a importância fundamental das mulheres para o desenvolvimento das ações. Elas eram maioria, as que mais estavam presentes no cotidiano do bairro e, portanto, mais conheciam as necessidades e demandas do território. Como dito na introdução deste trabalho, eram o coração da comunidade por serem vitais à vida coletiva. No entanto, ainda assim, aparecem, muitas vezes, como apoio à atuação masculina.

Além disso, a maioria feminina não se refletia na coordenação da SAB. Dos membros das diretorias eleitas em 1988 e 1990, respectivamente, apenas 19% e 32% eram mulheres. Essa proporção aumenta se olharmos para os representantes de rua de 1988, dos quais 50% eram mulheres. Ou seja, além de estarem sub-representadas, quando ocupavam cargos, eram, no geral, de menor hierarquia e menos visibilidade.

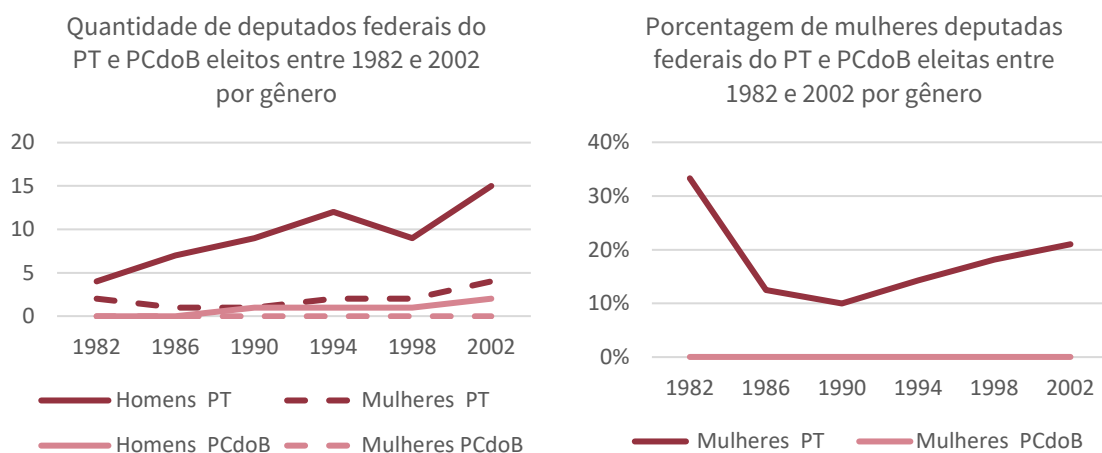
A representação feminina diminuiu ainda mais nos cargos eletivos para o legislativo. Isso é observado nos gráficos a seguir que apresentam a quantidade e percentual de vereadores, deputados estaduais e deputados federais do PT e PCdoB eleitos entre 1982 e 2004 divididos por gênero.



Gráficos 1: Vereadores eleitos por gênero no município de São Paulo entre 1982 e 2004. Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).



Gráficos 2: Deputados estaduais eleitos por gênero no estado de São Paulo entre 1982 e 2002. Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).



Gráficos 3: Deputados federais eleitos por gênero no estado de São Paulo entre 1982 e 2002. Fonte: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade).

De modo geral, para os três cargos, havia a predominância masculina, que aumentou ainda mais a partir da década de 1990, momento em que o PT começou a visar o pragmatismo eleitoral. Analisando mais atentamente as eleições da década de 1980, entre vereadores, deputados estaduais e deputados federais, PT e PCdoB elegeram juntos 46 candidatos³⁴. Desse total, apenas 17% (8) eram mulheres.

Essa representação feminina, embora pequena, ainda era maior do que a dos outros partidos. Entre os 241 nomes eleitos na década de 1980 por outros partidos para vereador, deputado estadual e deputado federal, apenas 3% (7) eram mulheres. Além disso, em 1988, o PT elegeu Luiza Erundina como primeira mulher prefeita do município de São Paulo. Ou seja, ainda que a maioria de mulheres nas organizações de bairro não estivesse refletida nos cargos eletivos, PT e PCdoB tinham uma representação feminina quase 6 vezes maior do que os outros partidos e elegeram uma mulher para o cargo de maior hierarquia do município.

No geral, os parlamentares do PT e PCdoB advinham dos movimentos de bairros, sindicatos ou movimento estudantil. Dessa forma, havia uma diversidade de níveis de formação, do ensino fundamental incompleto à formação universitária. Entre as mulheres, no entanto, essa diversidade não existia e, comparado aos homens, o nível de formação das parlamentares era maior. Das 8 mulheres eleitas durante a década de 1980, 7 tinham formação universitária e uma tinha ensino médio completo. Isso indica que dos movimentos de bairro e sindical quem conseguia chegar aos cargos públicos eletivos eram, no geral, os homens. No caso das mulheres dos movimentos de bairro, no geral, quem alcançava esses cargos atuava nas CEBs, mas eram externas ao bairro. Esse é o caso de Irma Passoni, eleita deputada federal pelo PT em 1982, 1986 e 1990 e que começou sua atuação política nas CEBs como religiosa.

Colocado esses pontos, cabe compreender as condições sociais que dificultavam, e ainda dificultam, o acesso das mulheres aos cargos políticos desde a Sociedade Amigos de Bairro à gestão pública.

³⁴ Alguns desses se elegeram mais de uma vez para diferentes cargos.

Ou seja, compreender as estruturas ocultas de dominação a que as mulheres estavam/estão submetidas.

Para isso, vale retomar as considerações de Silvia Federici (2017) sobre o aprofundamento das divisões sexuais do trabalho e do espaço na transição da economia de subsistência para a capitalista, que desvalorizou ainda mais o trabalho doméstico historicamente atribuído às mulheres. A carga do trabalho doméstico e a atribuição ao espaço privado talvez sejam os principais fatores que dificultam a participação das mulheres na vida política, em especial, na vida política institucional.

Isso fica evidente no caso de Luzia, que, como visto anteriormente, aos 9 anos de idade precisou abandonar a escola, porque, além da responsabilidade com o serviço de casa, a família se mudou para um novo local onde não havia grupo escolar próximo. Seu irmão mais novo, no entanto, pôde continuar os estudos, uma vez que para ele o trajeto realizado a pé não representava uma ameaça e ele não carregava a carga do trabalho doméstico: “a prejudicada fui eu né, porque eu saí da escola... porque para menina era mais difícil né. Tinha que ficar ajudando a mãe na casa e cuidar dos irmãos mais novos. Para mulher, não era tão importante estudar” (LUZIA, 2021).

No caso de Luzia, isso se repetiu quando migrou para São Paulo e foi impedida de estudar pela mãe e irmão, que consideravam perigoso uma mulher chegar depois das 22h da escola na casa de família onde trabalhava. Seus irmãos homens, no entanto, puderam concluir o ensino básico em São Paulo, conciliando trabalho com estudo. Ou seja, o peso do trabalho doméstico e a diferenciação sexual do espaço dificultavam/dificultam o acesso das mulheres à educação formal.

Além de dificultar o acesso à educação formal, a responsabilidade pelo trabalho doméstico comprometia o tempo das mulheres, prejudicando a dedicação à atividade política, desde a atuação prática à formação intelectual. Tratando-se de mulheres que também trabalhavam fora de casa, essa equação era ainda mais complicada. Isso é notado na fala de Maria Aparecida (2021), que durante a semana trabalhava no centro da cidade: “As minhas irmãs casaram e eu fiquei com quatro irmãos em casa e minha mãe muito desorganizada, e eu fiquei cuidando daquilo para manter limpo e organizado. Eu ficava às vezes na sexta-feira até 2h, 3h da manhã para ver tudo limpinho”.

Parte dos irmãos homens de Maria Aparecida, assim como ela, participava da movimentação comunitária do bairro. Ela, no entanto, tinha que conciliar a participação política e o trabalho fora de casa com o trabalho doméstico, conseqüentemente, tinha menos tempo de descanso e de dedicação à formação política e intelectual, como a leitura dos textos que circulavam entre os membros das CEBs e do PT. Ou seja, o peso do trabalho doméstico também dificulta a formação intelectual das mulheres.

É interessante notar como a carga do trabalho doméstico é invisibilizada e entendida como algo naturalmente designado às mulheres, conforme afirma Silvia Federici (2017). Maria Aparecida (2021), que diferentemente de seus irmãos deixava de dormir para arrumar a casa, afirma que não havia diferenças relevantes entre homens e mulheres naquele momento: “Era tudo igual. A gente tinha que sobreviver igual, todo mundo tinha que sair e ajudar os pais, e sobreviver, e ajudar a si mesmo”.

Quanto à atividade política no âmbito prático, as mulheres também tinham mais dificuldade em assumir responsabilidades, situação agravada para as mulheres com filhos:

Teve uma vez que eu saí de lá [da reunião], eu me senti mal pra caramba, saí mal daquele dia. Falei “meu Deus, será que eu to fazendo tão pouco? Não posso pegar mais coisa”, senão não ia dar conta, né. Não podia pegar mais responsabilidade, já tinha casa, trabalho, filho, tudo, então... mas às vezes eu saía de lá achando que tava fazendo muito pouco (LUZIA, 2020).

Isto é, a divisão sexual do trabalho e do espaço dificultava o acesso das mulheres à educação formal, à formação intelectual e à participação política prática. Essas questões somadas à institucionalidade patriarcal talvez justifiquem o porquê das mulheres, mesmo sendo maioria nos movimentos de bairro, terem emergido menos do que os homens aos cargos políticos, seja na SAB ou na administração pública. Ou seja, a “espoliação urbana” (KOWARICK, 1979) e a “espoliação doméstica” (FREITAS, 2018), para as mulheres, também se constituem como “espoliação política”.

Isso não diminui, no entanto, a importância dos movimentos populares ligados às CEBs para que as mulheres, em especial mulheres pobres, passassem a ocupar a vida pública e política, ainda que não a institucionalizada. Carolina Freitas (2016, p. 97), discorrendo sobre a luta de mulheres da Oposição Sindical Metalúrgica nas décadas de 1970 e 1980, afirma:

Alheias às reuniões políticas, mesas de negociação e palanques de assembleias, as mulheres operárias se articulavam em piqueniques, almoços, compartilhamento das marmitas, elaboração dos boletins de fábrica, conversas no transporte da empresa que as levava de volta para seus bairros de moradia sempre num certo horário, normatizando seu tempo e sua participação em espaços que não eram o trabalho ou a casa. Esse tipo de sociabilidade, embora não alcançasse o status da “grande política” da época, era uma experiência histórica única de organização popular, construção de confiança e fraternidade.

Talvez a potência desses movimentos se deva ao fato de terem sido construídos a partir da experiência cotidiana das classes populares, onde as mulheres eram/são fundamentais para “segurar as pontas” da reprodução da vida. Por esse motivo, elas eram maioria nas ações política-comunitárias organizadas no bairro durante a década de 1980. De certa forma, as especificidades da periferia daquele momento, além de um modo de vida, criaram um modo específico de fazer política: fora da institucionalidade ou da “grande política”, calcado nas necessidades coletivas, com maioria feminina e construída no transcorrer da vida cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: APRENDIZADOS PARA O AGORA

Este trabalho teve como objetivo discutir os modos de organização comunitária das mulheres militantes no Jardim Macedônia durante a década de 1980. Ao longo de seu desenvolvimento, foi debatido que no transcorrer da urbanização e industrialização brasileiras da segunda metade do século XX as periferias de São Paulo se constituíram como um lugar singular formado pela mescla de costumes rurais e urbanos. Essa singularidade, aos poucos, criou um modo de vida e uma espacialidade específicos das periferias. Além disso, para as mulheres, a migração para a cidade grande acentuou a divisão sexual do trabalho e do espaço, fazendo com que a “espoliação urbana” (KOWARICK, 1979) também se constituísse como “espoliação doméstica” (FREITAS, 2018).

No entanto, foi no meio urbano que as mulheres tiveram maiores condições para romper com estigmas de gênero e ocupar espaços até então compreendidos como masculinos, como a vida política. Nesse contexto, as movimentações nos bairros populares nas décadas de 1970 e 1980 foram fundamentais para que mulheres moradoras de periferias urbanas brasileiras passassem a se organizar politicamente, discutindo e atuando sobre as problemáticas sociais e econômicas do país.

Contudo, ainda que fossem maioria nas ações política-comunitárias nos bairros, não eram elas que majoritariamente ocupavam os cargos eletivos, desde as SABs à gestão pública. Alguns motivos para essa inversão, além da institucionalidade patriarcal, são as dificuldades de acesso das mulheres à educação formal, à formação intelectual e à participação política prática causadas pela divisão sexual do trabalho e do espaço. Nesse contexto, a “espoliação urbana” (KOWARICK, 1979) e a “espoliação doméstica” (FREITAS, 2018), para as mulheres, também se constituem como “espoliação política”.

Dessa forma, a hipótese colocada por este trabalho de que as diferenças de gênero na organização política-comunitária dos bairros populares da década de 1980 não eram tão pronunciadas quanto costumam ser no restante da sociedade capitalista necessita ser relativizada. É fato que nessa mobilização as mulheres tinham papel fundamental e, no decorrer dos processos, iam coletivamente construindo autonomia e se emancipando de diversas amarras patriarcais. No entanto, ainda assim e por não estarem alheios ao restante da sociedade, os movimentos de bairro sofriam e reproduziam lógicas machistas. Assim, não é possível afirmar que as diferenças de gênero eram menos pronunciadas quando comparadas ao restante da sociedade. Isso, no entanto, não exclui a importância desses movimentos para que mulheres moradoras das periferias começassem a atuar politicamente. Mais do que isso, os movimentos de bairro da década de 1980, em meio a diversas contradições, só tiveram a força que tiveram por conta das mulheres. Essa potência está diretamente relacionada ao fato dessa movimentação ter sido construída a partir da experiência cotidiana das classes populares, em que as mulheres eram/são fundamentais para “segurar as pontas” da reprodução da vida.

Assim, as especificidades da periferia daquele momento, além de um modo de vida, criaram um modo específico de fazer política: fora da institucionalidade ou da “grande política”, calcado nas necessidades coletivas, com maioria feminina e construída no transcorrer da vida cotidiana. Esse modo de fazer política é tão potente que compôs a raiz de processos que posteriormente encadearam

transformações em todo país. Contraditoriamente, esses encadeamentos posteriores, ao longo do tempo, foram se afastando de sua própria raiz.

Como afirmado na introdução deste trabalho, um dos motivos para olhar para o Jardim Macedônia na década de 1980 era colher aprendizados para ajudar a superar o atual contexto de crise política, econômica, ambiental e sanitária. Dessa forma, a seguir são apresentados alguns pontos que podem ajudar na reflexão de possíveis caminhos para construção de processos transformadores e emancipatórios:

1. As periferias urbanas carregam dentro de si uma força revolucionária e ações nascidas nelas têm capacidade de transformar todo o país.
2. Os movimentos de bairro da década de 1980 foram potentes, porque foram construídos a partir da experiência cotidiana das classes populares, em que as mulheres eram/são fundamentais para “segurar as pontas” da reprodução da vida.
3. Os movimentos de bairro da década de 1980 foram potentes, porque estavam articulados em rede sob uma lógica de comunidade.
4. A década de 1980, especialmente em seu início, foi explosiva, com manifestações, muitas vezes não pacíficas, e saqueamentos estourando a todo momento por conta do custo de vida.
5. O que fez a gestão municipal de Luiza Erundina ser emblemática foi o povo organizado e não o secretariado estrelado. O Estado, por si só, não resolve nada.
6. A década de 1980 constituiu um momento ímpar para as classes populares brasileiras e é impossível tentar reproduzi-lo no contexto atual, em que o individualismo neoliberal está cada vez mais introjetado no cotidiano dos bairros periféricos. Isso não significa que novos processos não aconteceram ou não estejam acontecendo.
7. Quem sabe o que é melhor para seu bairro são os próprios moradores, em especial, as mulheres.
8. Parafraseando Tiaraju D’Andrea (2020, p. 89), “só o povo salva o povo”.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, N.; TAVARES, S. "Quem ia fazer a mudança eram aquelas que ficavam ainda dentro de casa" Clube de mães, redes femininas e ação política na zona sul - Entrevista com Ana Dias e Neide Abati. **Sampa Mundi - Quebrada Sul**, n. 4, 2021.

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. 3a. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. [s.l: s.n.], 1981.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da Periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CORREIA, MARIA LETÍCIA; MARQUES, Bruno. **Paulo Evaristo Arns**. [s.d.]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/arns-paulo-evaristo>. Acesso em: 23 abr. 2022.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FRANCISCO, Eliana Aparecida. **As narrativas populares na construção da construção da cartografia do Jd. Irene / Zona Sul de SP**. 2019. 126 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

FREITAS, Carolina Alvim de Oliveira. **Mulheres e periferias como fronteiras: o tempo-espaço das moradoras do Conjunto Habitacional José Bonifácio**. 2018. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

FREITAS, C. Operárias na construção de São Paulo: trabalho e luta na cidade. In: STEIN, E. (Ed.). **Quando os trabalhadores se tornam classe: a construção da riqueza na cidade de São Paulo**. São Paulo: IIEP, 2016.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 5, p. 07-41, 1995.

HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

JACCOUD, Vera; BEZERRA, Aída. "Viver é Lutar": A Construção do Movimento de Educação de Base - MEB (1955-64). **Alfabetização e cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos**, São Paulo, n. 9, p. 61-74, Março 2000.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MARICATO, Ermínia. **Metrópole na periferia do capitalismo: ilegalidade, desigualdade e violência**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Brasil afro-brasileiro**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARTINS, Lyzandra Machado. **Direito à arquitetura**: inventário da produção das assessorias técnicas paulistas. 2019. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. doi:10.11606/D.16.2019.tde-03092019-095434. Acesso em: 2022-06-01.

MAUTNER, YVONNE; ZUQUIM, MARIA DE LOURDES; MORAIS, Ana Cristina. **Marcas da história social na consolidação da periferia**. Buenos Aires.

MELLO, Sylvia Leser De. **Trabalho e sobrevivência: Mulheres do campo e da periferia de São Paulo**. São Paulo: Ática, 1988.

MONTEIRO, Thiago William Nunes Gusmão. **'Como pode um povo vivo viver nesta carestia'**: o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982). 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2016.tde-11032016-132815. Acesso em: 2022-06-01.

OLIVEIRA, Francisco De. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

PANASIEWICZ, Roberlei. Medellín: fonte de inspiração para uma metodologia do diálogo inter-religioso. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 16, n. 50, p. 677-697, 31 ago. 2018.

PASTERNAK, Suzana. São Paulo e suas favelas. Pós. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**, [S. l.], v. 19, p. 176-197, 2006.

PEDRINI, Dalila Maria. **As CEBs: fundamentação teológica e metodologia pedagógica**. In: CORREA, Dalila Maria Pedrini; Maria Isabel Lopes Correa; Wagner Silva (org.). **Fé e Política: As lutas das Comunidades Eclesiais de Base**. Embu das Artes, 2021a.

PEDRINI, Dalila Maria. **Os movimentos sociais frutos das Comunidades Eclesiais de Base**. In: CORREA, Dalila Maria Pedrini; Maria Isabel Lopes Correa; Wagner Silva (org.). **Fé e Política: As lutas das Comunidades Eclesiais de Base**. Embu das Artes, 2021a.

PEDRINI, Dalila Maria; CORREA, Maria Isabel Lopes; CORREA, Wagner Silva (org.). **Fé e Política: As lutas das Comunidades Eclesiais de Base**. Embu das Artes: [s. n.], 2021.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Elisiane. **Sankofa, classe trabalhadora e a pandemia do coronavirus: para ir adiante é preciso retornar ao passado.** 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sankofa-classe-trabalhadora-e-a-pandemia-do-coronavirus-para-ir-adiante-e-preciso-retornar-ao-passado/>.

ANEXOS

Fotografias



Padre Timóteo na comunidade. Fonte: Acervos famílias Garcia e Morais, 1981.



Construção do posto de saúde. Fonte: Acervo Família Morais, 1981.



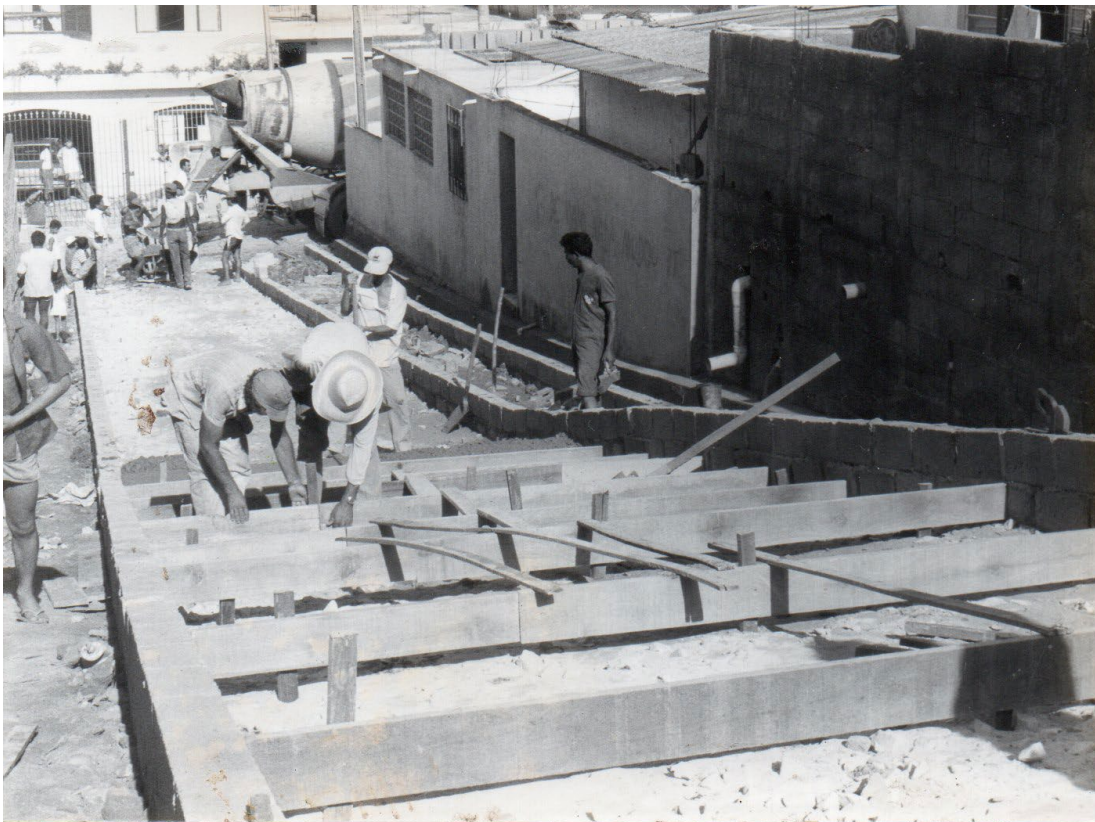
Padre João. Fonte: Acervo Família Garcia, 1984 e sem data.



Ato de entrega de abaixo-assinado em favor da Constituinte. Fonte: Acervo Família Garcia, meados da década de 1980.



Educadoras e funcionária da prefeitura que desenvolviam o curso de corte e costura. Fonte: Acervo Família Morais, sem data.



Mutirão na viela da Rua Luiz Carrand. Fonte: Acervo Família Garcia, 1990.



Visita de Luiza Erundina ao bairro. Foto: Acervo Família Garcia, início da década de 1989.



Turma de corte e costura, início da década de 1990. Fonte: Acervo Família Garcia.



Obras de pavimentação. Foto: Acervo Família Garcia, início da década de 1990.



Obras de pavimentação. Foto: Acervo Família Garcia, início da década de 1990.



Macedônia no início da década de 1990. Foto: Acervo Família Garcia.



Primeira Copa Cafuringa de Futebol de Várzea. Foto: Acervo Família Garcia, final da década de 1980 ou início da década de 1990.



Primeira Copa Cafuringa de Futebol de Várzea. Foto: Acervo Família Garcia, final da década de 1980 ou início da década de 1990.



Sexta-feira da Paixão no Cafuringa. Foto: Acervo Família Garcia, início da década de 1990.



Sexta-feira da Paixão no Cafuringa. Foto: Acervo Família Garcia, início da década de 1990.



Dia de eleição da Sociedade Amigos de Bairro. Foto: Acervo Família Garcia, 1992.



Dia de eleição da Sociedade Amigos de Bairro. Foto: Acervo Família Garcia, 1992.



Ato no Posto de Saúde contra o Plano de Assistência à Saúde (PAS). Foto: Acervo Família Garcia, entre 1993 e 1996.



Ato no Posto de Saúde contra o Plano de Assitência à Saúde (PAS). Foto: Acervo Família Garcia, entre 1993 e 1996.



Sexta-feira da Paixão. Foto: Acervo Família Garcia, meados da década de 1990.



Sexta-feira da Paixão. Foto: Acervo Família Garcia, meados da década de 1990.



Geralda na cozinha da igreja. Foto: Acervo Família Garcia, 1994.



Elizabeth. Foto: Acervo Família Garcia, meados da década de 1990.



Elizabeth e Geralda. Foto: Acervo Família Garcia, meados da década de 1990.




Geraldo em uma festa junina. Foto: Acervo Família Garcia, meados da década de 1990.

Materiais da Sociedade Amigos de Bairro

SAB MACEDÔNIA

+
INFORMATIVO **JUNHO/88**



**A SOCIEDADE
JD MACEDÔNIA
ESTÁ DE CARA NOVA**

A D I R E T O R I A

EXECUTIVA:		CONSELHO FISCAL
Presidente	Carlito	Pres. Jose Rodrigues
Vice-Pres.	Geraldo	Vice Toninho
1ª Secretária	Zita	MEMBROS: José dos Santos, Miguel Ferreira
2ª Secretária	Clotilde	Antonio Carvalho, Jonas e Antonio Augusto
1º Tesoureiro	Joaquim	SUPLENTES: Elizabete, Olinto e João Luiz
2º Tesoureiro	Mário	trabalhando junto às comissões.

Para organizar as reivindicações sobre ruas, vielas, asfalto e outros, foi tirada uma comissão composta por membros da diretoria e representantes de ruas, que são:

Rua Antonio L. Machado - Inalda e Sr. Nascimento
Rua Manoel da Conceição- José Mota e Da. Maria
Rua José Botelho de Carvalho - Da. Amélia e José Rodrigues
Rua Serra do Pilar - Nair e Francisco
Rua Soriano de Albuquerque - Sr. Aristides e Sr. Delfino
Rua Teixeira de Pascoais - Luzia
Rua André Soares - Da. Aparecida e Miguel
Rua Agostinho de Paiva - Olinda do Vale e Jose Pedro Ferreira
Rua Presciliana de Almeida - João Luiz Sla e Antonio Augusto
Rua Olímpio R de Araujo - Maria Rosa de Oliveira e Celina
Rua Alexandre Golovine - Aurea e Roseane
Rua Luiz Carrand - Neuza, Jucelino e Patricio Lourenço

Participe das reuniões conosco elejam os representantes das ruas que ainda não estão aqui. A reunião se realizará todo 4º domingo de cada mês - às 10 horas na sede da sociedade.

FESTA - FESTA - AFINAL NINGUÉM É DE FERRO !

No dia 14 de maio foi realizada a festa da posse desta diretoria onde contamos com a participação de muitas pessoas, muita música e um clima de muita amizade,

Agora você não pode perder A GRANDE FESTA JUNINA DESTA SOCIEDADE que se realizará DIAS 25 e 26 de junho de 1988 a partir das 16 h.

OS TRABALHOS DAS COMISSÕES

EDUCAÇÃO: os membros desta comissão estão levantando dados estatísticos para o encaminhamento da reivindicação de 2º turno no colegial noturno.

TRANSPOTES: Uma comissão de moradores foi até a secretaria de transportes reivindicar a criação de uma linha CENTRO- via Santo Amaro.

SAÚDE: Esta comissão fez uma reunião com a Dra. Sônia - responsável pelos Postos de Saúde da região - onde foram encaminhadas as seguintes reivindicações:
- Mais medicamentos e ambulância e conservação do Posto
Esta comissão se reunirá todas as 2as. Quintas Feiras de cada mês às 9 horas na sede da sociedade

LASER: Capoeira: participe do grupo de capoeira da Sociedade Amigos aos fins de semana. Participe do grupo Irmãos Unidos.

CULTURA: O Colégio João Martins do Jd. Independência estará sendo inaugurando dia 25 de junho a BIBLIOTECA COMUNITÁRIA que estará a disposição de todos os moradores da região. Neste dia estarão sendo apresentados vários eventos culturais. PARTICIPE !

FINANÇAS: O Caixa da Sociedade está com um débito de Cz\$1300,00
A festa do dia 14 de maio, festa da posse, arrecadou Cz\$ 14.300,00, porém, mesmo ganhando o vinho que até sobrou, o gasto foi de Cz\$ 15.600,00.
Colabore com a Sociedade e participe da Festa Junina e das atividades que vamos programar.

BAIRRO: Já conseguimos limpeza e cascalhamento em quase todas as ruas e estão sendo encaminhadas as seguintes reivindicações:
- Asfalto , canalização do córrego, canalização e esca-darias nas vielas, etc...

LIMPEZA: Nosso bairro precisa de muitas melhorias, algumas delas só depende de cada um de nós e de nossa educação.
A sujeira que se encontra nas ruas , vielas e terrenos baldios é muito prejudicial a nossa saúde, por isso coloque o lixo em saco plástico e deixe fácil para o lixeiro coletar, em lugares altos não permitindo cachorros e gatos possam espalhar pela rua toda.

CONTAMOS COM A COLABORAÇÃO DE TODOS OS MORADORES
NOSSO BAIRRO SERÁ MAIS BONITO !

ASSEMBLÉIA DE MORADORES

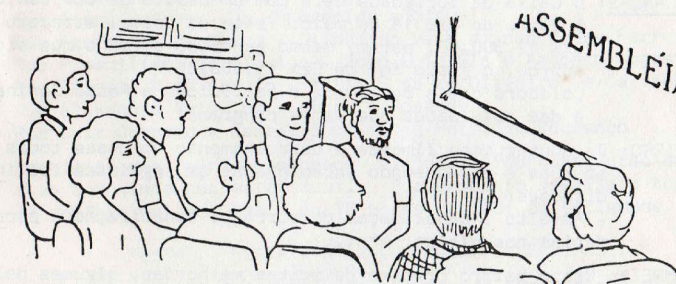
No dia 1º de maio foi realizada a primeira Assembléia de Moradores da Nova Diretoria da Sociedade Amigos do Jardim Macedônia.

O presidente da Sociedade trouxe o Sr. Eloi Pietá representante dos Movimentos Populares de Guarulhos. O convidado nos contou um pouco da experiência que tem tido junto ao movimento popular.

Para Eloi Pietá a diretoria desta entidade deve organizar a população para reivindicar melhores condições de vida.

A Sociedade Amigos não pode trabalhar isolada dos outros movimentos populares, ela tem que ser solidária com todos. Não deve ter distinção de credo religioso, nem de raça, nem de partido político.

Elói nos ajudou muito com sua palestra e todas as pessoas presentes tiveram uma boa participação.



BOLETIM DA SAB

MAIO/89



SAB DO JD. MACEDÔNIA

NA LUTA POR UM BAIRRO MELHOR :::

LEIA NESTA EDIÇÃO:

Calendário da SAB

Saúde Pública

Luta por Transportes
DIA DO TRABALHADOR

SAB, A ADMINISTRAÇÃO REGIONAL
E VISITA DA PREFEITA

1º DE MAIO - DIA DO TRABALHADOR

A FINALIDADE DE NOSSA LUTA

Ninguém luta pelo prazer de lutar. Os trabalhadores lutam para acabar com a realidade desumana que pesa sobre eles: A fome, o desemprego, as doenças, o salário injusto, a carestia, os assassinatos, os baixos preços dos produtos agrícolas, a falta de terra para merar e trabalhar, falta de ensino. Nessa luta é contra a concentração das riquezas na mão de uma minoria. Nessa luta é contra as pessoas e os órgãos que estão a serviço dos patrões. Porém, todo e nesse esforço é para construir uma Sociedade Nova. Uma Sociedade onde haja fartura, alegria, Saúde, Conforto, Diversão, Beleza, Paz e Fraternidade entre os homens.

Nessa luta é para que as riquezas produzidas pelos trabalhadores sejam distribuídas conforme o trabalho e a necessidade de cada um.

Nessa vitória é certa. Outros povos já conseguiram e vários estão a caminho. Mas, isto só acontece, quando o trabalhador decide colocar todos os seus talentos, suas energias e a sua vida dentro de uma AÇÃO ORGANIZADA. A realidade vai mudando à medida em que os trabalhadores, no tempo e na cidade vão se comprometendo no MOVIMENTO POPULAR, no MOVIMENTO SINDICAL e em um PARTIDO DE TRABALHADORES.

" OPERÁRIOS DE TODO O MUNDO

UNÍ-VOS "

LUTA POR TRANSPORTES

A Comissão de Transportes composta por: Toni -
nho (Jd. Macedônia), Carlito (Jd. Macedônia), Aninha
(Jd. Macedônia), Alaide (Jd. Eledy), João Verga (Jd.
Mitsutani), Valdomiro (Jd. Fabiano), Florentina (Jd.
Independência), representa a unificação dessa luta.

Essa comissão já se reuniu várias vezes para
para discutir sobre a situação e encaminhar as rei-
vindicações da população, que segundo pesquisa reali-
zada com os moradores são as seguintes:

- 1 linha p/ o Anhangabau passando por Santo A-
mare;
- 1 linha p/ a Praça Patriarca passando pela
Teodora Sampaio.

ENCAMINHAMENTOS :

Já foram encaminhados para a Secretaria Municipi-
pal de transportes por diversas vezes, documentos con-
tendo essas reivindicações.

Desde 1976 estamos nessa luta, mas tudo que man-
dava para essa secretaria era extraviado e nunca con-
seguímos obter nem resposta.

O ano passado procuramos novamente a secretaria
e também não manifestou a sua resposta. Mas isso não
nos desanimou, pois fizemos uma Assembleia junto com
a população em Outubro de 1988 e lá, achamos por bem
continuar a luta. Decidimos nessa Assembleia o seguin-
te:

- mandar um documento colocando a real situação
que vivemos para a Secretaria, CMTC e uma có-
pia para o Gabinete de Prefeito e também à im-
prensa.
- Uma visita ao novo Secretário após as elei-
ções.

Fizemos e combinado e assim que teve posse a
Secretaria de Transportes - Tereza Lajelo, retorna-
mos a secretaria. Fomos recebidos pela Secretária
e pelo chefe do Gabinete - Lester e foi encaminhado

e seguinte:

Reunião com o Grupo da CMTC denominado como Gru-
po de Comunicação Social. Esse grupo nos pediu um pra-
zo de 30 dias para um estudo de nossas reivindicações.
Após esse prazo a Comissão de Transportes da SAB e
junto com os representantes dos bairros retornarão à
CMTC para saber o que poderá ser feito.

Assim que a Comissão retornar à CMTC, será mar-
cada uma nova Assembleia na SAB com a população e ve-
cê morador de um desses bairros pode e deve partici-
par, porque sózinhos somos fracos, mas juntos pode-
mos melhorar as coisas e nos tornar mais fortes, ou
seja, reclamar não adianta, precisamos nos organizar
para lutar pelo que queremos e aí tudo poderá mudar.

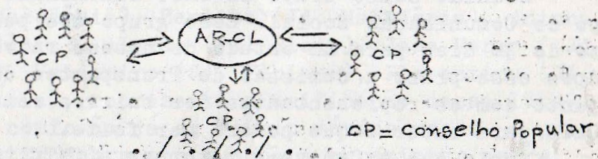


A SAB E A ADMINISTRAÇÃO REGIONAL

A nossa luta constante e o desejo de ver o Jd.
Macedônia ser um bairro exemplar em matéria de orga-
nização popular, agora se torna mais importante do
que antes. Queremos infermar que o Administrador Re-
gional de Campo Limpo - Vicente Cândido da Silva,
que foi escolhido pela Prefeita Luiza Erundina, com-
tudo nesse apoio, é um dos filhos de nossa Comunida-
de, irmão de Fé e companheiro de luta. Vicente sem-
pre esteve presente na nossa caminhada, desde Grupo
de Jovens, Movimento de Transportes, SAB, no Parti-
do Político e sempre está à disposição da luta por
uma Sociedade mais Justa e Igualitária.

Na reunião da SAB que Vicente esteve conosco,
ele nos fez um relato da situação que encontrou na
Regional, uma verdadeira sucata. "Des 35 equipamen-
tos que a Regional tem, entre máquinas e caminhões,

apenas alguns estavam funcionando, isso prova o des-
 case com que as autoridades tratavam os bons compra-
 des e mantidos com o dinheiro do povo".



OBRAS E MELHORAMENTOS

Finalmente o Jd. Macedônia começa a ser lembrado pela Prefeitura de São Paulo. Na mesma reunião que Vicente esteve presente, no dia 02 de março de 1989, foi apresentada um plano de trabalho da Administração Regional para toda a Região, com ênfase para o Jd. Macedônia. Neste sentido a SAB comunica que já começaram os trabalhos com a regularização mecânica das seguintes ruas: Antonio Lopes Machado (limpeza e acascalhamento), Agostinho de Paiva (limpeza, acascalhamento e canalização do córrego) e Póvoa do Varzim (limpeza de calçada). A respeito das ruas que serão asfaltadas, e outras obras, informaremos no próximo boletim.



VISITA DA PREFEITA: No dia 11 de maio, a Prefeita LUIZA ERUNDINA DE SOUZA esteve visitando o Jd. Macedônia e verificando o desenvolvimento das obras que estão sendo realizadas.

Coleta de Lixo
 Segunda - Quarta e Sexta
 Se o lixeiro falhar
 Ligue: 511-2818 (Valter)
 ou 511-5634 (Rioli)
 Limpeza só faz bem!

O nesse bairro além de estar a muito tempo esquecido pelas autoridades, muitos meradores contribuem para que ele fique mais feio, isso porque as pessoas, nem todas é claro, jogam entulho sobre as calçadas, em especial o lixo que é depositado nas vielas.

NOSSO CALENDÁRIO

4º Domingo de cada mês - Reunião das Comissões às 10 horas.

1º Domingo de cada mês - Reunião da Diretoria às 10 horas.

Festa Junina dias 24 e 25 de Junho

Festa da Criança, Festa da Primavera e Maratona dia 12 de Outubro.

PARTICIPEM!!!

Oficina de Teatro dia 20 de maio às 19:00 h.

CHAPA 1

CLOTILDE PRESIDENTE

TONINHO VICE

A MELHOR ESCOLHA

DURANTE DOIS ANOS LUTAMOS MUITO E O RESULTADO DA NOSSA LUTA - AS CONQUISTAS -
ESTÃO NAS RUAS DO MACEDÔNIA. OLHE E VEJA!

ASFALTO

06 ruas foram asfaltadas
01 rua está em obras

ARBORIZAÇÃO

Plantamos 1017 mudas
de árvores

SAÚDE

- . estamos lutando CONTRA a saída do PA do Macedônia
- . participamos da comissão de saúde do Posto
- . Realizamos:
 - . campanha educativa nas entidades do bairro sobre Limpeza utilizando panfletos, vídeo e palestras
 - . várias assembléias de moradores com a Chefia do Posto; a Diretora do Distrito de Saúde; com o Diretor da Adm. Regional de Saúde
 - . vários mutirões de limpeza do bairro

TRANSPORTES

- Realizamos:
- . assembléia com o presidente da CMTC no bairro
 - . várias reuniões com a Ação Comunitária da CMTC
 - . Fomos várias vezes à SMT levar nossas reivindicações
 - . participamos do processo de Municipalização
 - . estamos lutando pela linha Macedônia/Santo Amaro
 - . participamos na luta pela via férrea em Campo Limpo

ÁGUA E ESGOTOS

- . fizemos protesto contra a SABESP com a presença da imprensa
- . entregamos reivindicações e exigimos melhorias da SABESP várias vezes

CURSOS

- Promovemos:
- . tricô para adultos e crianças
 - . bordado para crianças
 - . capoeira
 - . curso de flores
 - . jardim e pré-escola

LIMPEZA

- . realizamos 04 operações cata-bagulhos
- . foi canalizado o córrego Póvoa de Varzim/Agostinho de Paiva

GUIAS E SARJETAS

- . conseguimos guias e sarjetas para 02 ruas ainda sem asfalto
- . construímos 05 vielas em mutirão

FESTIVIDADES

- Realizamos:
- . festas das crianças com shows e brincadeiras
 - . festas juninas (com a participação de outras entidades)
 - . festa de inauguração da Praça Nordeste, ochente! Terra da Gente!
 - . festa e baile da primavera
 - . bingos
 - . Participamos da gincana Quero Limpo Meu Campo Limpo - ganhamos com 627Kg de papel
 - . promovemos campeonato de dominó
 - . participamos da elaboração do projeto da Praça "Irmãs Nilza e Rosilene"

AQUELAS PESSOAS QUE NOS AJUDARAM NA REALIZAÇÃO DE TODOS ESTES TRABALHOS
MUITO OBRIGADO E CONTINUEM CONTANDO COM A GENTE.

Chapa 1

Clotilde Presidente

Toninho Vice

Chapa 1

CHAPA 1

CLOTILDE - Presidente

TONINHO - Vice

ROZÁRIO - Secretária

MIGUEL - 2º Secretário

GERALDO - Tesoureiro

JOAQUIM - 2º Tesoureiro

Conselho Fiscal

EDVALDO - Presidente

MARIA MINEIRO - Vice

SALVADOR

ARGEMIRO

JOSÉ MOTA

ARISTIDES

ZEQUINHA

PAULO - 1º Suplente

MARIA JANUÁRIA - 2º Suplente

ANTÔNIO - 3º Suplente

ALMIR - Diretor Esportivo

ANINHA - Diretora Cultural

ELIZABETH - Diretora Social



Separados pela Billings, os dois Bororés se comunicam por balsa; na Vila Yolanda, polícia não se envolve com assaltantes e o empório de Alvino Nascimento é uma vítima constante

Fotos Paulo Leite

Na periferia, o desafio dos contrastes

PEDRO ZAN

O ponto final da Viação Bandeirantes, em Campo Limpo, é um marco: separa dois bairros e seus vizinhos. O primeiro, o Jardim Macedônia, não tem asfalto e seus moradores têm de trocar de sapatos, com chuva ou sol, sempre sujeitos de lama ou poeira, antes de

entrar nos ônibus, se quiserem chegar ao trabalho de pés limpos; o segundo, o Jardim das Rosas, tem muitas ruas asfaltadas, condução próxima das casas e nenhum problema de deslocamento para sua população. Por isso os moradores do Jardim Macedônia, uma região de ruas de terra na divisa de

São Paulo com Embu, são vítimas dos “limites do conforto” que o crescimento da cidade impõe a dezenas de bairros e centenas de ruas divididas pelo ponto final das linhas de ônibus, os postes de luz e telefone, as redes de água e esgoto e a ronda da polícia. Novos investimentos ainda não come-

çaram a ser feitos no Jardim Macedônia, mas sua população já pressiona a Prefeitura para que o bairro receba os mesmos melhoramentos que existem no jardim vizinho.

Mesmo o atendimento de reivindicações, no entanto, cria dificuldades. À medida que água, luz, esgoto, asfalto,

guias e sarjetas chegam à periferia, crescem os pedidos para a extensão desses melhoramentos a regiões ainda mais carentes e distantes, onde não existe nada, nem mesmo escritório de uma das Administrações Regionais da cidade. Nessas locais concentram-se as “Biafras”, um nome que o ex-

prefeito Olavo Setúbal escolheu para identificar bairros cuja expansão é mais rápida que a oferta de recursos feita pela Prefeitura mais rica do País, e que nada têm a ver com outros — as “Suiças” — situados, em menor número, e já consolidados, na região Sul da cidade.

De um lado, poeira; do outro, o asfalto

As charretes atravessam as ruas com lentidão e seus condutores, na boléia, tiram o chapéu, quando encontram amigos e vizinhos. Às vezes um automóvel passa à frente dos cavalos, deixando um rastro de poeira. Mas ninguém reclama. Há 10 anos, o Jardim Macedônia, na divisa de São Paulo com Embu, ainda não sabe o que é asfalto em 26 de suas 28 ruas.

"Asfalto aqui não virou realidade, porque a Prefeitura não quis e a Providência não ajudou", denuncia o vendedor de doces, Antonio Alexandre Gonçalves, enquanto pedala seu triciclo, com dificuldade, pelas ruas de terra esburacadas. Do alto de um dos morros, o relações públicas do Jardim Macedônia, Gabriel Ferreira, aponta para o bairro vizinho, o Jardim das Rosas, e faz sua reclamação:

— Veja, lá adiante, como tem ruas asfaltadas em quantidade. E não há nada que diferencie os moradores daqui dos de lá. Então, como explicar que lá tem mais melhoramentos do que aqui? Como não há explicação, passamos a reivindicar mais do que eles, pois quem não chora não mama. Quem não chora fica sem nada.

A primeira providência dos moradores foi transformar o Jardim Macedônia em reduto eleitoral do deputado Artur Alves Pinto, atual secretário do Interior. "Ele pode até não conseguir obras para a gente — diz Gabriel Ferreira, um mineiro de Governador Valadares, de fala mansa, que no mês passado pagou Cr\$ 15 mil por um lote de 140 m² —, mas também nunca nega nada".

Com a cópia de um telegrama na mão, do prefeito Reynaldo de Barros para Artur Alves Pinto, o relações públicas garante que, agora, a situação mudará. Serão pavimentadas duas ruas do bairro, a serem somadas às outras duas já existentes, e sua população já

pensa em comemorar o fato com bolos e festas. Afinal, diminuem os contrastes entre os Jardins Macedônia e das Rosas.

Atualmente, o asfalto termina na entrada do bairro, onde estrategicamente fica o ponto final da Viação Bandeirantes. Mesmo assim, o maior trabalho do fiscal Coelho, há seis anos na empresa, é manter vassouras em sua guarita de madeira para a retirada da lama ou da poeira dos pisos dos ônibus. O mesmo acontece com a Panificadora J. Macedônia, de Antonio Pires, ao lado do ponto de ônibus.

Quando os ônibus param no ponto final, cobradores, como Hamilton, erguem as vassouras e limpam os coletivos, além de retirar o pó da caixa do motor, com um pano úmido. O fiscal Coelho vai além: acostumou-se a esperar os passageiros trocarem de sapato na porta da padaria, para irem ao trabalho com um par mais novo.

A Viação Bandeirantes já recebeu muitos pedidos para que o ponto final seja deslocado para as proximidades do posto de saúde do bairro. Mas isso não aconteceu, por causa das dificuldades de acesso dos ônibus. Nos últimos meses, um carro de um dos médicos do posto caiu em um buraco das muitas ruas de terra.

A falta de ruas asfaltadas é mais sentida ainda na escola de 1º grau David Nasser, com 650 alunos. A exemplo do posto de saúde, ela fica no alto de um morro e seu acesso é dificultado nos dias de chuva. Os professores calculam um índice de ausência às aulas em torno de 10% quando chove. As que conseguem chegar, molhadas e sujas de lama, são mandadas de volta para casa. Como mais importante que as aulas é o fornecimento da merenda escolar, as crianças acabam ficando nos cantos dos corredores até se alimentarem.

O drama dos pais de Nilza e Rosilene



Da direita para a esq., Silvio e Maria com os filhos Celso e Marilza e o genro Benedito

Silvio Dias Pereira Rezende e Maria Cândida Pereira casaram-se em Minas Gerais. Em 1972 vieram para o Jardim Macedônia, depois de morar quatro anos na favela de Barra Funda. Com o casal, vieram também quatro filhos: Celso, Nilza, Marilza e Rosilene.

A vida de Silvio e Maria sempre esteve atrelada à luta por benefícios para o Jardim Macedônia. "A região não tinha as mínimas condições de infra-estrutura", diz dona Maria, lembrando: "a comunidade nasceu aqui em casa."

Eles levavam seus filhos para estudar no Jardim Santa Emília, uma vez que a primeira escola do Jardim Macedônia só foi construída em 1981.

A rotina da família foi alterada em 1984. Nilza, então com 19 anos, avisara os pais que iria buscar sua cédula de identidade no centro da cidade. Em companhia da irmã Rosilene, de 13 anos, Nilza se dirigia ao Jardim Maria Sampaio, onde iriam apanhar ônibus. No Jardim Mitsutani, elas foram atropeladas na calçada por um caminhão desgovernado e tiveram morte praticamente instantânea. "Nos amparamos em Deus e na comunidade", confessa Silvio, lembrado por dona Maria que a casa vivia cheia de



Nilza em 1984, com 19 anos



Rosilene, aos nove anos, no presépio da comunidade

gente disposta a dar algum apoio.

Apesar da tristeza, que dona Maria diz não poder esquecer, a homenagem da comunidade é uma forma de mostrar que Nilza e Rosilene jamais serão esquecidas.

Hoje, Silvio, aposentado por problemas nervosos, e Maria, doméstica, continuam participando das discussões da comunidade e investem suas economias na reforma da casa. É ao lado dos filhos Celso e Marilza e do genro Benedito, que Silvio e Maria ainda procuram uma forma de amenizar a saudade que sentem das filhas.

História do Jardim Macedônia

Quem passa hoje pelo Jardim Macedônia e conhece alguns de seus problemas, talvez não consiga imaginá-lo como a Fazenda Nossa Senhora de Fátima, onde moravam dona Helena Costa de Macedo e seu marido Jorge Rodrigues de Macedo.

Com o falecimento de Macedo, dona Helena resolveu lotear o terreno. Em homenagem ao marido, a partir de 1969, a fazenda recebeu o nome de Jardim Macedônia.

Os benefícios chegaram tarde; as primeiras linhas de ônibus, a energia elétrica e as escolas só começaram a ser implantadas em 1973. O saneamento básico, até hoje deficitário, teve início no final de 1979. E tanto a pavimentação como a iluminação de vias públicas só vieram por volta de 1983. O primeiro posto de saúde do bairro foi construído em 1981.

A partir de 1979, começaram a surgir as favelas que atualmente são cinco. Os moradores do Jardim Macedônia contam também com duas creches que atendem um total de 155 crianças.

A população, estimada em 15 mil ha-

bitantes, trabalha geralmente na construção civil e em serviços domésticos e apresenta baixo poder aquisitivo, uma vez que a média da renda mensal não ultrapassa quatro salários mínimos.

Essa falta de recursos reflete diretamente no nível de instrução dos moradores. Para se ter uma idéia, 65% deles só possuem o primário incompleto, e apenas 1% tem nível universitário.

Erundina foi conhecer os problemas de Campo Limpo

Edmundo Carlos



Em Campo Limpo, Luiza Erundina também manteve encontro com as crianças

Os principais problemas que a região de Campo Limpo apresenta — que engloba uma população de 935 mil habitantes em 97 km quadrados, dos quais 60% são favelas — estão ligados ao transporte e à habitação. Foi o que constatou a prefeita de São Paulo, Luiza Erundina, depois de se reunir com o administrador da Regional de Campo Limpo, Vicente Cândido da Silva. Durante a reunião, que contou com a participação do secretário das Finanças, Amir Antonio Khair, e da secretária das Administrações Regionais, Aldaísa Sposati, Silva fez uma exposição das propostas de trabalho para a região.

Em seguida, a prefeita e sua comitiva saíram por diversas ruas dos Jardins Madalena e Irene, começando pela rua Raul de Azevedo, no Jardim Madalena, onde a administração está fazendo trabalho de pavimentação. Na rua Agostinho de Piva, no Jardim Macedônia, a prefeita vistoriou as obras

de canalização do córrego do Varzim, que tem 280 metros de extensão e é um afluente do rio Pirajussara. Em volta do córrego, a administração pretende construir uma praça cercada de área verde.

Na garagem da CMTC de Campo Limpo, Erundina aproveitou para vistoriar as máquinas e caminhões que foram recuperados desde o início de sua gestão, em janeiro deste ano.

Sua última visita do dia foi à Regional do Butantã, onde fez um balanço das outras onze que já visitou. “Todas”, disse ela, “têm problemas de falta de equipamentos ou equipamentos quebrados”. Para resolver o impasse, a prefeita acredita que as Administrações Regionais que dispõem de mais recursos devem emprestar equipamentos e mão-de-obra para aquelas mais carentes. Os sistemas de mutirão para trabalhos em comunidades e favelas também são vistos com bons olhos.

Jardim Macedônia

A pior linha de ônibus da cidade

Operada desde janeiro pela CMTC - depois que a Viação Bandeirantes foi encampada pela Prefeitura como pagamento de dívidas - a linha de ônibus Jardim Macedônia-Pinheiros tornou-se um pesadelo para os moradores do bairro, situado na zona Sul e um dos mais periféricos da Capital.

Maura Campanili

Quando Antonio Leite chega ao ponto final da linha Jardim Macedônia-Pinheiros, no Campo Limpo (zona Sul), às 6 horas, raramente tem ônibus, mas sim uma multidão inquieta pela espera. Mesmo depois que o ônibus chega, dificilmente Antonio consegue entrar. Às vezes, depois de até uma hora, resolve ir andando ao ponto final do ônibus Maria Sampaio, a cerca de dois quilômetros de distância, passando por ruas sem asfalto e esburacadas. Essa corrida contra o relógio, para quem entra no trabalho às 8 horas na rua da Consolação, talvez fosse mais fácil se Antonio não fosse deficiente físico e se locomovesse de muletas.

A rotina de Antônio é compartilhada, diariamente, pelas milhares de pessoas que dependem de linhas de ônibus precárias para chegar ao trabalho. "Ontem, cheguei no ponto e estava como a rua Direita. Quando chegou o ônibus, as pessoas começaram a invadir por trás e pela frente, o motorista ficou com medo e foi embora com o ônibus quase vazio", diz a empregada doméstica Joselice Mendes da Silva, que como outros moradores repete a maratona do empurra-empurra da linha Jardim Macedônia também na volta, no ponto inicial do largo de Pinheiros. "Tem dia que a gente só consegue chegar em casa às 10

Crise do sistema é crônica

A situação dos moradores do Jardim Macedônia não é excepcional no sistema de transporte coletivo paulistano. Com uma frota de cerca de 8 mil ônibus, quase a mesma de 1977, a cidade de São Paulo vive um de seus piores momentos nessa área.

Anunciado como prioridade da administração de Luiza Erundina, o setor dos transportes recebeu este ano a maior fatia do orçamento municipal, 18,5%, mas chega ao final de 1990 com um relatório de auditoria na Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) que recomenda a demissão de 15% de seus funcionários e comprova ilegalidades nas compras de material. Segundo o documento, que responsabiliza o último presidente da empresa, Trajano Luiz Kelmer de Andrade, pelas irregularidades, a CMTC deve dispensar cerca de 4.110 trabalhadores.

Para resolver os problemas do setor, a quarta equipe de transportes nesta administração — formada pelo secretário Lúcio Gregori e pelo presidente da CMTC, Paulo Sandroni — propõe a criação da Tarifa Zero, que tem até o final do ano para ser aprovada (ou não) pela Câmara Muni-



Na falta de filas, embarca primeiro quem empurrar mais

horas da noite", protesta Joselice, que chega invariavelmente atrasada ao serviço, às vezes chorando de raiva.

"A situação aqui sempre foi ruim, mas piorou muito depois de janeiro, quando a CMTC encampou a Viação Bandeirantes, que cobria a região", explica. "É muito difícil chegar no ponto e pegar o ônibus, pois as pessoas estão tão revoltadas, que não fazem fila".

"Hoje está todo mundo civilizado, só alguns entraram pela frente e um pela janela. Normalmente é bem pior", conta a auxiliar de escritório Edilene Gomes, que só consegue chegar às 10 horas no trabalho, no Ibirapuera. "Demoro mais de uma hora para pegar o ônibus. Para entrar é preciso invadir, ficar empurrando, porque a molecada fica

na porta e não deixa quem quer pagar entrar". Segundo os moradores do bairro, muitos já perderam o emprego desde o começo do ano, por atrasos. Os que continuam trabalhando, "contam com a tolerância do patrão".

HERÓI E VILÃO

Circulando entre as pessoas e sempre pedindo calma, o fiscal do ponto é considerado pelos moradores herói e vilão, conforme a ocasião: elogiado quando abre a porta da frente para o embarque de mulheres e crianças (que são seguidas pelo restante dos passageiros) e xingado quando fica com medo da multidão e foge, junto com o motorista. "Esta loucura se repete todo dia entre 5 e 8 horas, por causa da falta de ônibus. Os motoristas são obrigados a virar o turno a 'seco', sem descanso", desabafa o fiscal.

O maior medo dos passageiros do Jardim Macedônia-Pinheiros, no entanto, é cair do ônibus. Quando isso acontece — e não é um fato anormal — podem acabar perdendo o dia de serviço, pois acompanham

a vítima ao hospital e o ônibus à delegacia. "Quando vejo que não dá para entrar vou pendurado, mesmo com medo. O que é que se vai fazer, tem que trabalhar", diz o office-boy Gecliton Sampaio, 17 anos, que trabalha no Centro. "Esta semana, mesmo, uma mulher foi pegar a bolsa que estava pendurada e caiu para fora", conta. Mais previdente, o funileiro Edivaldo Cunha não se arrisca a ficar na porta e é adepto do empurra-empurra. "Eu vou no embalo, para não ser o último a entrar no ônibus. Não ando pendurado porque um colega meu estourou a cabeça".

A GORDA ELEGANTE

CHEGOU A COLEÇÃO DE VERÃO

A maior casa da América do Sul em TAMANHOS GRANDES de 48 a 62. Também modelos juvenis para mocinhas.

3 PAGTOS. S/ACRÉSCIMO

Av. Liberdade, 340 - C/ESTC.

Fs.: 278-1377-270-0619

CAMISAS FINAS

FÁBRICA DE RENOME ABRE SUAS PORTAS AO PÚBLICO EM VENDAS DE CAMISAS FINAS: Seda Pura, Linho Puro, Tricoline, Voal, Panamá, Chalis e outras.

PREÇO ABAIXO DO CUSTO

Atendemos de 2.ª a 6.ª feira até 17,00 hs. Sábados 9,00-13,00 hs.

FÁBRICA: Rua Ermano Marchetti, 1.915 - Lapa - 261-8233

Rua Deocleciana, n.º 103 - LUZ 228-8911

Av. N.S. Sabará, 165 - Sto. Amaro - 521-2822

SURDEZ



viennatone

Ah! Você não escuta direito?

Agora pode corrigir, sabia?

Aparelhos 1991 A partir de Cr\$

conforme exame. | 45.000,00

Prestação de acordo c/ seu orçamento.

Rua Cons. Crispiniano, 139 - 10º andar. Tels.: 37.9191

37.9192 - 37.9193 **BISSINES FERNANDES S.A. viennatone**

Inauguração de praça no Macedônia

No último dia 19 foi inaugurada no Jardim Macedônia (r. Agostinho de Paiva), a Praça "Irmãs Nilza e Rosilene", nomeado em homenagem a essas duas irmãs mortas por atropelamento no local.

Os pais, Silvio Dias Pereira Rezende e Maria Cândida Pereira, são antigos moradores do bairro (desde 1972) e ativos participantes dos movimentos para a melhoria da região durante todos esses anos.

Em 1984 as irmãs Rosilene, 13 anos e Nilza, 19, se dirigiam ao Jardim Maria Sampaio para pegarem um ônibus com destino ao centro da cidade, quando foram atropeladas por um caminhão desgovernado. Rosilene faleceu entre as ferragens do caminhão e Nilza foi socorrida, não resistindo aos graves ferimentos. A família composta ainda por mais dois filhos, recebeu o total apoio de toda a comunidade e segundo palavras da própria D. Maria Cândida "nos amparamos em Deus e na comunidade". Hoje o Sr. Silvio é aposentado e D. Maria empregada doméstica, vivendo com um salário de 3 mínimos. Apesar das dificuldades continuam sendo pessoas preocupadas com a coletividade, sempre na luta por melhorias para toda a comunidade



Muita gente compareceu na inauguração da praça.

de que ajudaram a desenvolver.

A festa de inauguração contou com aproximadamente 4 mil pessoas e com a presença de autoridades como Vicente Cândido da Silva (Administrador Regional de Campo Limpo),

João Carlos Alves (Secretário do Abastecimento do Município de São Paulo) e Rui Falcão (presidente do Diretório Municipal do PT).

Apesar da emoção entre os presentes no ato oficial de inau-

guração, a festa prosseguiu para além do previsto, sob o ritmo da lambada e de músicas sertanejas e promete ser um ponto importante para o desenvolvimento cultural do bairro, com a promoção de vários eventos.

Esgotos invadem o Jardim Macedônia

Os moradores do Jardim Macedônia, na Zona Sul da cidade, fizeram ontem uma manifestação pelas ruas do bairro protestando contra os esgotos abertos. "Várias pessoas já ficaram doentes e é possível ver ratos e baratas passeando dentro de casa", reclamava a presidente da Sociedade Amigos de Bairro, Clotilde Garcia.

Segundo ela, há cinco meses os canos de esgoto estão entupidos, o que acabou arrebitando o asfalto. "Os engenheiros da Sabesp estiveram aqui mas não resolveram nada. O mau cheiro é tanto que é preciso deixar as janelas fechadas. O número de pessoas com hepatite aumentou no bairro e essa situação não pode continuar", disse Clotilde.

Pedro Lopes de Souza mora na rua Agostinho de Paiva, 54. Sua casa fica em frente a uma vala de esgoto e sua esposa "vive com dor de cabeça, febre e vômitos".

Também existe outra boca de esgoto perto do centro comercial do Jardim Macedônia e os comerciantes afirmam que é preciso tapar os ralos para evitar a entrada de ratos e baratas nos estabelecimentos.

ESTUDOS

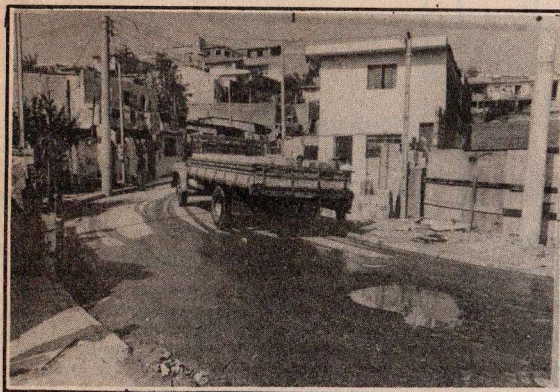
Os problemas de esgoto no Jardim Macedônia, segundo a assessoria de imprensa da Sabesp, não afetam apenas uma rua, mas o bairro inteiro. A companhia vem realizando, há um mês, estudos conjuntos com a Prefeitura de São Paulo para a revisão das canalizações de esgoto, caixas de inspeção e galerias pluviais da região, e prevê que dentro de uma semana sejam iniciadas as obras.

As canalizações, explicou a assessoria, estão saturadas e precisam ser removidas. As caixas de inspeção, um prolongamento da rede de esgoto, ficam rentes demais à superfície e acabam descobertas pelas



Moradores do Jardim Macedônia reclamam dos esgotos entupidos

O Macedônia não tem transportes nem segurança, mas tem hepatite.



Rua Póvoa do Varzin - abandono total

Uma epidemia de hepatite assola o Jd. Macedônia, Campo Limpo, decorrente das precárias condições do sistema de esgoto da região. Até o meio da semana passada já haviam sido registrados vários casos graves. Não há tubulação em 5 ruas e no resto do bairro os esgotos estão todos entupidos. "Essa situação já vem se prolongando desde abril", afirma Inalda Sugiura, 27 anos, vice-presidente da Sociedade Amigos do Bairro do Jd. Macedônia.

Cansados de reclamar sem que aconteça nenhuma melhoria, os moradores do local decidiram pôr a boca no trombone. Houve uma manifestação no centro do bairro na quarta-feira restrada, em que foi exigido providências urgentes da Sabesp, que precisa corrigir essa falha o mais breve possível.

Existem buracos de esgoto abertos defronte as casas comerciais, exalando um cheiro insuportável. É demais para cabeça!

Como se não bastasse tudo isso, o Jd. Macedônia ainda possui problemas graves como transporte e segurança, que atingem toda a periferia, mas ali cresce assustadoramente.

O aumento da população não foi acompanhado pelo aumento de ônibus que fazem as linhas para Pinheiros e Estação da Luz. Durante os horários de "pico" os passageiros invadem pelas 2 portas os ônibus que estão encostados. Não raro, o carro é depredado, como aconteceu

quarta-feira, dia 01, no ponto final de Pinheiros das linhas Macedônia e Valo Velho.

Esses acontecimentos só vem piorar o péssimo estado da frota da CMTC que serve à região. Segundo informações da Garagem da Empresa. No campo Limpo, os ônibus vivem quebrados e sem dinheiro para uma completa manutenção. A CMTC já pegou o bonde andando, pois assumiu as linhas percorridas pela Viação Bandeirantes, que foi afastada devido à diversas irregularidades que cometia.

Enquanto a CMTC não consegue dar um jeito para melhorar o serviço, o problema do transporte já virou um caso de polícia. Há 2 meses atrás foi morto a tiros o motorista "Zezito", no ponto final do Jd. Macedônia, e no último domingo no mesmo local um passageiro sacou do revólver e disparou 2 tiros contra o motorista, que conseguiu fugir.

A falta de policiamento e de uma ronda efetiva no bairro deixam a população desprotegida. Quando retornam a noite do trabalho muitos moradores encontram as casas saqueadas, sem um objeto de valor. Os pedestres sofrem perigo constante à noite, e os inocentes pagam pato. Neste triste domingo, dia 05, na rua Louis Carrand, por volta das 14hs, 2 homens desconhecidos fuzilaram barbaramente o jovem Edson dos Santos Brito, 18 anos, morador desta mesma rua. Edson era trabalhador, sem passagem pela polícia.

(M.Q.)

NOVA DIRETORIA DA SAB JD MACEDÔNIA

A Sociedade Amigos do Jardim Macedônia, em eleição realizada no dia 29/03, elegeu sua nova diretoria. Participaram do pleito 1.097 eleitores, a chapa vencedora teve maioria esmagadora, com 774 votos, contra 301 dada para a chapa 2 e apenas 22 votos nulos. A presidente da nova diretoria, Clotilde Garcia, reafirma como prioridade imediata a grave situação vivida pelos 18 mil habitantes da região quanto ao fornecimento de água pela Sabesp. Além da questão da água, que só aparece de dois em dois dias, há também os problemas de es-

goto, sem nenhum tratamento e despejado direto no córrego.

A luta é ardua, e embora a nova diretoria seja empossa somente neste dia 19/04, a batalha não pára. A sede da SAB Jd. Macedônia fica na rua Soriano de Albuquerque nº 77. A diretoria eleita é a seguinte:

Presidente: Clotilde Garcia
Vice-Pres.: Antonio Rodrigues Pardinho

1º Tesour.: Geraldo Joanito

2º Tesour.: Joaquim P. Neves

1º Secret.: Rosário Porto

2º Secret.: Miguel Ferreira

